

data 09/10/97

cod. DED00016

Dossiê:

Agonia do Povo Dení

Conselho Indigenista Missionário

CIMI - Brasília

DOSSIÊ :

AGONIA DO POVO DENÍ

**DO: CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO
-CIMI**

**AO: MINISTÉRIO DE JUSTIÇA
À FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
AO MINISTÉRIO DE SAÚDE
À FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE - FNS
AO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE - CNS
À COMISSÃO INTERSETORIAL DE SAÚDE
INDÍGENA - CISI**

Brasília, 15 de novembro de 1995

Dossiê

Relação dos documentos:

- * A Agonia do Povo Dení
- * CIMI denuncia Agonia do Povo Dení
- * XIV. Encontro Nacional de Saúde do CIMI adverte perigo de extinção do Povo Dení
- * Introdução ao Dossiê
- * Resumo da situação de saúde do Povo Dení
- * Laudo antropológico sobre os Dení
- * Documento dos Oxana Dení
- * Recortes de jornais sobre epidemias nas comunidades Dení

CIMI denuncia agonia do Povo Dení

Falta de vontade política do governo provoca uma das mais graves crises no estado de saúde dos povos indígenas

O Povo Dení vive sua maior tragédia de descaso do governo com saúde:

- * 15% da população com tuberculose*
- * Surtos de malária falciparum*
- * 40% da população com anemia*

Foramitas
Outubro de 1995

O XIV. Encontro Nacional de Saúde do Conselho Indigenista Missionário - CIMI -, realizado entre os dias 21 e 25 de agosto de 1995, em Brasília-DF, adverte:

O Povo Dení, localizado no Estado do Amazonas, com uma população de aproximadamente 500 pessoas, corre o risco de extinção por causa do violento decréscimo de sua população nos últimos quatro anos, em decorrência de surtos repetidos de malária, sarampo e tuberculose. As seis aldeias situadas no Rio Xerui já sofreram um decréscimo populacional de 20% nos últimos quatro anos. Em 1990, contava-se com 54 crianças na faixa etária de menos que 4 anos; em 1994, apenas com 11 crianças nesta mesma faixa.

Dossiê : Agonia do Povo Dení

Introdução

O Povo Dení, com uma população de aproximadamente 500 pessoas, em pequenos povoados localizados entre a margem esquerda do Rio Xeruã e as regiões centrais dos rios Cuniúá, Mamoriá, Pauini, Teuini, Inauini, Kapaná e seus afluentes, no sudoeste do Amazonas, vive o risco de extinção por causa do violento decréscimo de sua população nos últimos quatro anos provocado por surtos repetidos de malária, sarampo e tuberculose.

Seis aldeias, situadas no Rio Xeruã, já sofreram um decréscimo populacional de 20%.

O contato com a sociedade nacional deu-se principalmente com a chegada da frente extrativista, aos meados do século XIX, quando os Dení foram usados como mão-de-obra na exploração do látex de sorva e seringa. O modelo econômico de patrão e fequês, implantado então, perdura até hoje, consistindo na troca da produção por bens industrializados de primeira necessidade, como sal, querosene, tecidos, panelas, etc. Assim, gerando a desestruturação de seu sistema econômico tradicional de agricultores, caçadores e coletores, aumentando sua dependência da economia regional e consequentemente a fome.

Em 1991, várias famílias Dení que se tinham deslocado de suas aldeias para trabalhar na extração de madeira foram acometidos por uma epidemia de sarampo que grassava por lá, matando 66 pessoas Dení: 22 pessoas de uma única comunidade Buturu.

Hoje, todas as aldeias mantêm relações de troca com determinados patrões que moram na área e que são intermediários dos empresários da região. Os patrões, inseridos dentro de um sistema econômico rudimentar, mantêm seu poder político e econômico, inclusive estendendo seu domínio sobre as decisões básicas nas comunidades Dení. Hoje, é a extração de madeira que vem sendo o fator mais relevante de agressão à integridade física e cultural dos Dení e ao meio ambiente.

No dia 05 de junho de 1992, realizou-se na aldeia Kumaru o primeiro encontro de todos os Patawahu (tuxaua) Dení onde denunciaram o descaso do governo em relação à saúde Dení, sobretudo no caso da epidemia de sarampo que vitimou 66 pessoas.

Neste encontro, os tuxaua fizeram as seguintes reivindicações:

- * formação de uma equipe permanente para esta área;
- * necessidade de remédios;
- * construção de uma casa de apoio aos índios na cidade Carauari-Am;
- * implantação de um sistema de fonia;
- * implantação de infra-estruturas para apoiar sua produção, como por exemplo ferramentas, motores para canoas, barcos com motor de centro;
- * abertura de pistas de pouso para helicóptero;

Foi também redigida carta de anuência, na qual os tuxaua concordam com a área identificada através da Portaria nº 1813/75, com a extensão de 998 mil e 400 hectares.

O CIMI N I, através de suas equipes de atuação em área, sempre apoiou as propostas dos tuxaua Deni. São estas as propostas:

- * criação de uma casa de Índio em Carauari;
- * formação de uma equipe permanente de saúde em área;
- * formação de agentes de saúde indígena;
- * atendimento em conjunto entre CIMI, UNAIS, FNS, e ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS;
- * intensificação de viagens da FNS a fim de manter controle sobre a situação de saúde Deni.

Resumo

Situação de Saúde do Povo Deni do Xeruçã

ELABORAÇÃO

Sector de Saúde CIMI Uruel

Nicolas Freitas

Maria das Dores Monteiro

Introdução

As informações e os dados contidos neste resumo estão baseados no relatório da viagem para a área Deni em Novembro de 1995, realizado pelo Setor de Saúde do CIMI Norte I, a equipe do CIMI de área e a Fundação Nacional de Saúde. Após a viagem, a equipe elaborou propostas que foram discutidas a nível estadual e federal com todos os órgãos responsáveis pela saúde indígena. A situação crítica desse povo foi divulgada e denunciada na imprensa e na televisão, contudo, desde então nenhuma intervenção concreta tem sido tomada. Essa complacência perante o risco de extinção desse povo é uma vergonha para todos nós. Portanto, o que mais devemos fazer para a agonia do povo Deni seja escutado?

SITUAÇÃO DE SAÚDE

Saúde geral e análise de dados demográficos

Desde seu contato traumático com a sociedade envolvente, o povo Deni tem sofrido uma série de epidemias que vem devastando sua população. Devido esta situação crítica, as comunidades quase não tem tempo para recuperar sua saúde e se organizar antes de serem acometidas por um novo surto. Por isso este povo vem sofrendo em decréscimo assustador em sua população, de 359 em 1990, a 277 em 1992, até 241 nesse ano. A demografia da população também mostra uma queda precipitada da porcentagem de crianças com menos de 4 anos: de 21% (total de 74) em 1990, até 6% (total de 14) em 1994 (anexo I). Isso é um sinal preocupante de uma população que não está se recuperando ou seja crescendo. A proporção de mulheres na população também é baixo e está diminuindo, de 49% em 1990 a 45% em 1994, prejudicando a fertilidade. No entanto, na viagem percebeu-se mais gestantes em comparação ao último ano, um total de 16, sendo que 12 pertencem a aldeia Buzina

O número de pessoas com anemia e/ou desnutrição, mostra a gravidade e o caráter crônico dos problemas de saúde (anexo II). As doenças específicas que atualmente mais atingem essa população são a malária e a tuberculose, agora responsáveis pela alta taxa de morbidade e mortalidade.

Malária

É difícil avaliar o problema da malária na área com os dados de apenas uma viagem. Por isso eles são mais significantes no contexto da situação de malária regional, em comparação aos dados dos anos prévios, e com referência aos sinais crônicos dos ataques repetidos, como anemia e esplenomegalia (baço inchado).

Infelizmente, os dados da FNS de prevalência da malária nos últimos anos na região, não estão disponíveis, mas a equipe que trabalha com malária registrou nesse tempo um crescimento acelerado, especialmente por malária falciparum, sendo que eles relacionam isso com a falta de material como produtos químicos para borrifação, microscópio solar e outros materiais de laboratório, e também a precária situação da frota de barcos e equipamentos para os mesmos.

O crescimento citado e essa mudança na proporção de casos de falciparum e vivax é notável também nos dados das viagens realizadas área Deni em 1992 e 1994. Em Novembro de 1992 foram diagnosticados **15** casos de malária vivax. Este ano, durante a viagem, no mesmo mês, **36** casos de malária foram comprovados, dos quais **80% foram falciparum** e **20% vivax** (anexo II). Isto representa mais do dobro do número de casos e um crescimento assustador na proporção de casos causados por falciparum - espécie conhecida por suas complicações e o perigo de mortalidade, além do problema da resistência.

Em termos das consequências crônicas dessa alta taxa de infecção - anemia e esplenomegalia são as mais notáveis. Durante a viagem foi realizado um exame em cada pessoa para documentar o tamanho do baço e o nível de anemia. **75%** das pessoas examinadas tem **baços palpáveis** (esplenomegalia), indicando ataques repetidos de malária. Delas, **56%** tem esplenomegalia moderada ou grave. Com referência à anemia, **38%** tem **anemia significativa**, dos quais **36%** tem anemia moderada e **20%** tem anemia grave (anexo III). É evidente que essa doença assim com suas consequências estão tendo repercussões críticas, com mais de um terço da população com anemia evidente e **15%** com malária aguda. Portanto, acreditamos que a intervenção para diminuir o nível de malária que atinge a população Deni seja uma meta prioritária, fator esse que determinará sua recuperação e sobrevivência no futuro.

Tuberculose

Parece que desde seus primeiros contatos com a sociedade envolvente, a Tuberculose vem sendo um problema que cada vez mais atinge a população Deni. Entre 1957 e 1962 o Padre José Lodewijsk visitando as aldeias Deni do rio Xerua, constatou a presença de casos de Tuberculose. Em 1979 uma equipe da prelazia de Tefé visitou todas as aldeias do rio Xerua, fazendo um levantamento do número de pessoas e da situação de saúde. Foram verificados que durante os últimos anos tinham acontecido **85** mortes por Tuberculose, sendo documentados por nome e

aldeia. Desde então tem sido registrados inumeros cassos de tuberculose na Casa do Índio em Manaus sem planejamento específico para criar um programma de controle na área (anexo V).

A viagem de atendimento foi uma oportunidade para reconfirmar a continuidade e a gravidade desse problema e também destacar o seu impacto. Durante a viagem uma Índia Deni, Sehira, de 25 anos, já em estado terminal de tuberculose, morreu no barco, sendo que a mesma já tinha ido várias vezes para Manaus, mas sem conseguir completar tratamento. Foram diagnosticados 19 casos de tuberculose de acordo com seus sintomas e sinais (anexo IV). Desse número, 2 são do tipo ganglionar e 7 foram confirmados pelo exame de BAAR. Treze casos, foram encaminhados para Manaus e os demais ficaram em observação.

Após a viagem surgiram ainda mais casos de tuberculose, que vem sendo encaminhados para Casa do Índio em Manaus. Por causa de ser uma doença difícil de diagnosticar e ainda mais nos povos indígenas, muitos desses casos suspeitos voltaram para a área, antes de conseguir uma diagnóstico e sem tratamento. Mais preocupante ainda são os casos de resistência que já existem, complicando ainda mais o encaminhamento e tratamento.

Outras Doenças

Como já foi citado, a atual taxa de morbidade e mortalidade se deve pela alta incidência de tuberculose e malária. Além dessas doenças, existem problemas de pele - infecção secundária por picada de insetos especialmente do Pium e infecções fúngicas também são bastante comuns. O nível de infestação com vermes e ameba, clinicamente, parece bastante baixo, com somente 11 casos tratados no total, durante toda a viagem; Infecções respiratórias, gripe e pneumonia, não foram encontradas, e doenças diarreicas tem baixa incidência. O perigo de uma picada de cobra existe constantemente, cada aldeia possui uma pedra preta (utilizada pelos Deni para o tratamento). Na viagem houve um caso que foi tratado com soro antiofídico

ASSISTÊNCIA E INFRA ESTRUTURA NA REGIÃO

A área indígena do Médio Juruá com uma população média de 400 pessoas formada pelos povos Deni, (seis aldeias), Kanamari (uma aldeia) e Kulina (duas aldeias), situa-se entre os municípios de Itamarati e Carauari. Essa população conta com as seguintes entidades na assistência de sua saúde.

Fundação Nacional de Saúde - FNS

Órgão do Ministério da Saúde responsável pelo controle das endemias no país, atua na região com o objetivo do controle da malária. Possui um quadro de 14 (quatorze) funcionários, e um posto de notificação na boca do Xeruã, que por ser longe das aldeias não responde a necessidade do povo Deni. Atua também nos programas de imunização que são realizados pela equipe do DSY-Manaus. Até a revogação do Decreto 23 possibilitava a remoção de pacientes para atendimento de urgência, em Carauari, Itamarati ou Manaus. A carência de recursos materiais na área são os principais entraves para o trabalho da FNS no local.

Fundação Nacional do Índio - FUNAI

FUNAI é a órgão indigenista oficial, ligado ao Ministério da Justiça. Na área de saúde, ela é responsável pela infraestrutura na região para atender as comunidades indígenas (postos de saúde na área, casa do índio nas cidades locais e os recursos humanos necessários) e pela transferência de pacientes que necessitam de tratamento na cidade local ou em Manaus. A FUNAI tem como polo base - Tefé, sem qualquer presença em Carauari ou Itamarati, que dificulta qualquer encaminhamento das ações na região.

Secretaria de Estado de Saúde - SESAU

Órgão do Governo do Estado do Amazonas, dispõe de uma unidade hospitalar na sede dos municípios de Carauari e Itamarati. Porém o nível de complexidade dos serviços é simplificado, devido a escassez de medicamento e material, exigindo atendimento e tratamento especializado em Manaus. Além disso o acesso das populações indígenas aos serviços oferecidos são considerados difíceis devido as longas distâncias e a falta de transporte (barcos, motos, etc) assim como combustível disponível para o deslocamento. Os Deni que vêm a Carauari para tratamento ou transferência, sem parentes em na referida cidade ou qualquer infraestrutura local da FUNAI, geralmente dependem do apoio da prelácia para alojamento e alimentação.

Prefeituras

O município de Itamarati não possui uma estrutura que dê referência para atendimento da população indígena e, falta ainda na cidade um banco e posto telefônico, embora a construção prevista do aeroporto da cidade venha facilitar o acesso ao município. Portanto, devido essas limitações, seria difícil montar uma infraestrutura para atendimento aos povos indígenas em Itamarati, embora seja a sede do município que se localiza a área deni.

A Prefeitura tem uma representação em Manaus e o representante do Prefeito e em Carauari e tem apoiado as viagens na área, com seu barco e recursos humanos.

CIMI - Conselho Indigenista Missionário

As pessoas que tem tido uma presença mais constante na área Deni tem sido indigenistas do CIMI. As primeiras viagens foram feitas entre 1957 e 1962 por Padre José Lodewijks. Em 1979 uma equipe da prelazia de Tefé fez um censo e levantamento sobre a situação de saúde dos povos Deni do Xerua. Em seguida houveram duas viagens em 1982 e 1985 com equipe composta pela Pastoral Indigenista de Tefé, paróquia de Carauari e membros da FNS. A viagem de 1985 além de refazer o censo, identificou a terra indígena e propôs um projeto permanente na área. Esse projeto foi elaborado em 1987, e desde então tem sido uma equipe do CIMI que permanece na área. Agora essa equipe é composta por dois técnicos indigenistas, Teka que atua na área de educação e Kel que assumiu um papel na área de saúde. Eles passam em média 06 meses por ano na área, tendo como polo base Carauari. Além das condições inadequadas - problemas referentes a sua própria saúde, falta de formação técnica da equipe e ausência de infra-estrutura para assistência - falta o apoio dos órgãos oficiais tornando se quase impossível a assistência à saúde do povo Deni.

AVALIAÇÃO E PROPOSTAS

Após a viagem de atendimento de saúde a equipe técnica fez uma avaliação, elaborando um diagnóstico da situação com propostas, onde evidencia-se a necessidade de uma intervenção urgente, especificamente contra as duas doenças mais prevalentes, malária e tuberculose, numa tentativa de quebrar o círculo vicioso de doença e morte em que esse povo se encontra. A formação dos agentes de saúde, a auto-sustentação e a demarcação e a garantia da terra são prioridades. As propostas abaixo relacionadas são sugestões para se iniciar uma discussão e começar a atuação na área, sendo efetivada a partir do compromisso de cada entidade envolvida.

Infraestrutura da região

Falta uma rede de assistência para os Deni na região, pois quando adoece, fazem uma longa e traumática viagem para Manaus, sem a segurança de receber tratamento adequado. É inviável tentar enfrentar a alta taxa de doenças sofridas de modo coerente, sem nenhuma infraestrutura na área. A criação dessa infraestrutura seria prioridade, cabendo o papel a FUNAI.

Propostas

1. Criar uma Casa do Índio em Carauari, com as seguintes especificações;

Estrutura física

- ~ Espaço para o alojamento de 20 pacientes com armadões para redes, e uma sala com 2 camas para os pacientes mais graves ou os casos pós-cirurgia
- ~ Cozinha completa
- ~ Refeitório
- ~ 4 banheiros
- ~ Consultório
- ~ Sala de enfermagem
- ~ Farmácia
- ~ Sala de administração

Recursos humanos

- ~ 1 enfermeira
- ~ 6 auxiliares de enfermagem
- ~ 3 cozinheiras
- ~ 2 serviços gerais

2. Criar um posto da Funai no Xerué, (localidade Noqueira), servindo de referência para diagnosticar e tratar os casos de malária e atender os outros problemas de saúde.

Estrutura e equipamento

~ Casa com 4 quartos, uma sala, cozinha, banheiro.
~ Consultório/Laboratório, com uma farmácia e microscópio.
~ Radiofonia
~ Voadeira com motor 25

Recursos Humanos

~ 1 microscopista
~ 1 auxiliar/cozinheira/serviços gerais
~ 1 prático de voadeira

3. Realizar duas viagens por ano na área com os seguintes objetivos;

- ~ vacinação
- ~ borrifação
- ~ atendimento médico e levantamento epidemiológico
- ~ atendimento odontológico
- ~ diagnosticar e tratar casos de malária e tuberculose
- ~ formação de agentes de saúde

Outros recursos humanos previsto na região

A equipe do CIMI em Caruaru em convênio com a ONG inglesa, UFAIS, conta atualmente com uma profissional de saúde (enfermeira/antropóloga).

Formação de Agentes de Saúde na área.

Devido cronicidade das doenças sofridas por esse povo, a formação de Agentes de Saúde (AIS) Deni, terá um papel fundamental na prevenção e tratamento das doenças, como p.ex. acompanhamento do tratamento de tuberculose e malária. Sua formação será um passo importante na luta por um nível de autonomia na área de saúde

Proposta

Com a assessoria do Setor de Saúde do CIMI, realizar-se-á na aldeia Bugina o primeiro treinamento para AIS durante a viagem planejada para fevereiro de 1996. Além da formação em suas próprias comunidades, esses agentes deverão ser incorporados no treinamento dos AIS da FUS em Firunçpé.

Metas específicas para combater a malária

Na área Deni a malária já está endêmica sendo difícil evitá-la completamente nas comunidades. No entanto, com um programa coerente, pode ser possível diminuir os altos níveis de infecção e as consequências crônicas nas comunidades, como também reduzir a proporção de casos de Falciparum. Para isso, além de borrifação, é necessário elaborar um programa de diagnóstico e tratamento.

Propostas

Durante as viagens bianual, propomos um laboratorista em cada aldeia (7 no total) durante 2 semanas, para diagnosticar e tratar todos os casos de malária que surgirem nesse período. Ao mesmo tempo, propomos a termonebulização em cada comunidade. Essa meta diminuirá as reservas de malária nas comunidades por um tempo. Instalar um posto de saúde no Xeruã com um laboratorista e equipamento para diagnosticar e tratar casos de malária, que ajudaria a baixar os níveis de infecção. Os AIS nas comunidades poderiam ser treinados na coleta de lâminas para levá-las ao posto e acompanharem o tratamento.

Seria mais eficaz diagnosticar e tratar os casos enquanto aparecem nas comunidades, e conhecendo as dificuldades de acesso na área, sugere-se a formação eventual dos AIS na leitura das lâminas. Pretende-se discutir essa proposta com as ONG's, Médicos Sem Fronteiras (MSF), que têm experiência no controle de malária e especificamente na formação de microscopistas indígenas.

Metas específicas para combater a tuberculose.

Para abordar o problema de tuberculose nas comunidades temos que pensar nas dificuldades no tratamento e no diagnóstico dessa doença. Um dos grandes desafios é de assegurar o tratamento completo de 6 meses nos casos diagnosticados. O sistema atual com a transferência de pacientes para Manaus durante 6 meses de tratamento, é oneroso e ineficiente. Muitos deles por causa das dificuldades logísticas e burocráticas dos órgãos oficiais, não chegam até Manaus. Outros começam mas não completam o tratamento ou voltam para a área sem ter sido diagnosticado.

Proposta

Uma Casa de Índio localizada na região, já proposta anteriormente, dando apoio em termos de alimentação e alojamento, asseguraria o acompanhamento durante o tratamento, sem necessidade de deslocar o paciente da região. O tratamento a ser acompanhado nas próprias comunidades, seria futuramente um papel importante do agente de saúde na área.

Em termos do diagnóstico, baciloscopia, geralmente é um método bastante ineficiente nos casos de tuberculose, particularmente em povos indígenas. Por isso é preocupante o número de casos que deram BAAR positivo durante a viagem, indicando um alto nível de contaminação. Não obstante, seria útil ter acesso aos outros métodos para diagnosticar os casos de BAAR negativo e os que não tem escarro, como cultura ou sorologia. Mas esses métodos são tecnicamente mais complicados, precisando-se de técnicos especificamente qualificados. Propomos uma busca ativa de casos na área, com uma equipe do Cardoso Fontes/INPA/Hospital Tropical, para identificar em uma única vez todos os casos prováveis de tuberculose. A vantagem deste método será a quebra do ciclo de infecção, num prazo bastante curto, mesmo que surjam novos casos da doença, será de forma mais esporádica

1

O Povo Dení

Laudo antropológico

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO

- CIMI -

Brasília, novembro de 1995

O Povo DENÍ

- I. Situação geográfica e ecológica
 - O meio ambiente dos índios Dení
- II. Identificação da área
 - 1.) Referências históricas: ocupação dos Vales Purus/Juruá
 - 2.) Contexto socio-político e econômico
- III. Ocupação da terra
 - 1.) Autodenominação e língua
 - 2.) Organização sócio-econômica
 - 2.1) Parentesco
 - 2.2) Censo e Levantamento populacional
 - 2.3) Meios e atividades de subsistência :uso da terra
 - 3.) Aspectos culturais
 - 3.1) Vida social da comunidade
 - 3.2) Aspectos etno-religiosos
 - 3.3) Tecnologia Dení
- IV. Os índios em contato com organismos missionários
- V. Proposta de área
- VI. Indicações bibliográficas

I. Situação geográfica e ecológica

Meio ambiente dos índios Dení

A situação ecológica do habitat Dení

Aspectos geográficos

O povo Dení reconhece seu habitat tradicional situado nas planícies dos rios Purus e Juruá, ambos afluentes do rio Solimões, entre os rios Cuniuá, afluente do rio Purus com orientação oeste-leste, e o rio Xeruã, afluente do rio Juruá com orientação no mesmo sentido.

Os Dení designam os rios que abrangem seu habitat com os seguintes termos:

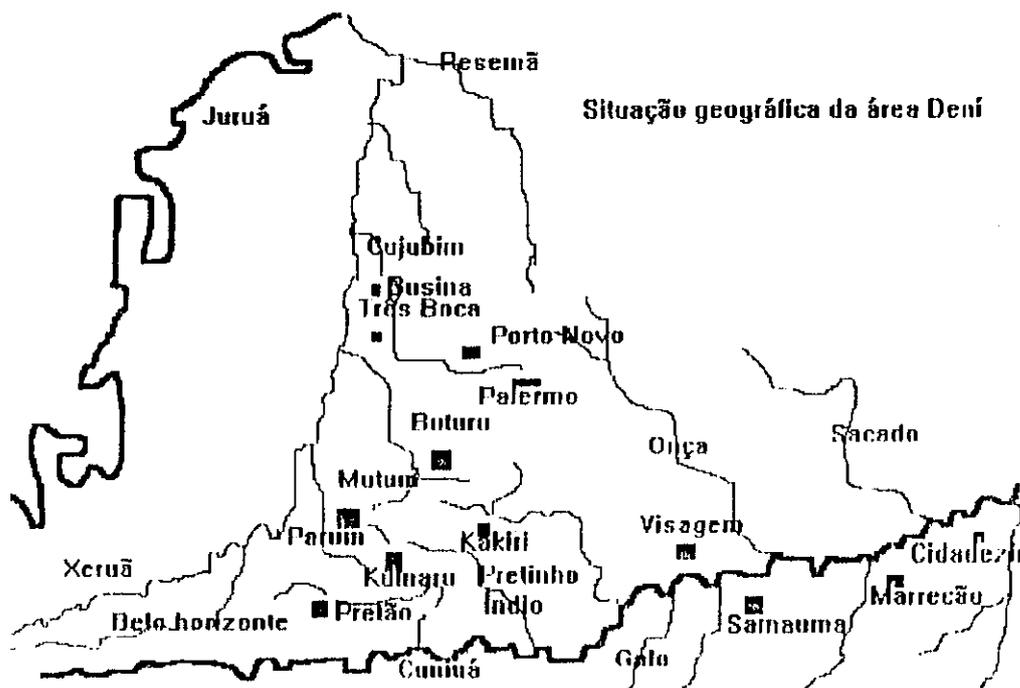
NAPI - rio Purus

ZURUMU - rio Juruá

KUNIVA - rio Cuniuá

SHIRUHA - rio Xeruã

As faixas das planícies fluviais dos rios Purus e Juruá, agentes de drenagem destas áreas, têm a largura de até 20 km, representando as aluviões atuais, onde se encontram furos, paranás e lagos formados por antigos meândros ou por barragens. Englobadas na planície amazônica, elas se posicionam inferior aos 100 m. Seus cursos são meândricos, com seções retilizadas, conhecidas regionalmente por praias e estirões.



O ecossistema

O ecossistema compõe-se da interação de clima, solo, fauna e flora. Neste processo atuam fatores físicos e químicos, responsáveis pela vida vegetal e animal. Os mais importantes fatores dizem respeito à idade do solo e às características do clima, particularmente à temperatura e ao índice pluvial.

Os solos e o clima: Nas planícies fluviais dos rios Purus e Juruá predominam sedimentos silício-argilosos e areias de granulação geralmente fina, constituindo barrancos e praias fluviais, estas ocupando quase sempre as margens convexas dos meândros.

A estrutura sedimentar dos rios Cuniuá e Xerua geralmente é formada por arenitos felspáticos com cores vermelho, amarelo e marrom, e por arenitos quartzosos com cor cinza-esverdeada.

Os divisores de água do alto Cuniuá e Xerua e de seus afluentes representam áreas de relevo dissecado em forma de colinas. São chamadas aluviões antigas em terraços, que junto com as aluviões atuais foram formadas no Holoceno. Provavelmente parte dos sedimentos aluviais tem sido levada desde a instalação das planícies fluviais em níveis mais baixas e protegidas por uma cobertura vegetal de floresta tropical densa e por uma rede de drenagem considerada recente. Nesta área de interflúvios dissecados em colinas e cristas, conhecidas regionalmente como terra firme, registra-se principalmente os solos Podzólicos vermelho amarelo álico de textura argilosa, e de Podzólicos vermelho amarelo plintico de textura argilosa.

Os solos das terras firmes que datam do Terciário são extremamente ácidos e deficientes em alimentos nutritivos de plantas. E a temperatura afeta diversos processos biológicos e químicos decisivos para a manutenção da fertilidade do solo. A formação do humus, por exemplo, acontece somente com a temperatura abaixo de 25 graus C. A chuva atua na superfície do solo pela erosão, e conseqüentemente pelo transporte de partículas nutritivas. E a combinação de temperatura quente e alto índice pluvial afeta o solo sob aspectos químicos: alumínio e óxido de ferro são retidos, prejudicando a presença de amônia, sal, potássio e magnésio, todos importantes como alimentos para as plantas.

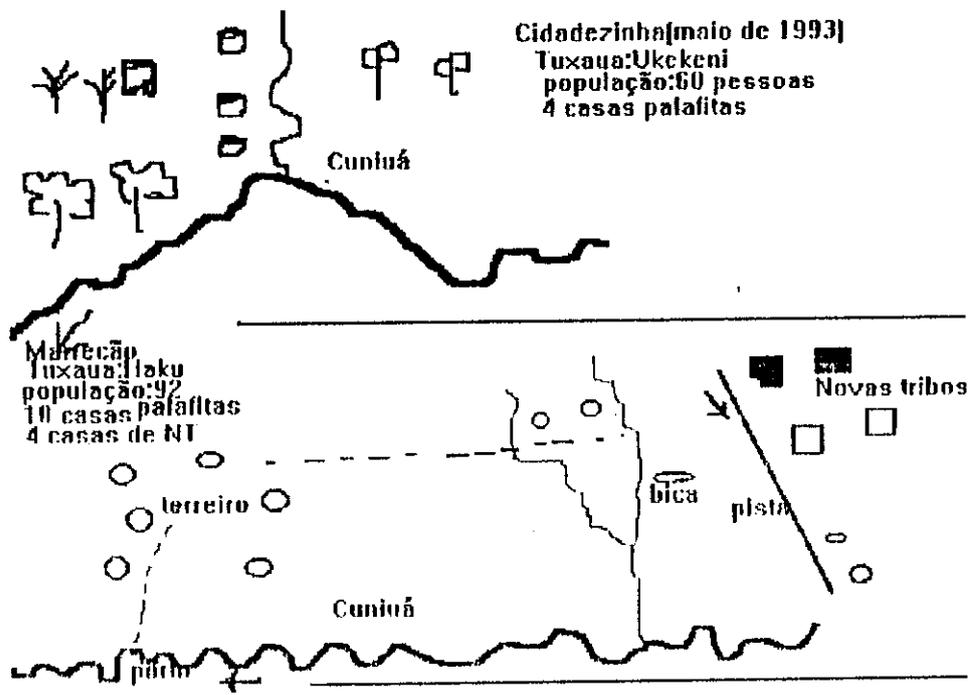
Ambiente vegetal : Nas aluviões antigas que constituem as terras firmes existem terraços geralmente bem drenados e áreas mal drenadas com solo argiloso. Os solos bem drenados propiciam um ambiente favorável ao estabelecimento de espécies vegetais de maior porte, devido a expressiva camada de matéria orgânica, ao passo que nas áreas mal drenadas, que são os interflúvios tabulares e áreas aluviais, verifica-se a concentração de palmáceas. Nota-se que mesmo nestas terras firmes ocorrem inundações periódicas que embora alcançando também as cabeceiras dos igarapés, são drenadas em tempo relativamente curto.

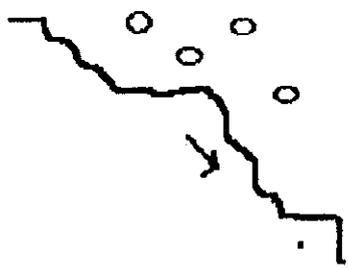
Apresenta-se, portanto, um quadro com ambiente de floresta tropical densa tanto nas terras firmes como nas áreas aluviais periodicamente inundadas que abrangem os interflúvios tabulares e as áreas aluviais. As áreas de aluviões recentes, marginais aos rios e influenciadas pelas cheias anuais e caracterizadas por vales, são ocupadas pela comunidade vegetal constituída principalmente pelas florestas de palmáceas.

Constata-se que a vegetação florestal é exuberante, embora as condições de temperatura e chuva apresentem fatores negativos ao clima da planície tropical. Existe, portanto, um equilíbrio ecológico na vegetação, anulando ou ao menos contrabalançando os efeitos negativos de temperatura e chuva. Grande destaque na preservação do equilíbrio ecológico tem a abóbada de folhagens verdes que funcionam captando os nutrientes, armazenando-os e protegendo o solo contra erosão. A folhagem que cai ao chão é responsável pela devolução de matérias nutritivas no solo. O aproveitamento máximo dos nutrientes se dá através de justaposição de plantas com diferentes necessidades. A grande proliferação de espécies exemplifica este fato.

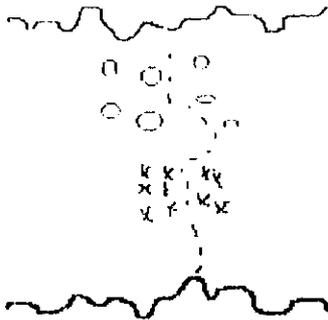
Os rios Cuniuá e Xeruá e seus afluentes são de águas pretas que não beneficiam a várzea com uma camada de aluviões férteis, ao contrário das várzeas de águas brancas onde os novos depósitos contêm amplas qualidades de nitrato de sódio, carbonato de cálcio, sulfato de magnésio, superfosfato, cloreto de potássio e outros nutrientes importantes.

Os lagos de água preta, ali existentes, são geralmente de formação fluvial, antigos paleomeândros do rio. Apesar do alto grau de acidez e de baixo teor nutritivo criam pela acumulação de chuva e pelas enchentes condições boas para as plantas aquáticas e para o fitoplankton, podendo por sua vez desenvolver uma fauna diversificada.



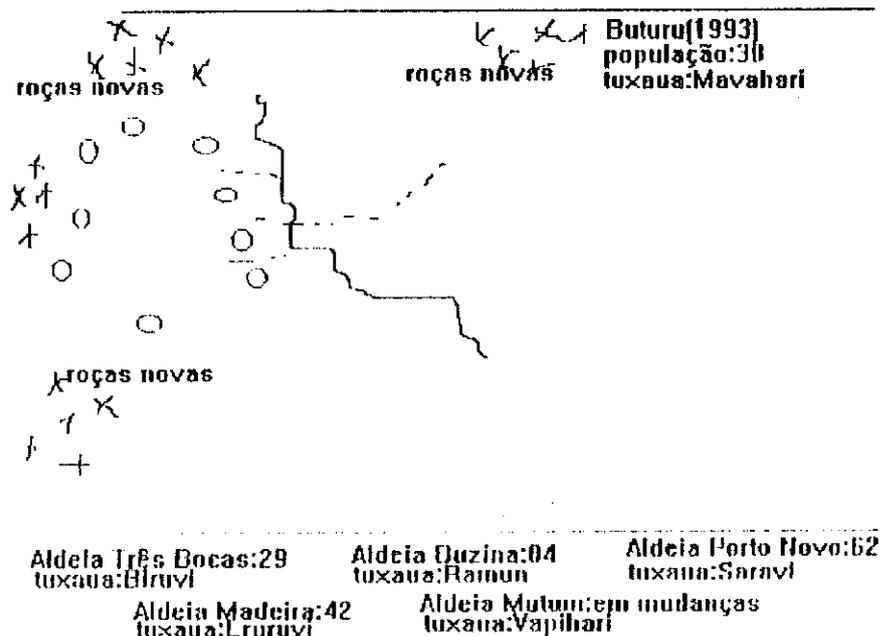


Visagem
população:52
4 casas palafitas
tuxaua:tapa



Kumaru
população:39
7 casas palafitas
tuxaua:Koaman

Igarapé do Índio



Os recursos: A provisão dos meios de subsistência dos índios Deni vem da floresta tropical em forma de caça, pesca, coleta (extrativismo), e agricultura. Constatamos que o solo da floresta tropical é de baixo teor produtivo e conseqüentemente de potencial agrícola limitado. Por outro lado, os recursos alimentícios silvestres são abundantes apenas nas áreas extensas, fato que exige movimentação migratória dentro do habitat. A dificuldade de prover os meios de subsistência condiciona a vida dos índios, favorecendo uma relação íntima com o meio ambiente. Os Deni adaptaram-se a uma vegetação de baixa fertilidade do solo, com deficiência em vitaminas e sais minerais, a um ecossistema, portanto, que atrasou o desenvolvimento da fauna, apresentando uma vegetação de grande porte, mas limitada de valor protéico.

Algumas espécies florestais de maior importância do ambiente da floresta densa.

nome regional	nome científico	nome Deni
muiratinga	<i>Pseudolmedia murure</i> Standl.	aruni
copaiba	<i>Copaifera</i> spp.	karuma
seringueira	<i>Hevea brasiliensis</i>	sirika
sorva	<i>Couma guianensis</i> Aubl.	apie
ucuba	<i>Viola divergens</i> Ducke	eki
pequiá	<i>Caryocar glabrum</i> Pers.	ezei
abiorana	<i>Elaeoloma glabrencens</i> Aubl.	vasuma
uxi		tsiru
ingá		imi

Nos interflúvios tabulares e áreas aluviais destacam-se os seguintes agrupamentos

nome regional	nome científico	nome Deni
açaí	Euterpe spp.	maraka
patauá	Oenocarpus bataua	Hava
bacaba	Oenocarpus bacaba Mart.	Hava zura
paxiuba	Iriartea exorrhiza	zani
mumbaca	Astrocaryum mumbaca	ativa
caranaí de 4 folhas	Lepidocaryum tenue	Uza tikiri
caranaí de 2 folhas	Lepidocaryum tenue	uza putahari
tucumã	Astrocaryum tucuma	Kuriva bunu
joari	Astrocaryum jauary	etepere

O sistema ecológico condicionou os Deni a uma vida semi-nômade. Ao longo de sua história tem passado por um processo de adaptação ao ecossistema da floresta tropical, chegando a praticar uma feliz simbiose entre agricultura, pesca, caça e coleta, unindo, assim, todos os recursos alimentícios disponíveis para obterem os meios de subsistência: o aproveitamento do solo desprovido de fertilidade e portanto improdutivo, a exploração de fauna e flora e a coleta de matérias-primas e de frutos silvestres.

A submata do ambiente da floresta densa nos interflúvios dissecados em colinas é rala, com as espécies de ubim e caranaí; a submata nos interflúvios tabulares e nas planícies aluviais periodicamente inundadas pode ser mais densa, acomodando ubim, caranaí, marajá, murumuru e mumbaca. O ambiente da palmácea joari é área de influência fluvial, sobretudo nas praias das beiras de rios e igarapés.

O extrato herbáceo (sub-bosque) é constituído por indivíduos gramíneo-lenhosos, dos quais se destacam taboca, capim-navalha, espera-ai, sororoca, e os cipos titica, ambé, tracoá, escada-de-jaboti, rabo-de-camaleão, etc.

O ambiente de interflúvios tabulares sofre no inverno, entre os meses de dezembro e maio, várias inundações; algumas áreas permanecem alagadas durante toda a estação de chuva. Depois do último repiquete, no fim do mês de maio, geralmente marcado por dias de friagem os rios secam, e suas águas são drenadas num estreito leito entre barrancos e praias, caracterizadas pela palmácea joari, cujos cocos, no inverno, servem de recursos alimentícios aos peixes, e no verão, aos animais. As praias são o habitat de quelônios que ali desovam.

Relação entre a exploração da situação ecológica e a cultura

nome port.	nome indígena	nome cient.	objetos culturais
cipó titica	tsahu pavi	Heteropsis aff. spuceana Schott	cestaria, arco de coroa, peneira
cipó imbé	tupi	Elilodendron imbe Schott	fita p/sarabalana, karibehe tupiri
caranaí de 4 folhas	uza tikiri	Mauritia huebneri Burret	cestinho trançado, cobertura da maloca

patauá p/sarabatana	<i>hava</i>	Jessenia bataua (Mart.)Burret	panaco,estiletas eixo do fuso
paxiuba flecha	<i>zani</i> <i>buba</i>	Socrates exorrhiza (Mart.)H.Wendl.	ripas p/panos,vareta de raizador(raiz)
pupunha	<i>zavida</i>	Bactris gasipaes HBK	arco,vareta de flecha
envira	<i>tsavida</i>		fio p/rede
punã	<i>idapi</i>		tubo p/sarabatana
jutai	<i>ava maku</i>	Hymeneae courbaril L.	ubá,canoa
itauba	<i>ava namiza</i>	Nectandra spp.	remo,canoa cavada
imbauba	<i>varukava</i>		aspirador p/busina huhuride
caripé	<i>kuvisa</i> <i>zuvi kutsu</i>	Licania spp.e Hirtella spp.	ingrediente p/cerâmica
pupui	<i>vapanaha</i>		ingrediente p/trapé
bréu	<i>muza</i>		cerol p/colar,alimiar
paina	<i>maphushakuri</i>		p/soprar setas
argila	<i>sipa</i>		p/conf.cerâmica
tracajá	<i>shibure</i>	Podocnemis,Testudo tabulata Spix	bobina de fuso

arara	<i>vaha</i>	Anadorhynschus hyacinthius(Lath.)	brinco, cocar
papagaio verd.	<i>aburu</i>	Amazona aestiva(L.)	penas p/brinco
gavião	<i>shibiri putahari</i>		fêmur p/aspirador/rapé
onça	<i>zumahi</i>	Felis onsa	dentes p/peitoral
macaco prego	<i>zuvihi</i>	Cebus apella	dentes p/peitoral
caietú	<i>anupeda</i>	Tayassu tayassu	dentes p/peitoral
mutum	<i>idiku</i>	Crax, Mitu	plumas p/encaixe da flecha
cotia	<i>tsinama</i>	Dasyprocta aguti	dente p/formão

A não-conclusão do processo de sedentarização é resultante de um equilíbrio sócio-econômico, garantindo a sobrevivência das comunidades e evitando consequências desastrosas com efeito imediato sobre a interação do ecossistema na forma de interferência predatória e devastadora do meio ambiente. É aí que interfere a cultura, ditando normas e estabelecendo categorias para um tratamento de equilíbrio, guiando e governando práticas de adaptação ao meio ambiente.

O lugar dos Deni na biosfera é um constante perambular entre as diversas áreas onde se concentram seus recursos renováveis. Desta maneira garantem o máximo de aproveitamento da totalidade de recursos do habitat geográfico. Conseguem a exploração econômica inteligente do potencial ecológico, favorecendo, assim, a recuperação de fauna e flora da floresta tropical, proporcionando um processo de interação biológica e anorgânica de proliferação das espécies.

II. Identificação da área

1.) Referências históricas

Segundo Alfred Métraux pouco ou praticamente nada se sabe sobre a história dos grupos indígenas arawak dos vales Juruá e Purus.

Entretanto, é imprescindível informar acerca da ocupação dos rios Purus e Juruá pela sociedade branca e suas consequências migratórias decorrentes.

Desde a primeira penetração no Paraná-açu (Amazonas), por Francisco Orellana, em 1542, grupos indígenas, como os Kuchiuara, são hostilizados pelos bergantins dos exploradores espanhóis, resultando em massacres e fugas para as terras do interior dos rios Purus e Juruá.

Um século depois, em 1639, Pedro Teixeira lançou o marco territorial da Coroa Portuguesa na Aldeia D'Ouro, entre os dois respectivos rios, e desde então tropas de resgate assaltam aldeias recrutando escravos para a ocupação do Estado do Grão-Pará. Embora de posse da Coroa Portuguesa, missionários jesuítas a serviço da Coroa Espanhola continuam fazendo descimentos de grupos indígenas dos rios, aldeando-os na terra dos Omágua.

Pe. Samuel Fritz, primeiro missionário desta área, por volta de 1689, já encontra comerciantes portugueses nestes rios que exploram a mão-de-obra indígena na extração das drogas do sertão, embora no seu mapa constem os rios Purus e Juruá apenas como incógnitos.

O poder dos missionários cresce, culminando no Regimento das Missões, que lhes alega o poder espiritual e temporal sobre os índios, sobre a administração dos índios nas Missões e nas aldeias, sobre o controle das tropas de resgate e a distribuição dos índios, embora haja ação paralela executada pelos Ouvidores a serviço dos interesses da colonização.

Em 1693 ocorre a divisão de áreas a serem missionadas, e os rios Purus e Juruá pertencem aos Carmelitas que de lá descem os índios para as Missões Arvellos, Ega, Nóbrega, Airão, Moura, etc. A exploração econômica dos rios é feita pelos missionários Carmelitas até a revogação do Regimento, em 1757, substituído pelo Diretório que transformará a antiga Missão em vilas, "emancipando" os índios, colocando-os a serviço da Companhia de Comércio, empresa de colonização e comércio de Pombal, sob cuja tutela serão executados os descimentos para recrutamento de mão-de-obra indígena.

Viajantes como Condamine, Sampaio, Noronha, Ferreira, etc., falam da decadência das antigas Missões, trazendo referências sobre "restos" de índios descidos dos rios Purus e Juruá. Estes rios por não serem rios de conflito fronteiriço serão levantados somente na última década do século XVIII por uma comissão portuguesa de demarcação.

Entretanto as drogas do sertão são exploradas, e a nova capital da Capitania do Rio Negro, Barcelos, é iluminada com óleo de ovos de tartaruga do Purus.

A colonização do Purus avança de tal forma que durante a Cabanagem tem-se conhecimento de sua exploração até acima do rio Pauini. O Coronel João Henrique de Matos, em 1845, conta que o cidadão Manoel Urbano da Encarnação viajava em toda a extensão do médio Purus, utilizando-se dos índios Apurinã, Paumari e Jamamadi como mão-de-obra na extração de drogas. A figura do mestiço Manoel Urbano é importante no processo de contato com os índios do Purus, principalmente na época do "boom" da borracha, a partir de 1850. É nomeado Diretor dos índios do médio e alto Purus, e torna-se o maior conhecedor e explorador dos índios, aldeando os paumari em Canutama, os Apurinã e Jamamadi na boca do Mamoriá, Inauini, Pauini e Seruini, destacando-se como maior seringalista daquela época. Realiza várias viagens pelo governo da Província, nas explorações de Silva Coutinho, Serafim Salgado e William Chandless; viagens com fins de exploração científica e econômica do Purus, visando principalmente a comunicação fluvial com o rio Madeira e a Bolívia, livre de cachoeiras.

A exploração do látex é responsável pela rápida ocupação branca e o conseqüente extermínio dos povos indígenas. O índio é objeto cobiçado nas atividades extrativistas como guia, remeio, caçador, pescador, produtor da borracha, farejador de índios hóspedes, etc., uma peça imprescindível na economia extrativista.

Frei Pedro da Ceriana faz uma última tentativa de resgatar os índios da mão do sistema econômico reinante, aldeando diversas tribos, inclusive Paumari, Jamamadi, no lago Arumã, dando-lhes uma estrutura econômica independente. Mas denunciado pelos regatões, o Presidente da Província demite-o, depois de apenas poucos anos de existência da Missão São Luiz Gonzaga (1854-1856). Outro projeto do missionário é o aldeamento dos índios Paumari em Canutama onde manda erigir uma capela. Mas nesta colocação Manoel Urbano já se tornara patrão dos índios, que aldeados no lago Itapá constituem a força de trabalho para o seringal.

Para manter boas relações com o Governo da Província do Amazonas, envia uma parte de sua freguesia indígena a Manaus a fim de cumprir o regulamento que exige o serviço de mão-de-obra indígena na construção das obras públicas da recém-criada Capital da Província, destruída e em depopulação pelos longos anos de epidemias e da Cabanagem. Esse processo de deportação do habitat indígena acarreta destrabalização e homogeneização deculturativa dos Índios de diversas tribos, formando a massa dos tapuios, que constituirá a base da população de Manaus. Poucos índios a serviço da Província regressarão ao seu lugar de origem.

No Juruá, alguns exploradores já tinham subido por ele na segunda década do séc. XIX. Em 1844, o Presidente da Província, num Discurso à Assembleia Legislativa, de 15 de agosto, propõe a criação de uma Missão neste rio, "cujos índios já entretêm algum comércio conosco".

Castelnau, em 1847, já se refere ao rio Jahiruan (Xeruã), e Taboa (Tapauá do Purus).

Romão José de Oliveira, encarregado dos índios do Juruá desde 1848 faz uma exposição, a 10 de março de 1851, ao tenente coronel Albino dos Santos Pereira, sobre as tribos da região e possibilidade de aldeá-las.

O Presidente que instalou a Província do Amazonas, Tenreiro Aranha, dizia em 1852: "O Juruá era pouco falado ou conhecido", acrescentando: "Ainda para Bolívia pretendo que também se abra outra via de comunicação pelo rio Juruá..."

Em 1854, João da Cunha Corrêa percorria o Juruá como encarregado dos índios, tomando-se grande conhecedor do vale e animador do comércio regional.

Ainda na segunda década do séc. XIX, a caça aos índios era praticada, e o tráfico das drogas florescia em Ega (Tefé) Nogueira e Fonte Boa já eram estabelecimentos de pontos comerciais. O naturalista Henry Waller Bates encontrou-se com alguns deles, em 1849, entre os quais João da Cunha Corrêa, grande comerciante do vale Juruá.

O geógrafo William Chandless, na sua viagem ao rio Juruá, em 1867, discursa que "muitas pessoas mostram não ser índios purus; todos ladinos e quase todos batizados, afeiçoados às gentes de Tefé, mas não das de Fonte Boa..." dando a entender, assim, que brancos do Solimões andavam nas suas tribos, tendo ligação com mulheres indígenas ou se casavam com elas, residindo, depois, naqueles lugares, desde a época anterior a 1850.

O diretor do serviço de índios, João Wilkens de Matos, refere-se a uma viagem de João da Cunha Corrêa, diretor de índios do Juruá que nada de importante consta no seu relatório a não ser que as "hordas de índios que encontrou são pacíficos". O mapa que apresentou e que fala dos índios da Boca do Juruá até Xeruã menciona a existência de 9 malocas com um total de 426 pessoas e 45 casas. Também o diretor geral interino dos índios, Cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo, no relatório ao Presidente Francisco José Furtado, em 1859, refere-se a esta viagem.

O padre Constantino Tastevin, componente das Missões de Tefé, torna-se o grande conhecedor da região do vale Juruá, pelos anos de 1920, publicando ensaios etnológicos em periódicos franceses (Rivet, P. e Tastevin C. "Les tribus indienne des Bassins du Purus et du Juruá" in *La Géographie*, t. XXXV, 1921).

A navegabilidade dos rios é conhecida, portanto nada mais impede o avanço rápido da civilização branca. Navios de grande porte sulcaram suas águas, trazendo mercadorias e nordestinos, desterrados pelas secas.

Surgem os primeiros núcleos urbanos como Canutama, Lábrea, e no rio Juruá Tefé, Fonte Boa e Tarauacá. A primeira fundada por Manoel Urbano no lugar da antiga maloca dos índios Paumari. A segunda fundada no lugar dos índios Paumari e Katawixi, pelos coronéis Antônio Rodrigues Labre e Luiz Gomes. Já na penúltima década do século XIX, os núcleos urbanos tornam-se centro de comércio e de exploração do interior, sendo que Lábrea é elevada de Freguesia a Cidade, e Canutama à categoria de Comarca. Luiz Gomes torna-se dono do rio Ituxi, cuja população indígena é estimada por Labre em 8.000 indivíduos, e que poucos anos depois é apelidado de "cemitério da humanidade".

Por volta de 1870 ocorre o ressurgimento dos Franciscanos nos rios Mamoriá e Ituxi, onde fundam a Missão "Nossa Senhora da Conceição", aldeando pequenos grupos de Apurinã e Jamamadí. Percorrendo os rios, entram em contato com várias malocas de índios Apurinã e Jamamadí, tentando atraí-los primeiro para a Missão do Mamoriá, projeto que foi frustrado pelas fugas, principalmente dos Jamamadí que ao receberem os presentes logo retornam para o centro da mata. A Missão do Mamoriá é transferida para o rio Ituxi, onde os padres Venâncio Zilocchi e Mateus Canioni erigem uma capela. No entanto, também esta Missão é condenada ao fracasso, desaparecendo dentro de alguns anos.

O Governo da Província acusa os missionários por não terem trazido os índios à civilização através de "catequese e civilização", que naquela época significa transformar os nativos em mão-de-obra barata. Em vez de atraí-los dos lugares inacessíveis, os missionários estariam arrancando-os de esconderijos do centro da mata, sem que pudessem ser úteis à sociedade.

Também por volta de 1870 é fundada a Missão Protestante de Hiutanahã, com o objetivo de iniciar o trabalho de "catequese e civilização" com crianças que são levadas para o internato, onde, destribalizadas e alienadas de seu mundo indígena, recebem lições de moral e profissão do mundo cristão. Existe um comércio criminoso com crianças indígenas, e Ehrenreich denuncia o fato. Revoltas entre os índios Apurinã fazem com que também esta Missão fracasse dentro de alguns anos.

Labre, como Manoel Urbano é nomeado Diretor dos índios do médio e alto Purus. Estima a população indígena em 40.000 indivíduos, e indica o habitat de numerosas tribos, poucos anos depois declaradas extintas.

Na época áurea da borracha ocorrem as correrias mais violentas, principalmente nos igarapés e suas cabeceiras, onde os índios mantêm resistência e para onde avança a frente extrativista. É também a época das grandes migrações indígenas. São os índios Paumari, cujo habitat era registrado ao longo do rio Purus, desde a foz do rio Ipixuna até a foz do rio Ituxi. Tornaram-se nômades, reduzidos por epidemias e vagando de seringal em seringal, cujas terras outora lhes pertenciam, servindo de fornecedores de peixe, de carne e ovos de quelônios, enfim de modo geral como mão-de-obra barata. Gustav Wallis encontra-os no fim do século passado como "povo alegre e despreocupado", vivendo nas praias em casas flutuantes, construídas em cima dejangadas. Ehrenreich localiza grupos nos seringais de Luiz Gomes, já descaracterizados, maltrapilhos e entregues ao alcoolismo.

Os índios Apurinã (Ipuinã) têm seu habitat na margem direita do rio Purus desde a foz do rio Ituxi até acima do rio Pauini. São considerados de índole hostil, guerreiros e antropólogos. Opõem-se ao avanço da frente extrativista, resultando em correrias e extermínio. Os mil homens do seringalista coronel Luiz Gomes limpam o rio Ituxi e seus afluentes de tal forma que apenas poucos grupos Apurinã sobreviventes migram para os seringais do rio Purus. O mesmo acontece nos rios Sepatini, Seruini, Inauini, onde Manoel Urbano e seus descendentes os utilizam como força de trabalho.

Os índios Jamamadi ou Deni, considerados pacíficos e agricultores, têm seu habitat na margem esquerda do rio Purus desde a foz do rio Ituxi até acima do rio Pauini, sendo que suas malocas se encontram no centro da mata, evitando assim o contato com a frente de ocupação branca. Inicialmente aparecem à beira do Purus apenas para observar o movimento dos brancos, embora sejam logo recrutados para o serviço nos seringais, onde porém permanecem apenas durante períodos de fábriço, deixando suas famílias no centro da mata. Se bem que epidemias e chacinas os estejam dizimando, conseguem resistir à destribilização, mantendo suas características étnicas e culturais.

Os estudos de Steere e Ehrenreich sobre os índios Jamamadi revelam sobretudo a cultura dos que habitam nos rios Mamoriá e Pauini.

A Inspeção no Amazonas e Acre, com sede em Manaus, cria na segunda década do século XX dois postos indígenas no rio Purus: um no rio Seruini, chamado Posto Indígena Pedro Dantas ou Marienê; e outro no rio Tuini, chamado Manauacá.

Interessa-nos a visita a áreas indígenas nos rios Cuniuá e Tapauá pelo SPI, em 1930. Uma expedição do SPI atuando na jurisdição dos postos Tuini e Seruini, composta pelo auxiliar Santana Barros, o engenheiro agrônomo Adamar Thury e o fotógrafo Anastácio Queiroz, realizada entre 18 de março e 24 de abril de 1930, tem por objetivo fiscalizar a ação dos delegados do baixo rio Purus e demarcar as áreas indígenas nos rios Tapauá e Cuniuá. Visitam a tribo Mamori, no rio Canaçã e no Paraná Mamori, afluentes do rio Cuniuá, extensão entre o Riozinho e o Coxodoá, onde é feito um recenseamento de 65 índios. Para a demarcação é proposta uma determinada área. Depois fazem visita à tribo dos Katukina, no rio Canaçã e Coatá, num total de 51 pessoas, tendo este povo sofrido vários surtos de gripe em 1922, 23 e 24, que aliás haviam-se alastrado por toda parte dos rios Cuniuá e Tapauá. Também ali foi elaborada uma proposta para a demarcação da área.

Enfim chegam à tribo Paumari, localizada no lago Tamanduá, no rio Tapauá, onde deixam anotado os limites de sua área

Localizam os seguintes grupos nos rios Cuniuá e Tapauá:

Paumari - no baixo rio Tapauá e rio Purus até a foz do Ituxi

Mamori - no médio rio Cuniuá

Katukina - no rio Coatá, afluente do rio Cuniuá

Marimã - no Riozinho, afluente do Cuniuá

Tucumankuba - no baixo rio Canaçã, afluente do rio Cuniuá

Araça-Deni - nos rios Coxodoá e Aroá, afluentes do rio Cuniuá

Juma - nos rios Piranhas e Içuã

Kanamadi - nos rios Curiá e Içuã, afluentes do rio Piranhas

Jamamadi - nos rios Banauá, Rio Branco e Joari

Jarawara - nos rios Apituã, Curiá, afluente do Catahixi que é conflúente do Purus

O Relatório do SPI de 1942, além de enumerar os grupos acima citados, acrescenta ainda os grupos Pauquini e Beidamã no rio Cuniuá, estimando os indígenas desta área em mais de 1.000 pessoas. Diz ainda que os índios Mamori, perseguidos pelos Katukina, se haviam mudado para as cabeceiras dos rios Ipixuna, Mucumim e Jacaré que são afluentes da margem direita do rio Purus.

Castelnau assinala um povo chamado Arawa e o localiza no rio Xeruã, um pouco à jusante da boca desse rio, às margens do lago Jahiruan. Chandless encontrou uma de suas aldeias, não longe daí, no igarapé Chiué, afluente da margem direita do Juruá. Esses indígenas viviam às margens do Juruá em "miseráveis abrigos". Eles desciam o rio até o Bauanapixuna; não tinham plantações e alugavam sua mão-de-obra aos seringueiros que vinham a cada ano de Tefé e Caiçara para coleta da borracha. Uma epidemia de sarampo trazida pela primeira emigração cearense, na época da seca de 1877, os aniquilou; eles se encontravam então às margens do lago Jariruan. Os raros sobreviventes fugiram para as aldeias Kulina onde, se diz, foram massacrados (Tastevin).

Tapa, líder e patarahu da aldeia Visagem, nos dá sua versão indígena sobre o histórico do povo Dení (que ele também autodenomina de Madiha-Dení): os Dení se subdividem em grupos ou clãs, com uma certa autonomia política e com sua própria autodenominação. Assim o antigo habitat dos *Bukure-Dení* é o rio Aruá, afluente do Cuniuá; são descendentes ele mesmo, Koaman e outros.

Os *Kuniva-Dení* vieram subindo do baixo Cuniuá; muitos deles morreram de sarampo; hoje estão misturados e seu atual habitat é o igarapé Cujubim; descendente é Birovi.

Os *Minu-Dení* têm seu habitat no igarapé Kurabi, no Xeruã, muita gente deles morreu de sarampo.

Os *Varasa-Dení* têm seu antigo habitat no Xeruã, descendente é Haku.

Os *Hava-Dení* vem do rio Xeruã, e se misturaram com os *Kuniva-Dení*; descendente é Hamu.

O antigo habitat dos *Madiha-Dení*, portanto, é toda a extensão do rio Cuniuá, desde o rio Coxodoá, em montante, em ambas as margens.

Causas de inúmeras mortes foram as armas e doenças dos brancos. Mas ainda lembram de brigas internas destes sub-grupos, sendo apontados como matadores Kamuvari do grupo *Varasa Dení* e *Huve-Dení*.

2.) Contexto socio-político e econômico

O interiorano do rio Cuniuá em grande parte é descendente de povos indígenas desaparecidos ou parente longínquo de povos ainda existentes como dos índios Banava-Yafi, Paumari, Maimori, Katukina, Dení e Apurinã. Mesmo usando a terminologia de caboclo para se autodenominar, principalmente para definir sua posição social de "dependente e ignorante" perante o homem da cidade, o homem do interior distingue-se dos índios autóctones e dos índios com relações sociopolíticas e culturais por sua mentalidade de superioridade. Ele se autodetermina como branco e "civilizado".

Na época das "pacificações locais", entre 1930 e 1960, muitos jovens criavam-se com índios, aprendendo práticas culturais e línguas daqueles povos. O sistema econômico de extrativismo uniu índios e não-índios na mesma empresa regional de exploração de produtos vegetais. E, mesmo mantendo distância cultural, tornaram-se dependentes uns dos outros, e amigos.

As "pacificações locais" ocorreram em quase toda a região dos rios Cuniuá e Xeruá. Surgiu um "pacificador", um regional, interessado em utilizar a mão-de-obra indígena, atraindo os índios que ainda viviam distante dos centros dos brancos. Fornecia roupa e alimentos em troca de produtos da demanda da época: borracha, sorva, óleo de copaiba, couro de onça, caitetú, queixada e veado.

Os "pacificadores" consideravam a atração de índios sem relações com a população branca uma obra civilizatória, "beneficiando os "selvagens" com um toque de civilização. Os índios eram trazidos de seu habitat para os centros de produção, tornando-se dependentes. Às vezes, os próprios índios, encurralados pela frente econômica, vinham ao encontro de um "pacificador", oferecendo sua força de trabalho em troca de gêneros alimentícios e bugigangas. Criavam-se laços de intercâmbio sociocultural muito fortes. Os brancos, também explorados, comumente não entravam em choque com estes índios. Desenvolviam-se formas de convívio pacífico, que muitas vezes terminavam em casamentos mistos ou em novas relações de parentesco de compadre e afilhado.

As causas da dizimação dos povos indígenas não eram conhecidas pelos "pacificadores locais" inexperientes, também à mercê de formas de exploração e de fatores como doença, fome e morte. Índios e não-índios eram levados por surtos de epidemias que grassavam nos rios Cuniuá e Xeruá nos anos de 1930 a 1950, fazendo baixas principalmente entre os índios.

No entanto, os "pacificadores", por mais que compartilhassem das situações de exploração, sempre eram os donos do destino dos indígenas, tomando-se desta maneira por vezes do sistema de exploração, considerado o mais rudimentar e cruel, e muitas vezes carrasco, deixando os índios entregues a uma miséria sem esperança.

Os mais conhecidos "pacificadores locais" foram Chico Severo e Adriano, "pacificadores" dos Deni no Marecão, no alto Cuniuá; Joaquim Cartássio, dos índios Katukina e Mamoi, no médio rio Cuniuá; e Firmino, "pacificador" dos Banawa-Yafil, no baixo rio Piranhas.

O Sr Adriano, homem de idade, com rosto de mestiço cearense, relata a atração dos índios Deni.

Estes índios apareceram há uns 25 anos atrás (entrevista gravada em 1979). Há tempo observávamos sinais de presença de índios brancos. Minha mulher estava com muito medo. Um dia, ela e meu filho, que naquela época tinha 10 anos de idade, viram um índio. Tomados de medo, voltaram depressa para o nosso tapiri para me chamar. Então comecei a atração desses índios nus e arredios. Dei comida e convidei eles a permanecerem por ali. E, aos poucos, a confiança foi crescendo. Dei roupa, e os índios se fixaram na região do Marecão por minha indicação. Por serem bons conhecedores da floresta, usei os índios para exploração de sorva e copaiba, e para arranjar caça e peixe. Iniciei o trabalho com eles lá pelo ano de 1960. Nossa amizade continua até hoje, só que os índios já se tornaram safados e preguiçosos, principalmente desde a presença do Summer, a partir de 1975...

No entanto, os Deni de Kakiri não concordam com essa versão de pacificação. Dizem que muitos anos atrás já haviam relações de comércio com os brancos no rio Junuá, onde trabalhavam no extrativismo. Por volta de 1950 houve um surto de sarampo que matou grande parte dos Deni. Kakiri antigamente era um centro para muitas malocas. De lá fugiram os sobreviventes, internando-se nas matas, descendo do alto Cuniuá. O próprio rio Cuniuá era habitado por um grupo que se autodenominava Kuniva-Deni, cujas terras se estendiam até o igarapé da Onça. Durante muitos anos de escassez, um pequeno grupo chegou perto do Marecão, esfarrapado, esfomeado, pedindo roupa e alimento ao Sr Adriano. É assim Adriano tornou-se patrão, colocando-os ao longo do igarapé Marecão.

Gordon Koop do SIL acrescenta que a atração das famílias Deni para esta região foi a presença de dois patrões não-índios, Chico Severo e Adriano Lopes. Já no ano de 1971 estes homens levaram famílias Deni rio abaixo com eles e os contrataram para coletar sorva, limpar roças e fazer outros serviços eventuais em troca de bons negócios. Em 1973, houve o estabelecimento de 4 casas no Marrecão. Quando ele visitou a aldeia pela primeira vez em 1975, sete famílias haviam construído casas aí. Gordon Koop, contando com a colaboração do SIL fixou residência na aldeia e tem estado aí periodicamente desde então.

No rio Xerua, Chandless, em 1867, identifica os "índios-peixes" como sendo do grupo Deni. Em 1930, os Deni foram localizados no igarapé Caramuru, afluente do rio Xerua.

A chegada dos soldados da borracha, em 1940, constituiu um fator devastador para as comunidades indígenas, dizimando a população por epidemias e extermínio planejado, resultando na extinção de muitos subgrupos Deni, como por exemplo dos *Maru-Deni* e *Katu-Deni*.

No início, os Deni foram empregados como mão-de-obra barata na extração de sorva e seringa. As formas desiguais de troca geram o círculo vicioso de dependência e dívidas, desarticulando seu modo de vida tradicional e desajustando seu sistema econômico de subsistência.

Desde a queda da borracha, os Deni para suprirem as necessidades criadas trocam farinha, peixe e caça e se empregam na extração de madeira.

Em 1992, um grupo Deni que trabalhava na extração de madeira numa área acometida por sarampo desencadeou um surto desta doença que matou 67 índios Deni (ver cap VI, proposta de área).

Todas as aldeias mantêm relações de troca com determinados patrões que moram na área e que são intermediários dos empresários da região. São estes os patrões: Sr. Raimundo Lopes, morador na boca do rio Xerua; Sr. Manoel de Jesus, morador na localidade de Nogueira, no rio Xerua, e a Sra. Leticia, moradora no igarapé Caramuru.

O poder político da área Deni está nas mãos do atual prefeito de Itamaraty, Sr. Raimundo Lobo madeireiro e comerciante desta região.

Consequentemente os patrões influenciam sobre decisões básicas nas comunidades Deni, inclusive em relação à mudanças de localidades ou aldeias, somente para benefícios próprios.

A mão-de-obra indígena dos índios do rio Cuniú já era explorada antes da chegada da expedição do SPI, em 1930 que em seu Relatório localizam os Araça-Deni entre os rios Coxodoá e Arua.

Desde 1922, o cearense Joaquim Soares Cartaxo explorava os Katukina no igarapé Coatá. Depois de um surto de sarampo, atraiu-os para as colocações Firmino e Moco, onde fizeram roçados, trabalhando para seu "tuxaua" branco na produção de peles e extração vegetal.

Começou uma briga entre os Katukina e Mamori, por volta de 1940, desencadeada com a morte do índio Kidá que era Katukina, morto por um índio Mamori. Mas sendo um caso particular, os Katukina continuavam convidando os outros para morarem junto com eles em Firmino, pois o grupo contava com poucas mulheres. Cartaxo se intrometeu no assunto e amou os Katukina. Então, raptaram quatro mulheres de nome Bacará, Baihaná, Pasilu e Onadiá. Quando os Mamori vieram buscar suas mulheres, os Katukina abriram fogo. O tuxaua Marecão foi morto numa praia que até hoje tem seu nome. Apenas alguns índios Mamori e Katukina sobreviveram. Quase todos morreram devido a um surto de gripe alguns anos depois.

Outro grupo indígena exterminado nesta época é o povo Juma. Esses índios já eram conhecidos desde Orellana e Pedro Teixeira. Mais tarde, são localizados nas antigas aldeias dos Jesuitas e Carmelitas em Arvellos e Tefé. Depois dos descimentos, um grupo internou-se nos rios Coari e Tapauá, e daí espalharam-se pelos rios Mucuíim, Parana-pixuna e Itaparaná. Em 1943, foram localizados entre as cabeceiras dos rios Mucuíim, Jacaré e Ipixuna, e eram aproximadamente 100 pessoas.

Como a região entre os rios Mucuíim e Paraná-Pixuna era rica em sorva e castanha, era cobiçada pela frente de exploração. Os Juma, guerreiros por natureza, tentavam barrar a penetração. Colocavam sinais de advertência no meio do caminho para impedir o avanço dos brancos. Uns poucos respeitavam, mas outros confiavam em suas carabinas que o patrão lhes tinha providenciado, e invadiram. Então estourou uma verdadeira guerrilha, compilando mortes no lado dos brancos, e declarando o extermínio genocida no lado dos indígenas. Mandante destas chacinas tem sido o então juiz suplente de Lábrea, Sr. Orlando França.

Por volta de 1960, aconteceu também outro massacre, desta vez contra os índios Jamamadí, no rio Pauini, comandado por Antônio e João Celestino. Depois de embebedarem os índios, os adultos foram liquidados a tiro e as crianças trucidadas a terçado.

Praticamente não temos nenhuma documentação sobre esta época. Os arquivos das entidades oficiais nada registram, embora estivessem cientes dos graves conflitos. Restam-nos, porém, referências na memória do povo ribeirinho, que ainda hoje revive as façanhas de épocas passadas, lembrando com carinho seus falecidos atingidos por flechas, e exprimindo seu ódio contra a "bestialidade" dos índios.

Desde então, os últimos redutos de índios livres caíram nas mãos da frente pioneira de exploração de produtos vegetais, empresa que deixou como legado o extermínio de grupos indígenas e o sangue derramado de pequenos sorveiros e castanheiros, cujos mandatários permaneciam em seus esconderijos urbanos, distantes do campo de batalha.

A situação de conflito entre a sociedade branca e a indígena gerou novos focos de violência, principalmente entre os índios Apurinã que expatriados de suas terras, desciam o rio Purus à procura de novos estabelecimentos.

Desde o tempo colonial, a política integracionista resume-se nas diversas fases pelas quais passou na área dos rios Purus e Jurúá, por "guerras justas", por "reduções", pela exploração da mão-de-obra indígena, pela "catequese e civilização", executadas por entidades civis e religiosas. Em todos os casos, a integração nunca foi realizada como processo social. Muitas sociedades no decurso da história destas áreas foram extintas; outras, porém, continuam sobrevivendo, mantendo sua identidade étnica que as distingue da sociedade regional e nacional.

Métodos e objetivos da política integracionista não mudaram até os dias de hoje. Essa política é colocada sob o interesse econômico, a fim de transformar os índios em produtores da economia regional. Termos como integração ou aculturação não passam da tentativa de intensificar a participação sumária nos métodos, normas e valores da sociedade nacional, até o ponto de a sociedade indígena se tornar parte integrante dela, sem distinção. Como a sociedade nacional é definida por valores individualistas e competitivos, tenta-se estimular os índios a adquirirem bens pessoais e privatizar o sistema econômico coletivo que mantêm.

O pragmatismo considera como empecilhos todos os elementos culturais que possam favorecer a participação nas atividades comunitárias e produzir os mecanismos internos necessários à sobrevivência do grupo como sociedade autônoma e à manutenção da unidade étnica e cultural.

Hoje o rio Cuniuá encontra-se em situação de deshabitada em consequência do extrativismo falhido. O potencial econômico de sorva esgotado, é hoje a indústria da madeira que se tornou o principal empreendimento, visando sobretudo as seguintes espécies: caucho, copaiba, muiatinga, samauma, virola, ucuuba. Cedro e mogno, cuja ocorrência se situa em terra firme, são cobiçados como reserva potencial para futuros negócios via rodovia ou exploração mecanizada. As árvores com capacidade de flutuação são juntadas em jangadas e depois rebocadas para Manaus. O trabalho com madeira passa por relações econômicas as mais rudimentares e exploradas. Relações que incluem os machadeiros, seus patrões, pequenos regatões e aviadores de mercadorias; e os grandes compradores que vêm de Manaus e que vendem para firmas estrangeiras e multinacionais.

Na área Deni, as madeiras hoje procuradas são pau-brasil, jacarandá e pau-rosa, todas da terra firme e portanto necessitando de um tratamento especial, ou seja devem ser feitos em rolos, carregados nos varadouros por meio de levás e finalmente transportados em balsas rio abaixo.

Também acontece às vezes que os patrões fornecem moto-serras aos índios para cortarem pranchas de jacarandá ou mesmo de outras madeiras de lei, como por exemplo itaúba, massaranduba, biorana, louro, etc., que postos em pilhas frente ao tapiri, esperam pelo transporte, às vezes demorado. Os patrões dos índios Deni dependem dos compradores de madeira da Boca de Tapauá e de Itamaraty. Às vezes vivem a bordo do barco ou em colocações provisórias onde geralmente mandam abrir um roçado para abastecer seus fregueses com farinha por eles mesmos produzida.

A comunidade indígena Cidadezinha trabalha na extração de madeira com os patrões Tião e Zena; este último estimava sua produção para 1993 em 2.000 metros cúbicos, e no momento do encontro com a equipe de levantamento estava sem Diesel e mercadorias, com toda a sua família a bordo, pedindo praticamente esmolas - um quadro social típico desta região em que o explorador também é explorado pelo sistema que ele ajuda a manter. Zena dizia que não botava juros nas mercadorias, mas que fazia contratos por um preço X que devia ser mantido, ou seja sem aumentar o valor da produção.

Sobraram apenas miseráveis colocações de não-índios na margem direita do rio Cuniuá acima da confluência do igarapé Pretinho (Kakiri), outrora poderosos barracões, hoje abandonados, onde os Deni se agrupam para produzir ou trocar algum produto de primeira necessidade: sal, açúcar, querosene. Esta é a situação do Sr. Zé Branco, morador no antigo roçado do Nogueira.

Abaixo da boca do igarapé do Índio situa-se a colocação do Sr. Ceará, onde se constata uma confluência surpreendente naquele sertão: famílias do pessoal de Tição, a família do Ceará, e famílias Deni, todos em dependência de compromissos e obrigações. Aqui reina a exploração no mais baixo nível social. Os Deni, embora reclamando dos maus tratos recebidos dos patrões, os cercam como se eles fossem os únicos salvadores desta situação contraditória. E de fato, ali naquele sítio tem tudo quanto um Deni possa imaginar: uma casa espaçosa, um roçado bem grande, dois fornos na casa de farinha e criação de galinhas e de patos...

Acima da boca do igarapé do Índio mora o Sr. Mathias. É outra colocação dentro da área indígena, beneficiada com o suor da força indígena, com roçado, pomar e diversas árvores frutíferas, e um varadouro que leva até a aldeia Kumaru para facilitar a entrega de produtos e a movimentação de serviços.

Os lagos do alto Cuniuá são piscosos e habitat de quelônios, capturados para o comércio mediante a "chumbada", ou seja fazendo descer uma linha comprida com chumbo e a flecha jiticá por cima do lugar da "escuma", que a tartaruga solta.

No Marrecão, os missionários do NT (Novas Tribos) Elton, Lurdes e Valmir também dependem da mão indígena para assegurar o funcionamento da estrutura ali implantada. Os índios devem providenciar peixe, caça e limpeza da pista de pouso, confeccionar artigos de artesanato ou participar em gravações linguísticas em Porto Velho para onde são levados via aérea. Há inclusive um tipo de pagamento para informantes que se dispõem a ensinar a língua Deni.

Outros padrões desta aldeia são Zena, Tião e Chicão. É um pessoal que acompanha os índios igarapé arriba, farejando ali os últimos redutos de sorva há anos tão explorados, em companhia de mulheres, crianças, às vezes numa única canoa, com um pouco de sal, de farinha, e "coragem e fé em Deus".

Hoje, o potencial econômico da área Deni, em grande parte, está esgotado, e o povo terá que encontrar outras alternativas econômicas para produzir.

No rio Xeruã, em 1985, havia 32 colocações de ribeirinhos com 39 famílias residindo, e o comércio era intenso. Em menos de uma década houve migração dessa população, com o desaparecimento do comércio. Atualmente há cerca de 13 famílias e apenas um batelão do comerciante Manoel Caroba percorrendo o rio. Conseqüentemente os Deni vêm comprando produtos de primeira necessidade através de troca com o regatão, ou por intermédio do patrão José de Freitas, como é o caso dos Deni no igarapé Cujubim.

No Buturu, o chefe da aldeia e seu irmão pagam suas dívidas, fornecendo carne de caça, borracha e sorva.

Na área do Xeruã, o prefeito da cidade de Itamaraty é um dos maiores comerciantes de madeira da região. Vários Deni já estão inseridos nessa atividade. A população da aldeia Madeira já se deslocou para o igarapé Kapukari, e a aldeia Mutum para o igarapé Reseman, afim de tirarem madeira. No final de 1991, quando se iniciou a exploração madeireira, houve uma epidemia de sarampo com inúmeras mortes. Em 1993 ocorreu uma epidemia de gripe, deixando várias pessoas debilitadas.

De fato, as atividades madeireiras tornaram-se uma porta de entrada para as doenças, gerando inclusivamente sérios conflitos entre madeireiros e índios.

Hoje, os Deni já discutem a questão de exploração de madeira em áreas indígenas e a participação deles neste empreendimento. O diálogo iniciado pelas equipes indigenistas ali atuantes, aos poucos vai suscitando uma nova consciência em relação a esta questão.

III. OCUPAÇÃO DA TERRA

1.) Autodenominação e língua

Pivet e Lastovin, em 1938, classificam alguns grupos atuk dos vales dos rios Purus e Juruá como Arauá.

Burston, em 1891, suspeitava que a língua Arauá fosse constituir uma família linguística independente.

Ehrenreich, em 1897, incluiu os Arauá na família linguística arawaque.

Metraux enumera entre os sub-grupos arauá os Arauá, localizados nos rios Xeruã, Juruá, e Xiúé; os Madilha (Kulina), localizados nos rios Juruá e Tapauá; e os Jamainadi, cujo habitat é indicado entre os rios Purus e Juruá, nos rios Mamoriá, Pauini, Xeruã e Tapauá.

A denominação Deni aparece pela primeira vez no relatório do SPI, em 1942, com o habitat indicado nos rios Coxodoá e Aruá, ambos afluentes do rio Cuniuá.

Em 1964, Paul e Doroty Moram, do SIL, iniciam estudos linguísticos entre os Deni do rio Cuniuá. Percebem que "Jamamadi" não é autodenominação, e começam a usar nos escritos "Deni" para a denominação de diversos subgrupos/clãs.

Em 1979, a equipe de pastoral indigenista de Lábrea, ao fazerem um levantamento entre os Deni do rio Cuniuá, notificaram os seguintes clãs:

- *Kuniva-Deni*
- *Varasa-Deni*
- *Bukure-Deni*
- *Hava-Deni*
- *Bupanava-Deni*
- *Tamakuri-Deni*
- *Katu-Deni*

Hoje, por influência do SIL, os indígenas do alto rio Cuniuá se autodenominam *Madiha-Deni*. Os índios Jamamadi do rio Mamoriá se autodenominam *Bupanava-Deni* e os *Zuruaha* são chamados *Makuku-Deni* pelos próprios Deni.

Em 1985, em levantamento realizado pela equipe do Cimi-Acre e Secretariado Nacional, junto aos Jamamadi/Deni da região do rio Purus, se constatou a presença dos seguintes subgrupos/clãs:

- rio Inauiini- grupo St. Antônio: *Savakué-Deni*
- igarapé Kapana
 - Tanu-Deni*
 - Zumahi-Deni*
 - Anupi-Deni*
 - Zoazoa-Deni*
 - Sruri-Deni*
 - Apituri-Deni*
- rio Teuini
 - Makui-Deni*
 - Tamakuri-Deni*
 - Dimá-Deni*
 - Tarazurá-Deni*

A equipe para delimitação da Área Indígena Deni, integrada da Funai, Ileram e agentes de pastoral indigenista de Telé e Lábrea, constataram a presença dos seguintes subgrupos/clãs no rio Xeruá:

- *Kuniva-Deni*
- *Varasa-Deni*
- *Makui-Deni*
- *Hava-Deni*
- *Bukure-Deni*
- *Minu Deni*

Quadro de povos indígenas nos rios Cuniuá e Xeruá pertencentes ao tronco linguístico Aruak:

português	zuruaha	paumari	jamamadi	deni
cabelo	kunã	kaafani	kuné	kuné
orelha	wearube	motoboi	nerebu	waribu

nariz	tuweidi	wiridi	widi	ivené
pé	tama	damai	temé	amurí
osso	ahtunani	bajarona	tuné	tuné
sangue	amã	ama	emené	ama
onça	zumahi	jomahi	yumahi	zumahi
peixe	aba	aba	aba	aba
cobra	maka	makha	maka	maka
milho	kimi	jaroorá	kimi	tapa
árvore	aga	awa	awabibe	ava
rapé	xina	hajiri	sina	ssina
lua	maseki h.	masikê	abaraiku	abaziku
estrela	amoa	bowiri	amua	amuva
pedra	jasi	jadi	yati	siba
varadouro	agi	hagihí	hawi	havi
machado	bari	jori	bari	bari
marido	emehki	makhira	maki	makki
pai	abidi	bii	abi	abi
mãe	amidi	mia	ami	ami

2.) Organização socio- econômica

2.1 Parentesco

A unidade social e econômica é o grupo doméstico o qual é constituído da família nuclear.

O sistema terminológico Deni é da terminologia dravidiana para primos e do padrão bifurcado da terminologia avuncular. Os primos paralelos são classificados na mesma categoria de irmãos e os primos cruzados recebem termos distintos que variam de acordo com o sexo do falante. Os irmãos do pai são classificados na mesma categoria de pai, e as irmãs da mãe na mesma categoria de mãe. O irmão da mãe e a irmã do pai são classificados com termos distintos.

Significado primário dos termos de parentesco dos Deni

Referência	Tratamento	Significado primário
atuví	tuví	PP, Pm
alizu	tizu	mP, mm
imeí	vava	P
imeeni	a'la	m
abi	abi	P, IP
ami	ami	m, im
hedi	kuku	Im, Pe, PM
mashudini	ashu	IP, me, mM
azu	azu	IV, VFIP, VFim
khabu	shuvi	IN, NFIP, NFim
karipepe	inu	in, nFIP, nFim
vabumi	abuni	FIP, FIm
avini	uvini	fiP, flm, FIP, FIm
karadi	karadi	fiP, flm
bedi	shuvi	F

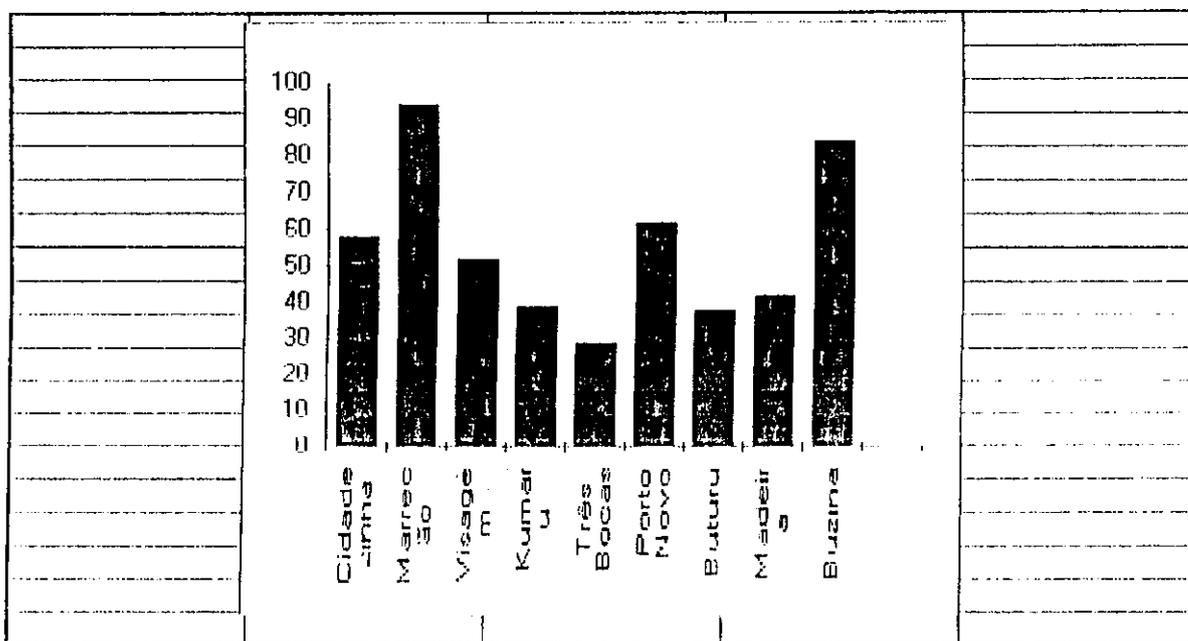
bedini	inu	f
da'u	shuvi	F,FI,Fi
tu	inu	f,fl,fi
hirubadi	tati	Fi,FI
hinudini	hinu	FF,FF,Ff,ff
hirumadini	mashi	fi,fi
makhi		M
panadi		e
nebude		e,M divorciado

O diagrama abaixo apresenta uma análise da terminologia a partir dos seus traços semânticos básicos, que são:

- 1.) distinção de geração (G+2,G+1,G0,G-1,G-2)
- 2.) distinção de sexo do álder(h,m,)
- 3.) distinção de sexo do ego(0,0,)
- 4.) distinção de idade, entre os consanguíneos da geração do ego(e,y,)
- 5.) distinção entre consanguíneos e afins(//,X)

	Homem		Mulher	
	afim	consanguíneo		afim
G+2	aluvi		alizu	
G+1	bedi	abl	ami	mashudini
G0	valummi avini	azu adi		khabu karipene
G-1	hirubadi hirubadi	da'u	tu	hirumadani hirumadani
G-2	hinudini			

Gráfico do total da população Deni



2.3 Meios e atividades de subsistência : uso da terra Organização econômica

Podemos distinguir entre recursos encontrados em fauna e flora e entre recursos que provêm do cultivo da terra.

A economia Deni utiliza todo o potencial encontrado em fauna e flora de seu habitat. Podemos pôr em evidência alguns tipos de sua economia que são caça, pesca, agricultura, coleta de frutos silvestres e de matérias-primas, e apresentar algumas técnicas.

Listagem e identificação dos animais e pássaros mais importantes de caça

nome por	nome Deni	nome científico
antá	avi	TAPIRUS terrestris I
vendo capoeira	badu makuvi	OZOTOCEROS bezoarticus
vendo roxo	badu vesovi	
catetu	anupeda	IAYASSU Iayassu
colia	ismamã	DASYPROCTA
paca	ham anuvi	CUNICULUS paca, sin. AGUII
onça pintada	zumahi hazuri	FELIS ou PANTERA onça
onça vermelha	zumahi makuri	
onça preta	zumahi zutuni uvi	

2.2 Censo e levantamento populacional

O Censo aqui apresentado foi realizado em 1993 pelas equipes de pastoral indigenista de Tefé e Lábrea (equipe projeto Tapauá/Cuniuá), incluindo as 5 aldeias no lado do rio Xeruã, ou seja, as aldeias Três Bocas, Porto Novo, Buturu, Buzina, Madeira; e as 4 aldeias no lado do rio Cuniuá, ou seja, as aldeias Cidadezinha, Marrecão, Visagem e Kumaru. O rio Mamoriá não foi incluído na proposta de demarcação de área Deni por razões de outras propostas de áreas naquela região.

Gráfico do levantamento populacional das aldeias Deni do rio Xeruã

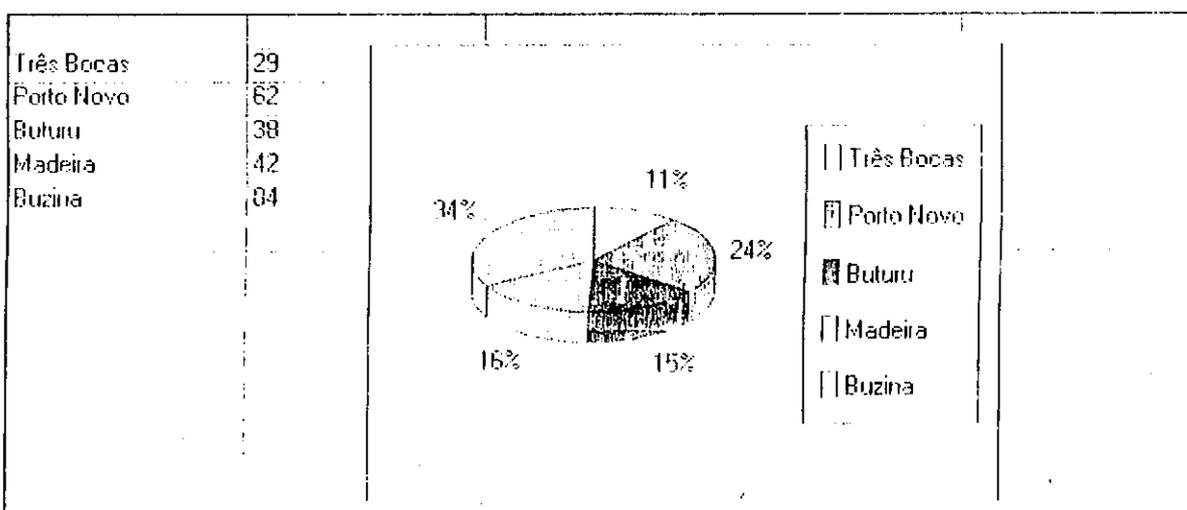
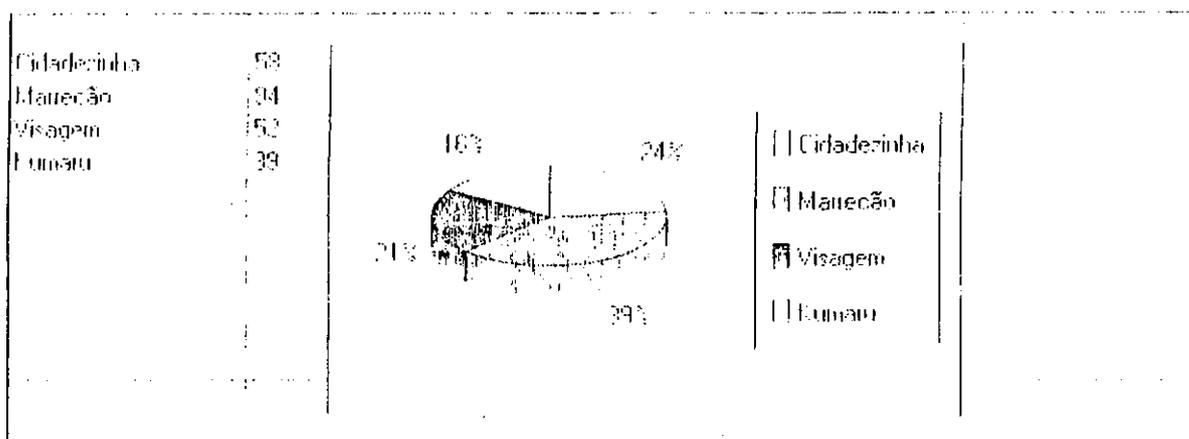


Gráfico do levantamento populacional da área Deni do rio Cuniuá



marcajá	<i>zumahi birihari</i>	FELIS, ou LEOPARDUS, pardalis
lontra	<i>tsabira</i>	
tatú	<i>ishii</i>	DASYPUS
tamanduá	<i>mudu</i>	CYCLOPES didactylus L.
jabuti	<i>zanikuva</i>	TESTUDO tabulata Spix
cairara	<i>manu</i>	Ordem: PRIMATAS
macaco-prego	<i>zuvihí</i>	CEBUS apella L.
macaco barrigudo	<i>sura</i>	Ordem: PRIMATAS
parauacú	<i>tamakuri</i>	Ordem: PRIMATAS
zoinho	<i>bisi</i>	Ordem: Primatas
coatá	<i>humu</i>	ATELES
mutum	<i>iduki</i>	CRAX, MITU
inhambú	<i>vasarade</i>	Ordem: TINAMIFORMES
inhambú galinha	<i>vasuri</i>	Ordem: TINAMIFORMES
jacú	<i>dapu</i>	Ordem: TINAMIFORMES
arara	<i>vaha</i>	ANADORHYNCHUS hyacinthinus (Lat.)
jacamim	<i>tusipa</i>	Ordem: PSITTACIFORMES
queixada	<i>idama</i>	
capivara	<i>hakuvaru</i>	

Os instrumentos de caça são espingarda, arco, flecha, sarabatana e setinhas. Os animais de maior porte são caçados mediante espingarda, arco e flecha, ao passo que os animais de menor porte e os pássaros são abatidos mediante sarabatana.

Há caçadas individuais e coletivas, e existem técnicas estereotípicas de caçadas. A anta, por exemplo, é rastejada; o veado é abatido no barreiro ou chupador onde o homem observa sentado numa epera. Também é construído um tipo de curral *hupii* para matar a caça na armadilha no chão.

Como os peixes representam um grande potencial econômico, devemos registrar algumas espécies mais relevantes do habitat Deni.

Listagem e identificação de algumas espécies de peixes

nome port	nome Deni	nome científico
jatuarana	<i>neri</i>	
pacú	<i>karuru</i>	
piáu	<i>sakaru</i>	LEPORINUS spp.
piáu grande	<i>sukunari</i>	
surubim	<i>kushii</i>	PSEUDOPLATYSTOMA corruscanus
Agas		
lucumaré	<i>aba mapharaharu</i>	CICHLA
piranha	<i>akumi</i>	SERRA SALMOS, PYGOCENTRUS
piarucu	<i>ve'e</i>	ARAPAIMA GIGAS Cuv.
matrinã	<i>mamure</i>	BRYCON
mandi	<i>karaviri</i>	
arraia	<i>butani</i>	POTAMOTRYGUM, PARATRYGON
tracajá	<i>shibure</i>	CHELONIA

As pescarias individuais são praticadas, empregando-se anzóis e azagaias comercializadas. As pescarias coletivas são praticadas com *vekema*, o tingui, ou *kumu*, o timbó. Também usa-se uma espécie de bolo misturado com *vekena*, banana e filhios de caba *avani nepe* igualmente emprega-se semente de cipó *madu bununi* amassado para matar peixes.

Embora haja um limitado potencial de frutos silvestres durante todo o ano, é principalmente na época chuvosa que eles são coletados, no inverno amazonense, entre os meses de dezembro e maio. As coletas são familiares, e os Deni, depois de satisfazerem o apetite, os levam em cestos *tsaputu* até a maloca onde são distribuídos.

Faremos a listagem de alguns frutos silvestres para mostrar a importância que essa atividade econômica representa para os índios.

Listagem de alguns frutos silvestres

nome port.	nome Deni
biorana	<i>vasuma</i> <i>vatamã</i>
uxi	<i>tsiru</i>
pequiá	<i>ezeí</i>
ingá	<i>imi</i>
seringueira	<i>sirika</i>
patauá	<i>hava</i>
açai	<i>maraca</i>
sorva	<i>apie</i>
bacaba	<i>hava zura</i>
abil	<i>zami</i>
cacau	<i>vata</i>
cupuaçu	<i>idi</i>
bacuri	<i>pupu</i>
bacuri tipo pequeno	<i>pereru</i>
bacabinha	<i>karibehe bunu</i>

A coleta de matérias-primas é individual, embora se possa recorrer a trabalhos cooperativos para apressar um determinado processo, como por exemplo a confecção de uma rede, etc.

Listagem e identificação de algumas matérias-primas coletadas

nome port.	nome Deni	nome científico
cipó-titica	<i>tsahi, pavi</i>	HETEROPSIS aff spruceana, SCHOTT
cipó-imbé	<i>tupi</i>	HILODENDRON imbe, SCHOTT
envieira	<i>idapi</i>	
envieira/caçador	<i>tsavida</i>	
caranaí/2 folhas	<i>uza tikai</i>	MAURITIA huebneri, Burret
caranaí/4 folhas	<i>uza putahari</i>	

paxiuba	<i>zani, buba</i>	SOCRATES exorrhiza (Mart.) H. Wendl.
bacaba	<i>hava zura</i>	OENOCARPUS bacaba Mart.
pupunha	<i>zavida</i>	BACTRIS gaasipaes HBK
punã	<i>idapi</i>	
jutai	<i>ava maku</i>	HYMENAEA courbaril L.
itaüba	<i>ava namiza</i>	NECTANDRA spp.
caripé	<i>kuvisa</i>	
pupui	<i>vapanaha</i>	
bréu	<i>muza</i>	
argila	<i>tsipa</i>	

Recursos disponíveis pelo cultivo da terra

A agricultura representa a parte mais importante dos meios de subsistência Faremos a relação e identificação das plantas cultivadas e em seguida trataremos de processos de cultivo de terra.

Listagem e identificação das plantas cultivadas

nome port.	nome Deni	nome científico
mandioca	<i>puu</i>	MANIHOT esculenta, CRANTZ
macaxeira	<i>himeka</i>	
milho	<i>tapa</i>	ZEA MAYS L.
cará	<i>hiha</i>	DIOSCOREA spp.
batata doce	<i>haritsi</i>	IPOMOEA batatas Lam
araruta	<i>ukuu</i>	MARANTA arundinacea L.
cana	<i>kana</i>	
banana roxa	<i>kafumi</i>	MUSA sapientum SCHUM
ban São Tomé	<i>mava</i>	
ban comprida	<i>tsiban butaharu</i>	
ban baié	<i>tumumu</i>	
ban baié/tipo	<i>itele</i>	
abacaxi	<i>tsami</i>	ANANAS comosus (L.) MERRILL
	<i>tsami butaharu</i>	
	<i>tsami biriharu</i>	
ananaç	<i>tsami vaga</i>	
maracujá	<i>sanahu</i>	PASSIFLORA edulis SIMS.
caju	<i>zuate</i>	ANACARDIUM occidentale L.
urucu	<i>indapa</i>	BIXA orellana L.
algodão	<i>vamuro</i>	GOSSYPIUM spp
pupunha	<i>zavida</i>	BACTRIS spp
tabaco	<i>tsina</i>	NICOTIANA tabacum e glauca
timbó	<i>kumu</i>	DERRIS latifolia HBK
tingui	<i>vakema</i>	

O processo de cultivo da terra é desenvolvido nas atividades como roçada, derrubada, queimada e o plantio propriamente dito.

A derrubada constitui uma área comum, e é efetuada com ajuda de todos. Apenas depois da queima divide-se em lotes, chamados *kihinaru*, onde separadamente cada família planta e colhe.

Se morre o marido, a roça passa a pertencer ao irmão que deve cuidar da viúva até ela arrumar outro marido.

Os Deni são condicionados a praticar uma simbiose entre agricultura, pesca, caça e coleta para melhor obterem seus meios de subsistência. Devem aproveitar o solo desprovido de fertilidade e portanto improdutivo e distribuir a exploração de fauna e flora por várias áreas distantes. A sobrevivência de suas comunidades existe no equilíbrio socio-econômico ao evitarem a devastação do meio ambiente. Por isso, os Deni mudam constantemente para áreas novas para estabelecerem novas roças e aldeias, convivendo, desta maneira equilibradamente com o meio ambiente, garantindo, assim, um bom aproveitamento da totalidade de seu habitat, e favorecendo a recuperação de fauna e flora, ou seja, a proliferação das espécies.

A prática de cultivar várias áreas em situações geográficas diferentes é um fator importante no processo de adaptação a baixa fertilidade do solo, à deficiência em sais minerais, à altas temperaturas, às chuvas pesadas e contínuas, e aos recursos alimentícios abundantes apenas em áreas extensivas. Assim as roças podem se recuperar por um ciclo econômico de plantio, colheita e replante. A exploração, de fato, acontece de maneira controlada.

E mesmo a colocação das aldeias apresenta uma situação ecológica notável, pois ali a drenagem do solo é favorecida pela mata virgem ao longo dos igarapés. Ao redor das aldeias encontra-se geralmente um pomar com pupunheiras e bananeiras. Na mata virgem ao redor encontram-se pequenos recursos de matérias-primas, e os igarapés são explorados por pequenos timbós. Observa-se também que não há áreas contínuas derrubadas, toda a área é intercalada por mata virgem ou por capoeiras velhas, igualmente importante na restauração da situação ecológica, criando, assim, um novo ambiente de fauna e flora, onde a proliferação de novas espécies vegetais proporciona novos recursos alimentícios.

De fato, a capoeira *vasi zabuta* traz um enriquecimento muito grande para a alimentação dos Deni, pois constitui um polo de atração para diferentes espécies de animais: tucano, veado e anta procuram as frutinhas da embauba *varekava*. Maropa é procurada por marajá e catipurú, ingá por zogue-zoque; a anta busca um baneiro onde há frutinhas de uxi, pequia, mão-de gato, marí, burili, amapá, frutos de "sete gostos", etc, etc.

3.) Aspectos culturais

3.1) Vida social da comunidade

Algumas categorias de idade

<i>make</i>	homem
<i>amunche</i>	mullher
<i>uve</i>	nenê
<i>zedi-zedi tunari</i>	engatinhando
<i>nuki-nuki tunari</i>	já anda
<i>eheve</i>	criança

<i>zabesu</i>	rapaz
<i>zuvatu</i>	moça
<i>zati</i>	novo
<i>karavi</i>	velho

Desenvolvimento da pessoa

Na primeira **menstruação** (*amadetuharu*), a moça fica fechada em casa, num pequeno quarto de caranaí, durante 5 dias. E quando acontece que os dois fazem amor (*kasimena*) antes do casamento, os dois são castigados por reclusão de um dia.

A mulher percebe sua **gravidez** (*usehe puharu*) depois do terceiro mês; a partir deste momento o casal deve se abster de ovos, surubim, matrinxã grande, e comer apenas peixes miúdos; mas devem continuar fazendo amor até o descanso, pois é assim que a criança nasce forte...

Quando chegam as horas do **parto**, a mulher vai sozinha ao mato para dar à luz; em seguida corta o umbigo, lava a criança e a leva à casa. Quando é o primeiro filho, o marido pode ajudar no parto. A mulher espera até o nascimento da placenta que o marido depois enterra. Em casa a mulher deve beber água quente e de tarde o marido vai buscar patauá para reforçar o leite materno. No outro dia ele busca matupirí *panana* para a mesma finalidade. Agora a mulher come separada das outras durante dois meses, e só depois volta a comer com a família. Não pode comer carne, e depois de dois meses os outros podem pegar a criança que também recebe o nome.

A verdadeira criação da criança acontece quando o *zupinehe* (pajé) sopra a alma à criança dando vida.

Depois do parto tem festa *karibu*, quando dançam, homens e mulheres separados em duas filas que se aproximam e recuam.

O homem traído também pode trair o outro por combinar com a esposa do outro; assim passa a raiva. Jovens ou viúvas podem se oferecer aos rapazes.

Trabalhador, caçador, cantor e pajé tem direito a duas mulheres. O homem pode ter relações com as irmãs da esposa, sem criar problemas.

Na dança *karibu*, os homens se aproveitam das mulheres e vice-verso, com gestos eróticos, brincando com os órgãos sexuais uns dos outros.

Quando um rapaz engravida uma moça não casada, a criança é criada pela mãe e depois assumida pela família dela. Não há castigo, nem para o homem casado que engravida uma moça ou outra mulher.

O **casamento** acontece entre primos cruzados, quando for possível. Os homens inventam uma caçada ou vão atrás de patauá; apenas as mulheres ficam na aldeia, e mais dois velhos. Estes desatam a rede da moça, levando-a para o lado da rede do rapaz. Quando os homens voltam do mato, dizem, então, que estão casados. E a mãe da moça traz brasa para ela fazer fogo. Agora tem festa, com comida e cantos, e os dois podem dormir juntos.

Quando o homem casa com uma mulher ainda não formada, antes dos dias de sua menstruação, os dois são castigados: as duas redes são separadas e fechadas com palhas; não devem comer durante dois dias; apenas no terceiro ganham peixe. O homem deve beber um caldo de um cipó amargo até vomitar. Depois de 5 dias, a moça é levada ao terreiro, amarrada num pau, despida, e o mais velho da aldeia dá uma açoitada nela; depois é pintada. Ninguém pode olhar para os dois fechados na palha, pois vendo uma cobra nestes dias, ela pode morder e matar.

Quando a mulher fica menstruada, e quando nasce a criança, o homem tem que ficar um dia de jejum, e beber aquele caldo de cipó amargo.

Mulher e marido tem duas luas de resguarda, com comida dos melhores peixes, sem, porém, poder comer as cabeças.

Quando morre uma pessoa, é iniciado o choro ritual por todos, principalmente durante a noite. Pela manhã, cinco rapazes devem abrir a cova; o morto é enrolado e empacotado numa maqueira, usando-se para isso uma rede nova; depois é levado por dois homens até a **sepultura**. Aí descem o corpo, atando a rede de sorte que não enconsta ao chão. Em seguida são colocadas ripas de paxiuba por cima do corpo, sem, porém, tocar nele; e depois é jogada a terra, sendo que o corpo pendura livremente. Por cima da sepultura é feita uma casa. Outras pessoas podem também ser enterradas na mesma sepultura.

Agora um homem deve pedir ao pajé de levar a alma ao céu; então o espírito do *zupinehe* leva a alma, fazendo jejum até o regresso a sua casa. E o morto que não é levado pelo pajé, fica aí, gritando, fazendo visagens e sofrendo.

3.2.) Aspectos etno-religiosos

Os homens mais poderosos ainda hoje são os *zupinehe*, os pajés. Na aldeia Marrecão ainda trabalham três pajés: Bisu, Biri e Nura, e na aldeia Kumaru Koaman. No lado do rio Xeruã não tem mais pajé; por isso muitos Deni atribuem a última epidemia de sarampo à falta destes intermediários, reponsáveis pela harmonia entre alma e corpo. Pois é o pajé que se comunica com as almas, e cujo espírito pode deixar seu corpo e viajar. Ele possui pedras (*katuhe*) em todo o corpo, e tirando-as de si mesmo, pode botá-las em outras pessoas para depois, no processo de cura, retirá-las por meio de sucção. Estas pedras são como espírito, explicam os pajés.

O pajé-aluno deve ir ao mato onde o mestre ensina comer certas folhas e assim conhecê-las, sempre acompanhado por inalação de rapé. Ali vivem os espíritos *tukurime* que vai conhecendo. O aprendizado culmina no encontro com seu próprio espírito, quando o aluno chega a conhecer a si mesmo. Nesta altura já tem conhecimentos de muitas coisas, fala com feras, onças, peixes, cobras grandes, etc. Entretanto também os espíritos vão conhecendo o aluno, perguntando por seu nome que assim vai entrando no seu mundo. Conhecer os espíritos é dominá-los, e conhecer seu próprio espírito é dominar a si mesmo. Assim ele pode fazer o trabalho desejado, pois manda nos espíritos, e cobra, onça, etc., não lhe fazem mal.

Dizem que pajé não morre de morte natural; ele sempre é morto por um pajé mais forte por meio de *katuhe*. O pajé ruim deve ser morto. Uns 15 anos atrás, o pessoal de Koaman matava o pai de Haku que era pajé ruim, pois matava muita gente; por isso é que até hoje tem rixas entre os diferentes grupos, inclusive com ameaça de morte.

Mito de criação do mundo: um dia, uma espécie de lagarto, dentro de uma toca de árvore, falava toda a giria. Então *eruvu* desencantou o bicho, criando gente.

mahannu é o espírito feminino que criou as plantas como ananaz, macaxira, mandioca, banana, milho, etc., enfim tudo quanto nasce em pé (*biba abanuni*).

nadiba é o ancestral que trouxe tudo quanto nasce deitado, como taioba sava, cará, batata, etc.

mahaniu é o ancestral que plantou, mas o homem tirava, sem plantar. As plantas cresciam assim mesmo. Mas um dia os homens brigavam com ela, querendo matá-la. Então ela disse: se me matarem, vai morrer toda espécie de plantas. E mesmo assim, os homens queriam pegá-la. Ela, então, subiu ao céu levando consigo toda a roça. Os homens não tinham mais nada para comer; mato tomava conta de tudo. Ai inventaram de tocar fogo, e depois da queima nasceu um pé de macaxeira, e também de outras plantas. Assim aprenderam a cuidar de manivas.

Mito da chegada do fogo: Naquele tempo, um homem foi caçar onça que era o único bicho mal. De repente gritou o passarinho *bubu* ao Deni: Tem fogo aí. Em frente, uma árvore enorme estava em chama. Ao se aproximar, o Deni sentiu muito calor. Então pegou uma vara e levou a brasa para casa. Quando os outros pediram fogo, ele não deu e mandou buscar mais. Os outros foram ao lugar indicado, mas ali não encontraram mais nada. Então o primeiro repartiu o fogo, e assim ninguém deixa apagar o fogo até hoje.

Mito do dilúvio: naqueles tempos, os homens brigavam com *sinukari*, o ancestral das águas. E ele, com raiva, subiu ao céu, fazendo o céu escurecer e chover. Choveu, choveu, choveu durante muitos dias. Todo mundo morreu, apenas *kira* escapou. *Sinukari* pediu para ele fazer uma canoa de casca de *mapuva* (jutai), e embarcou apenas os macacos. Depois mandou matar toda a gente. E dos espíritos desta gente iria recriar todos os bichos. *Kira* cacetou todos os homens, e os mortos viraram sapo. Depois veio o inverno que ficou frio, porque o vento soprava para secar as águas.

Festas :

Quando queimam a roça, cantam os Deni, usando pintura de urucu para chamar à presença os espíritos. *Mahaniru* é o espírito mais invocado. Enquanto as mulheres cantam, os homens tocam fogo. Depois da queima, a terra é dividida para todos plantarem.

inuku abanurini é o espírito da gente; só o *zupinehe* tem ele;

mahaniru é o espírito das plantas

bani nukuni abanurini é o espírito dos bichos

eruruví é o grande espírito

Alguns componentes da festa Deni: *ahihirinina* - cantar

zainina - dançar

ekaru - avançar

ekarimitaru - voltar pra trás

ekava hamitaru - dar a volta

hiride - puxador

kasivaharu - festa

mise - cantos

ima amosinaha - festa, reunião para comer

kavakizaru - inutirão

Os índios Deni trabalham para fazer festa, se divertir, convidar malocas vizinhas e inventar toda a espécie de brincadeiras. É o povo mais criativo em improvisar, imaginar e usar seu imenso repertório de espíritos. Ainda hoje é papel do *zupinehe* convocar a festas e fazer os convites. As festas são organizadas principalmente na época da descida dos peixes e quando os frutos silvestres estão de vez.

Brincadeira do *lizama* (queixada): os pessoal temeda os porcos, sendo que os homens representam os queixadas, usando um talo de caranai para fazer o barulho de "bater queixo", e as mulheres as flechadoras, correndo atrás para bater neles.

Brincadeira do *manu* (cairara): os homens representam cairara, usando na ponta de uma vara um boneco macaco com rabo, invadindo casa por casa, derrubando cachos de banana, mamão, etc, e as mulheres correm atrás para pegar as varas e os macacos.

Festa do *puu* (mandioca) primeiro as mulheres limpam o varadouro; depois os homens devem pegar o panelo pesado cheio da massa de *puu*, tirá-lo da água e carregá-lo até o terreiro. Em espírito de competição, cada homem deve tentar soerguer e carregar sozinho a pesada carga do cesto, enquanto os outros ajudam, segurando o panelo provido de alças de envira.

Brincadeira de cana e de ananaz *sami*: os homens devem carregar paneiros cheios destes frutos até o terreiro. Lá, as mulheres puxam um por um até o último que depois é disputado, puxando-se nas duas pontas até derrubar a equipe adversária.

Brincadeira do *hava* (patauá): é outra competição de dois partidos, um de homens, e outro de mulheres, cada um devendo puxar o olho do patauá.

Interessante é o fato que em todas as brincadeiras há separação de sexo, porém sempre com participação de ambos, e comumente trocando os papéis.

ima amosinaha: festa de patauá, banana, batata doce, açaí, etc: nestas festas junta muita gente que participa, comendo e bebendo junto. "Os homens faziam beijú e grolado. Quando algumas mulheres voltavam da pescaria com peixe, passavam pelo terreiro falando alto e animando os homens a tratá-los. Demorava sempre até que um homem saísse correndo atrás da mulher e lhe arrancasse o pescado. A plateia dava risadas, mas as donas continuavam sérias. E os homens foram limpá-los no igarapé. À tarde, os homens colocavam tapioca e *puu* no terreiro, e as mulheres panelas com caldo de peixe. Todo mundo avançava, um grupo de homens, se servindo, e outro de mulheres. E todos comiam juntos..." (Marrecão, 1992)

3.3 Tecnologia Dení

Cerâmica

Na manufatura de cerâmica, os índios Dení empregam alguns termos que caracterizam as diversas etapas deste processo:

- *tsikamaru* misturar c/caripé
- *mamanaru* levantar os roletes de argila
- *zapanitaparú* alisar o interior
- *tukanaru* queimar

Como matérias-primas são usadas:

- *zipa* argila
- *kuvisa* e *zuvi kutsu* caripé

O caripé é um antiplástico, adicionado às argilas a fim de temperar a pasta

O processo de manufatura é chamado acordelado: roletes de pasta são superpostos em sentido circular até construir as paredes do vaso, usando-se uma tira de cana-de-açúcar ou de um pedaço de pau.

O artigo de cerâmica é posto num lugar sombrio, e embotado é colocado ao sol e depois submetido a uma leve queima até estar apta para ser desidratada a elevadas temperaturas por um fogo forte

Os Dení designam alguns vasilhames com os seguintes termos.

- *kuribi* alguidal
- *matupuha* cuia
- *huhunde* vaso p/flauta

As partes componentes de todos os vasilhames são designadas com os mesmos termos:

- *zutunu* base
- *letekurini* bojo
- *ipum* borda

Trançados

A **rede *pui*** é um trançado de vários tamanhos. A técnica no processo de confeccionar a rede consiste na armação de dois paus (*pui pinine*) dispostos no chão no comprimento da rede, onde os fios (*vikunade*) são envolvidos de modo horizontal; no entretrançado de fagulias que envolvem cada vez dois fios horizontais. A estrutura básica é um trançado torcido horizontal. Como matéria-prima para fios e fagulias é usada a entrecasca das envireiras *tsavida* (mata-matá).

Os índios distinguem os seguintes componentes na rede de dormir:

- *pui budi* cama
- *tati* cabeceira de cama
- *heutu kanihade* punho
- *madune* corda de suspensão, feita de toari *matsiri*.

A urdidura é designada com o termo *kuvene*, e a trama com o termo *vaari kusade*

Tsatsava (tipiti) é um trançado que serve para processamento de mandioca. A técnica na confecção do tipiti é a de entretrançar, a categoria estrutural é um trançado cruzado.

Batu evehe (tipoia) é uma faixa trançada para o uso de transporte de crianças. A matéria-prima é de envireira.

Tsaputu (panaco) é um cesto confeccionado de folhas novas da palmácea patauá. É provido de uma tira de envira para cingir a testa e levar nas costas.

Haba é um **cesto-paneiro** de trançado hexagonal reticular. A matéria-prima é do cipó *fupi* (ambé). Sua base é convexa, o bojo cilíndrico, o contorno do corpo simples, a borda constrita.

Pepe é o **abano** de um trançado em forma de meia lua, confeccionado da folha da palmácea tucumã (*kurini bunu*).

Kajamari é um **aro de coroa** e serve para enfeite. A técnica no procedimento da manufatura é a de costurar, a categoria estrutural é um trançado costurado com falso nó.

Favi kuvani é um cesto trançado para guardar objetos de estimação.

Vabitsi é o **fuso**, cujas partes componentes são:

- *teferu* tortual do fuso
- *vabitsi* vareta do fuso

O fuso é constituído de uma vareta feita de um estilete da palmácea paxiuba (*buba*) que serve de bobina, e do tortual do fuso feito de madeira.

Vikunade é o **fio do barbante da rede**; a matéria-prima usada para confeccionar o fio de rede é a entrecasca da envireira mata-mata (*tsavida*).

A matéria-prima para **fiar algodão** é o próprio algodão *vanure*. A felpa descaroçada é retirada pela orla externa da almofada, em forma de tira, e distendida manualmente da orla dessa e atada ao castão do fuso por laçada em volta seca. A técnica de fiação é identificada como torção em "Z", os filamentos de algodão são torcidos no fuso posto na perna direita no sentido dos ponteiros do relógio.

Kanava é a **canoa**, hoje cavada da madeira itauba; seus componentes são:

- *tatni* proa
- *zutuni* popa
- *papumakusa* assento
- *tutube masa* beiral
- *tsive* fundo

Varame é o **remo**, igualmente trabalhado da madeira itauba; seus componentes são:

- *zehe* pá
- *pitu* cabo
- *zepe* punho

Daka-daka é o **pilão para socar sementes**; é feito de um toro de madeira da sorveira *apie*.

Keke é a **mão-de-pilão**; uma peça cilíndrica com as extremidades arredondadas; é trabalhada da madeira de biorana-ferro *hurutani*.

Puva é o **pilão para socar rapé**; uma pequena peça feita da madeira mirapiranga *puva*. Para socar o rapé, é usado a mão-de-pilão *vihuvihu*, feita da mesma matéria prima.

Zani é o **ralador**, feita da raiz aéreo da palmácea paxiuba; sua superfície rígida e áspera serve para ralar mandioca.

Api é uma espécie de **flauta** confeccionada da semente da fruta de abiu *tukuru*. A semente tem forma ovóide, e mede cerca de 9 centímetros. Ela é perfurada com 4 ou 5 orifícios de digitação que permitem a variação dos sons.

Vanunu é um **pião de brincar**; é uma frutinha que recebe dois furinhos para cantar ao girar no chão; ali se enfia um pauzinho colado com *muza*(bréu). *Pinine* é uma peça de madeira onde se coloca o barbante para fazer girar o pião.

Huhuride é o **vaso** para dar a sonoridade à flauta; tem bojo maior que a boca, com protuberâncias no bocal e duas alças pequenas.

Karibehe é uma **sarabatana** singela bipartida: duas calhas de madeira *punã(idapi zuzuri)* são lavradas e entaniçadas com tiras da entrecasca do cipó imbé(*tupi*).

A confecção da sarabatana emprega as seguintes matérias-primas: a madeira *punã(idapi zuzuri)*; o cipó titica(*pavi*); o bréu(*muza*); o cipó imbé(*tupi*); dente de paca(*hama nuvi*)

A madeira *idapi zuzuri*: são lascadas duas ripas no desejado comprimento, raspando-se a superfície. As peças são ajustadas, formando metades iguais, com o lado interno plano, o lado externo convexo. No lado plano, longitudinalmente, é trabalhada uma calha.

O cipó *pavi*: a junção provisória das duas partes é feita com este cipó, envolto em torno do tubo em forma de laços.

O cerol *muza* é aplicado como cola para fixar a fita protetora da entrecasca do cipó imbé.

O cipó imbé *tupi* é o material para entançar o tubo.

Dentes de paca *hama nuvi* são presos por uma porção de cerol no primeiro quarto do comprimento do tubo, representando a alça de mira da sarabatana.

Setas de sarabatana *siepe* são estiletos de cerca de 40 cm de comprimento, coletados do pé da palmácea patauá. Afia-se a ponta de cerca de 3 cm e meio, e dá-se uma incisão anular no pé desta ponta que será a parte besuntada com veneno.

A romba é revestida de uma porção de paina de árvore munguba e ajustada com ajuda da língua e de saliva em forma de um tufo circular na proporção do orifício do bocal da sarabatana. Quando o projétil está carregado, o invólucro de paina e a beira do bocal formam uma superfície plana. O invólucro da paina serve de bucha para cumprir o ar dentro da sarabatana e dar impulso ao projétil quando soprado.

Eteruni é o **carcás** para setas de sarabatana. Emprega-se palha da palmácea caranaí *uza tekili*, os folíolos da palha envolvem um feixe de mais que 50 setinhas.

No **arco** *ditsa-ditsa* discrimina-se as seguintes partes:

- *ide*.....ombro do arco
- *mete*.....segmento inferior
- *kute*.....segmento superior

- *enení*.....empunhadreira
- *vinuri*.....lado externo do segmento
- *baku*.....lado interno do segmento
- *madune*.....corda

- *zudu inade* nó de amarração

O arco de cerca de 1.60 m é confeccionado de um só segmento longitudinal de madeira da palmácea bacabeira *hava gura*; ou de pau d'arco *kamu*. A empunhadreira é mais larga. O ombro recebe um entalhe pouco acentuado onde é amarrada a corda mediante um "nó de porco", ao passo que no terminal do segmento superior a sobra da corda é enrolada.

Na flecha *kariba*, os Deni distinguem as seguintes partes componentes:

- *vabitsi* vareta
- *kutani* ponta da flecha
- *inuni* ponta besuntada com veneno
- *bidunade* cava
- *vakanika* parte emplumada

A vareta é feita da madeira da palmácea paxiuba *dsani*, e encastada na haste. No final da haste é feito um pequeno entalhe para assentamento do arco.

A capa protetora *fapu turini* para as flechas é feita de folíolos da palha de caranai.

Uza é a casa construída ao modo dos ribeirinhos. Os Deni usam para esteios as madeiras *ava maku* (jutai), *isapi* (quari-quari), *buturi* (louro preto); para barrotes e linhas usam *hurutani* (biorana), *mazu* (macucu), *idapi* (envireira); e para linhas de baixo usam *aruni* (miratinga).

As partes principais da construção da casa são as seguintes:

- *uza pinine* esteio
- *tutu kevemita* barrote
- *vavatuna* linha de baixo
- *vanatu nimahu* caibro
- *karakusi* linha de cima
- *uza zutuka* oitão
- *pinet* escada
- *buba* assoalho
- *zipu* lugar do fogo
- *uza tikiri* coberta de caranai
- *tekanade* pano de caranai

Veneno para pesca

Os Deni utilizam dois tipos de veneno para pesca: *kumu* e *vakema*;

Kumu é uma planta cultivada cujas raízes são tóxicas; colhido na roça ou em capoeira, o *kumu* é usado para pequenas e grandes pescarias. O *kumu* é farelado por meio de um batedor até soltar fiapos brancos que são recolhidos em folhas de bananeiras bravas. Depois é metido em cestos e lançado no igarapé, tornando a água numa cor leitosa, envenenando, assim, a água e asfixiando os peixes que em seguida são apanhados por meio de azagaia ou de cestos. Os peixes maiores são pegos por meio de uma tapagem em lugar estratégico.

Vakema é um pequeno arbusto tóxico cultivado em capoeiras, colhendo-se galhos, folhas e sementes. Depois de triturá-lo, é recolhido em cestos que em seguida são mergulhados nas águas, tingindo-as com uma tonalidade escura. Serve principalmente em pequenas pescarias.

O *vakema* pode ser conservado numa grande bola compacta *daka kanade*, servindo como isca em viagens ou excursões. Às vezes mistura-se filhotes de caba *avani nepe*.

O rapé é constituído de 2 ingredientes: do pó de folha de tabaco *tsina*; e da cinza da casca da árvore pupui *vapanaha*.

As folhas de tabaco colhidas na roça nova são selecionadas e empilhadas. Depois tira-se os talos e coloca-se as folhas no alguidal com a nervura exposta, em forma circular, e ao fogo brando, essa rodela de folhas é torrada, sem, porém, deixá-la quebradiça, e depois é guardada em cestos. Querendo fazer rapé de uma destas rodelas de tabaco, ela é novamente torrada até o ponto de ficar quebradiço. Para isso, ela é espetada numa vareta ou numa forquilha de pauzinhos, e tostada ao calor da brasa. Quando está no ponto, a rodela é quebrada e metida no pilão onde é socada por meio de mão-de-pilão, convertendo os pedaços em pó.

A casca da árvore pupui é coletada, cortando-se com a faca pequenas tiras que são armazenadas para o preparo de vários rapés. O vapanaha, feito em pedaços, é queimado dentro de uma pequena vasilha sobre um fogo brando até se converter em cinza. Esta cinza de tonalidade marrom é adicionada ao pó de tabaco, misturando e socando-se os dois ingredientes juntos.

IV. Os Dení em contato com organismos missionários

1.) Equipes de pastoral indigenista de Tefé

Em 1979, a equipe de pastoral indigenista da prelazia de Tefé visitou todas as aldeias Dení no rio Xeruã e seus afluentes, destacando a presença dos seguintes grupos:

- *Kuniva-Dení*
- *Hava-Dení*
- *Bukure-Dení*
- *Minu-Dení*
- *Makui-Dení*
- *Varasa-Dení*
- *Katu-Dení*

Além disso registram os nomes de outros grupos Dení já extirpados pela violência da ocupação extrativista e de inúmeras epidemias, especialmente sarampo e tuberculose.

Em junho de 1982, a equipe visitou as aldeias Madeira, Mutum, Humano, Palermo, Sasaru, Kumaru e Kakiri, constatando a presença de várias doenças, principalmente tuberculose nesta oportunidade processou-se a baciloscopia e aplicou-se a PPD e BCG seguido de tratamento. Iniciou-se também a fase de combater as parasitoses infecciosas e anemias.

Em 1983, realizou-se o primeiro encontro das equipes de pastoral indigenista de Lábrea e Tefé na aldeia kakiri, e foi nesta ocasião que se denunciou a grave situação em que o povo Dení se encontrava. Também foi elaborada uma proposta de demarcação da área Dení e encaminhada à Funai.

Em 1984, a equipe de Tefé, numa de suas visitas rotineiras às áreas, encontrou as aldeias de Kakiri e Humana praticamente abandonadas. A aldeia de Sassaru encontrava-se em mudança para uma colocação abaixo de Sassaru.

Em janeiro de 1985 constituiu-se o Grupo de Trabalho para identificação e delimitação da área Dení, com participação das duas respectivas equipes. No mesmo ano, a equipe de Tefé constatou o surgimento das aldeias de Buturu constituída de um grande número de pessoas de Kakiri, e de Porto Novo, no igarapé Cujubim, constituída da população de Humana e também de uma parte de Kakiri.

Nessa época, os Deni estavam localizados nas cabeceiras dos igarapés. Cujubim onde se situavam as aldeias Porto Novo e Palermo; no Parum, com as aldeias Madeira e Mutum; e no Buturu, com a aldeia do mesmo nome. As malocas de Madeira e Mutum apresentavam acesso fácil ao comércio, ao passo que a nova aldeia Buturu ficava ligada à aldeia Porto Novo por falta de roça madura.

Em 1988, a equipe fixou-se na localidade de Nogueira, no rio Xeruã, três horas distantes de Buturu. Por causa do agravamento das condições de saúde do povo Deni, foram chamadas uma equipe médica de Ceres/Goiânia, que veio atuar no local, colhendo material para exames de sangue e encaminhando casos de TB à Manaus. Nesta oportunidade foi elaborado um áudio-visual para divulgar a situação precária do grupo.

Em 1989, a equipe mudou-se para Buturu. Iniciou-se, então, a coleta de material para lâmina

de malária. Em 1990, uma médica integrou-se nesta equipe.

Em 1992, a equipe participou junto com o médico do Cimi Regional na ação interinstitucional contra uma epidemia de sarampo que causou a morte de 67 Deni.

Em 1994, a equipe de saúde do Cimi Regional acompanhou esta equipe, denunciando a situação de total abandono da parte das autoridades competentes e chamando atenção diante do novo perigo de outras epidemias.

Desde o início do trabalho com os Deni a saúde, portanto, tem sido uma questão prioritária para as equipes de pastoral indígenista. A situação continua sendo precária, sendo que a área Deni se tornou endêmica de malária, hepatite B, foco de tuberculose. As condições precárias de higiene dificultam o controle das endoparasitoses.

Coefficiente de natalidade entre os anos de 1989 a 1993

1989.....	2 0%
1990.....	1 8%
1991.....	1 8%
1992.....	2 1%
1993.....	4 1%

Coefficiente de mortalidade geral entre os anos de 1989 a 1993

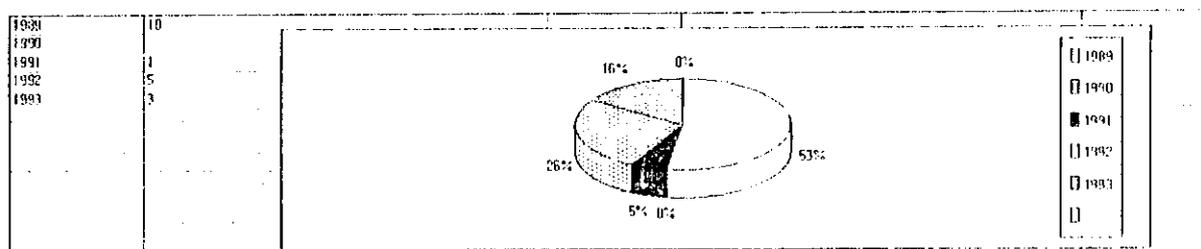
1989.....	4 9%
1990.....	3 4%
1991.....	1 5%
1992.....	19 0%
1993.....	0 5%

Entre os anos de 1989 a 1993, o coeficiente de natalidade manteve-se estacionário em torno de 2%, com um ligeiro aumento em 1993 de 4%, e previsão de novos nascimentos ainda para 1994. Enquanto que o coeficiente de mortalidade geral variou bastante entre 4,9% em 1989 e 0,5% em 1993, com o pico em 1992, com 19%.

O coeficiente de mortalidade infantil entre 1989 e 1993 ficou em torno de 23%.

Em 1989, a equipe concentrou o seu trabalho no combate à tuberculose e malária. Na década de 70, pelo menos 85 Deni tinham morrido de tuberculose pulmonar ou ganglionar.

A tuberculose

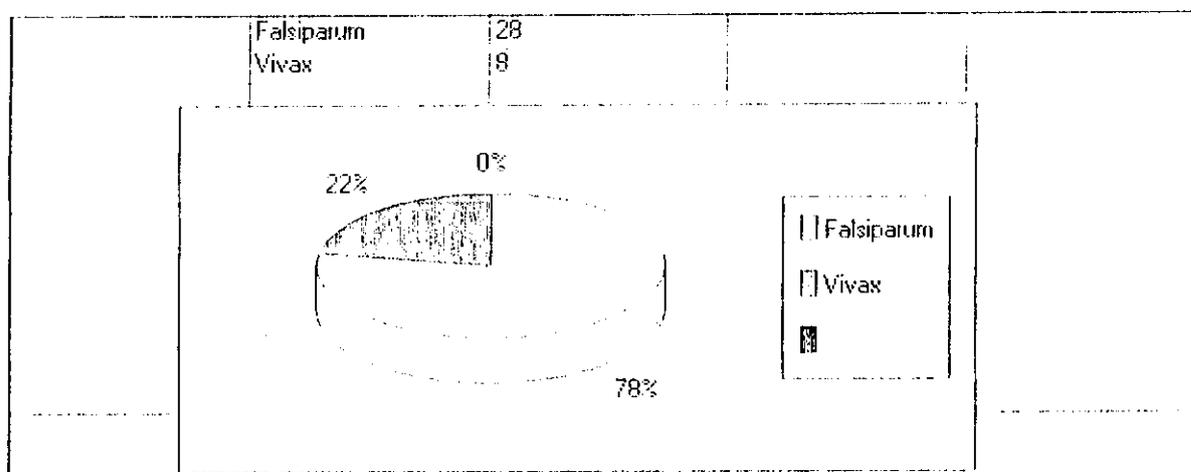


Num trabalho de cooperação interinstitucional entre FNS, FUNAI, SESAU, a equipe de pastoral indigenista de Tefé conseguiu organizar, em janeiro de 1992, uma viagem de emergência à área Deni, visando à questão da epidemia de sarampo, fazendo vacinação antisarampo e anti-febre amarela, providenciando atendimento médico, coleta de lâminas de malária, exames parasitológicos e exames de escarro para identificação de casos de tuberculose, além de acompanhar e orientar a população debilitada. Na viagem de 1994, 19 casos de tuberculose foram diagnosticados, sendo 2 do tipo ganglionar e 7 confirmados pelo exame de BAAR; 13 pessoas com alto índice de infectabilidade foram encaminhadas à Manaus; outros ficaram em observação.

A malária, em 1989, ocupava 70% das consultas da equipe; nos anos seguintes passava a representar 6.5%, enquanto a incidência de outras enfermidades subia.

A equipe volta sua atenção à educação de saúde, com a utilização de cartilha de saúde que inclui noções de higiene, tratamento alopático e natural; à prevenção de doenças por meio de multivacinação; à orientação sobre a dieta adequada, visando principalmente às causas da desnutrição entre crianças e jovens; e ao controle de dados de saúde, utilizando fichas individuais para os Deni onde constam identificação, desenvolvimento, vacinação e morbidade.

Na viagem em novembro de 1994, 36 casos de malária foram detectados, apresentando 78% de falciparum e 22% vivax, sendo que a proporção de falciparum representa um fator assustador.

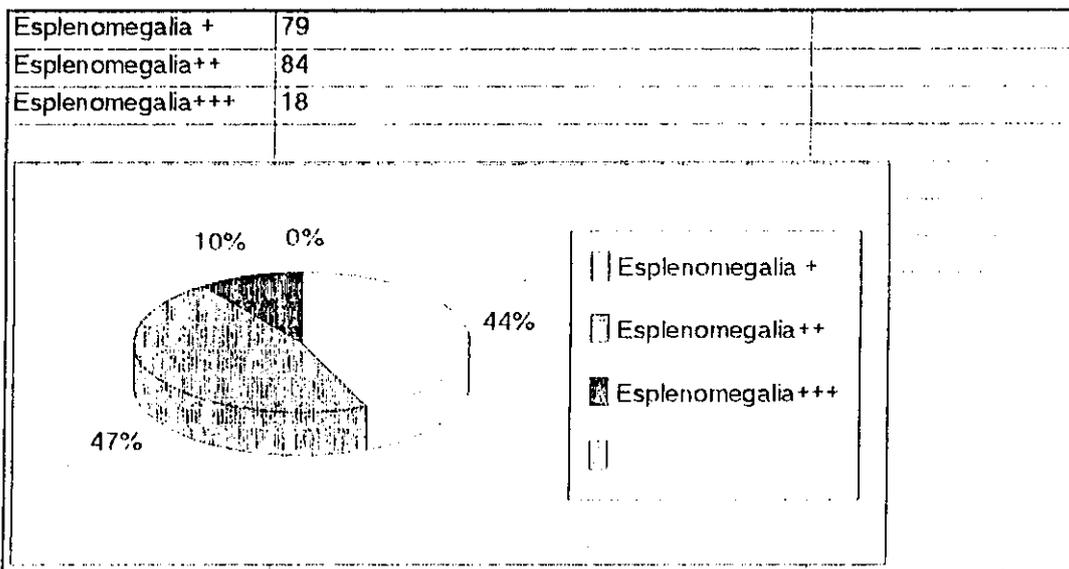


A alta taxa de infecção tem como consequência anemias e esplenomegalias; os exames revelaram um diagnóstico de 75% de esplenomegalia, com índice de 56% de esplenomegalia moderada ou grave. E dos 38% que tem anemia significativa, 18% são anemias moderadas e 20% graves.

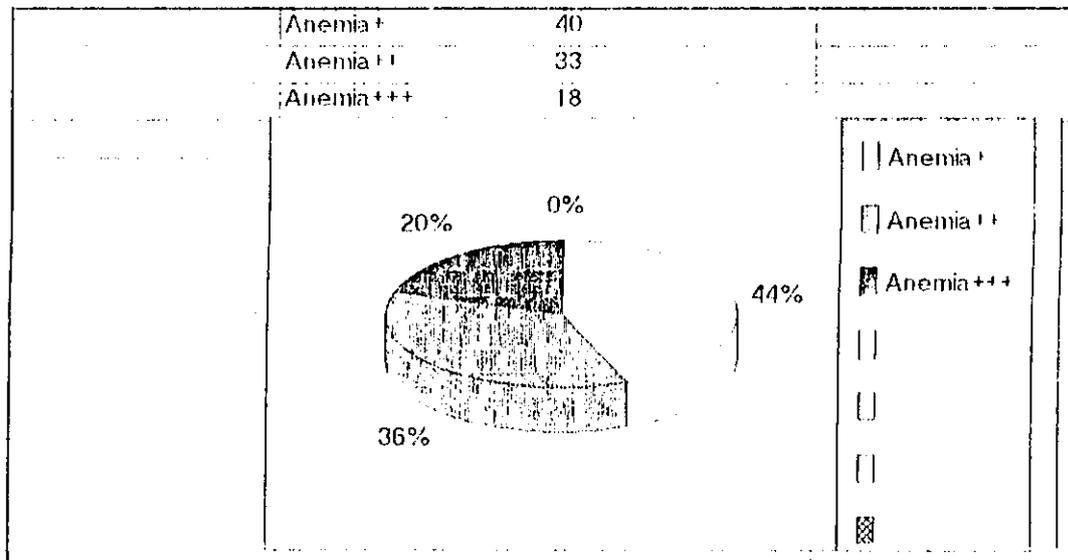
Hoje, mais de um terço da população Deni está com malária resistente.

Além da incidência de tuberculose e malária existem outros tipos de doenças, ou seja doenças de pele, infecção secundária por picada de insetos, principalmente de piom; infecções fúngicas da pele; verminose, ameba, infecções respiratórias, gripe, pneumonia e diarreia em escala normal.

Incidência e gravidade de esplenomegalia



Incidência e gravidade de anemia



A equipe de pastoral indigenista de Tefé considera que na área Deni do Xeruã a malária já é endêmica, sendo difícil erradicá-la por completo. Entretanto com um programa coerente pode-se diminuir o alto nível de infecção e as consequências crônicas.

As metas de combate à malária compreendem ações coordenadas de diagnóstico e tratamento, enfrentando inclusive o desafio de descontinuidade do tratamento da parte dos pacientes Deni; além do programa de borrifação, e a termonebulização em cada comunidade

Outra proposta é a discussão da questão de saúde com os próprios agentes indígenas de saúde em relação à formação de seu próprio quadro de agentes, capacitando-os para leitura de lâminas e formando, assim, microscopistas indígenas em geral.

Outra proposta é a construção de uma Casa do Índio nesta região, o que evitaria o deslocamento de pacientes para outras regiões, como por exemplo para Manaus onde as dificuldades logísticas e burocráticas dos órgãos oficiais tornam o tratamento completo de 6 meses ineficiente. O papel relevante dos futuros agentes indígenas de saúde dá-se nesta relação entre a Casa do Índio e as comunidades onde os pacientes pudessem receber um acompanhamento específico.

A realização das propostas prevê um trabalho de cooperação interinstitucional entre Cimi, FNS, FUNAI, e UNAIS, uma ONG inglesa com programa de integração de profissionais de saúde (médico e enfermeiro).

Educação

Em 1989, a equipe iniciou o processo de alfabetização na língua Deni e de aprendizagem da aritmética, visando amenizar o impacto da exploração econômica; pois homens e jovens adultos trocavam produtos com ribeirinhos e regatões sem entenderem o mecanismo de troca.

O ensino de 1 hora por dia sofreu diversas interrupções por causa do agravamento da situação de saúde e a necessidade de desenvolverem atividades de subsistência. Mesmo as crianças do sexo feminino, antes inibidas, fazem hoje desenhos dirigidos, adquirindo os conhecimentos básicos do alfabeto. Conta como grande avanço o fato de que as pessoas já estão em condições de fazerem contas de adição e subtração, atuando como "agentes educadores", ao repassarem o aprendizado adquirido aos demais de suas comunidades.

Auto-sustentação

Face à realidade econômica regional em falência e face à inserção da força indígena na produção regional, ou seja, na exploração dos recursos naturais que são borracha, sorva e madeira, carne de caça e pesca, a equipe teve dificuldades de encontrar junto com o povo Deni alternativas econômicas. Como em outras partes da Amazônia, via-se também aqui um caminho alternativo, porém pouco rentoso, na fabricação de artigos artesanais, como por exemplo de anéis e de outros tipos de enfeites de coquinhos de certas palmáceas.

Os líderes indígenas Deni pediram apoio para poderem retomar sua própria autonomia econômica, solicitando ao Presidente da Funai na ocasião da realização da audiência na aldeia Kumaru, em 5 de julho de 1992, o seguinte material:

- remédios e atendimento de saúde
- Casa de apoio ao índio na cidade de Carauari
- sistema de fonia com motor

- ferramentas como terçados, machados, facas; motor de 3.5 hp para casa de farinha para cada aldeia;
- 2 rabetas de 5 hp, uma para o Xeruã e outra para o Cuniuá;
- um barco motor de centro Yanmar 13 para o lado Xeruã levar os produtos para vender na cidade;
- um barco Yanmar 22 hp para o lado do Cuniuá poder levar os produtos à cidade;

Como esta reunião teve lugar logo após epidemia de sarampo que matou 67 Deni, os índios se comprometeram em limpar uma área destinada para pouso de helicóptero, e isso em todas as aldeias, para uma eventual ação de socorro.

A equipe de Lábrea fez os primeiros levantamentos na área do rio Cuniuá em 1979, e desde então, os Deni são visitados em viagens de apoio à questão da demarcação da área Deni; à discussão na busca de alternativas econômicas; à realização de multivacinações, em parceria com FNS e DSY.

Em 1985, a equipe participou no Grupo de Trabalho para identificação e delimitação da área Deni.

Em 1992, a equipe ajudou no levantamento da situação do sarampo, realizando uma ação rápida de combate à epidemia, ao viajar para as diversas áreas afetadas onde tivesse notícias de índios Deni refugiados e onde houvesse necessidade de tratamento.

No mesmo ano realizou-se na aldeia Kumaru o primeiro encontro de todos os líderes patarahu afim de analisarem a situação pós-sarampo, solicitarem projetos de emergência na questão de atendimento à saúde e no combate contra fome, miséria, desnutrição, anemia, por falta de alimentos, de roças maduras, de condições de trabalhar na pesca, caça, coleta ou na agricultura. O desespero formulado em documento não foi ouvido nem atendido pelas autoridades competentes, embora tenha passado pela mídia nacional e internacional.

Os missionários do SIL e NT

Paul e Doroty Morain, do SIL, iniciam estudos linguísticos entre os Deni do rio Cuniuá.

Em 1973, Gordon Koop, do SIL, realiza estudos linguísticos na aldeia do Marrecão onde permanece até 1982. Preocupado com a situação sócio-econômica dos Deni, inicia um projeto de desenvolvimento comunitário entre eles. Como fase preparatória para execução do trabalho apresenta em primeiro lugar uma análise sócio-cultural do projeto de desenvolvimento comunitário. A finalidade deste estudo é:

- 1.) completar um estudo intensivo da organização social e política das comunidades Deni em consideração;
- 2.) identificar desejos e necessidades dos Deni e examinar a extensão das inovações adotadas pelos Deni no desenvolvimento comunitário para suprir suas necessidades
- 3.) determinar como melhor implementar os aspectos remanescentes do projeto para conseguir uma comunidade indígena auto-suficiente, com acesso ao grande mercado econômico.

Em 1977, é publicado o livro "Os Deni do Brasil Ocidental. Um estudo de Organização Sócio-política e Desenvolvimento Comunitário", de Gordon Koop, e Sherwood G. Lingenfelder, cuja tradução para o português saiu em 1983. Este trabalho expõe os desejos e necessidades dos Deni, o contexto sócio cultural do desenvolvimento comunitário e suas implicações na continuação de uma programa de desenvolvimento comunitário.

O projeto foi implantado na aldeia Marrecão, na confluência do igarapé Marrecão e do rio Cuniuá.

Os Deni, semi-nômades, tem uma longa história de migrações. As pessoas mais velhas podem localizar vinte diferentes aldeamentos que estabeleceram e depois abandonaram ao longo de uma vida comum.

A atração inicial das famílias Deni para esta região foi a presença de dois patrões não-índios, Chico Severino e Adriano Lopes. Desde 1971 levavam famílias Deni rio abaixo, contratando-as para a coleta de sorva, limpar roças e fazer outros serviços. Em 1973 houve o estabelecimento de 4 casas no Marrecão.

A filosofia de trabalho no projeto tem sido partir das necessidades básicas sentidas pelos próprios índios.

1.) Necessidades básicas que se referem à auto-sustentação e a alternativas econômicas. O projeto foi fundado pela Agência Canadense Internacional de Desenvolvimento. O SIL, responsável pela execução do mesmo, ia discutindo vários aspectos do projeto com os Deni. Eles expressaram interesse em fazer farinha para vender, e por isso aumentar suas lavouras, inclusive com variedades de frutas e de alimentos básicos.

Os Deni concordaram em limpar uma área para a pista de pouso e limpar novas roças em preparação à expansão de mandioca e milho e um lote experimental de arroz em terreno seco.

Os Deni do Marrecão plantaram uma área de 6.8 ha, mas mesmo assim as novas lavouras não produziram adequadamente quantias para produção comercial.

O lote experimental de arroz deu problemas na utilização do solo, rotação de culturas e fertilidade a longo prazo. A plantação de milho sofreu semelhante problema de manejo da terra.

A aldeia do Marrecão é diferente em diversos aspectos: a existência de uma pista de pouso e a permanência de uma equipe de apoio. Mesmo se queixando de maus espíritos locais ou da vontade de querer retornar ao seu velho território, rio acima, ou morar perto de seu patrão não-índio, é a pista de pouso que continua fornecendo ligação direta com remédios, contatos e negócios diversos, tendo criado, assim, uma relação de grande dependência. O SIL, e hoje o NI, garantem cuidados médicos, um mercado para o artesanato, o trabalho convertido na aquisição de ferramentas, roupas, objetos de consumo e tudo com menos dívidas relativas do que com os patrões não-índios.

Entretanto, o estabelecimento de uma aldeia mais ou menos permanente trouxe inúmeras implicações inesperadas. Os problemas surgiram das estratégias básicas para a adaptação. Essas estratégias são ajustadas a curtos períodos de residência, geralmente não mais do que 5 a 6 anos.

O mesmo princípio aplica-se à lavoura. Após o terceiro ano, a lavoura geralmente está coberta de vegetação e portanto abandonada. Tais práticas de agricultura são ecologicamente corretas, permitindo um rápido reforestamento da terra e conservação dos nutrientes do solo.

Outro recurso rapidamente esgotado é a caça. Antes de fixar residência, os Deni tem se deslocado repetidamente para regiões de melhor caça. O novo interesse na troca de mercadorias e no desempenho de trabalho aos não-índios para pagar essas mercadorias tem restringido a liberdade dos deslocamentos.

2.) As necessidades básicas que se referem à questão de saúde

Os Deni estão particularmente interessados em remédios da indústria farmacêutica. Malária, verminose, ameba, tuberculose, resfriados, pneumonia, infecções e mordidas de cobra são problemas constantes entre os Deni. O contexto de estabelecimento de aldeias requer instalações sanitárias e cuidados higiênicos no lar, e a situação de contato permanente com os não-índios uma política de medicina preventiva.

3.) A educação comunitária como necessidade básica

Os Deni que fazem parte de uma economia que lida com dinheiro precisam de um programa de impacto para a educação de jovens e adultos onde são ensinados números básicos, adição e subtração e o valor relativo e o uso de dinheiro. Pois sem estas realidades sempre serão logrados nas suas transações econômicas externas.

Apesar de boa vontade e de uma visão política mais globalizante, o projeto não foi planejado e orientado na base de relações econômicas existentes para as necessidades básicas de subsistência. Os missionários tornaram-se outros patrões, e consequentemente o projeto foi por águas abaixo.

O extrativismo já tinha invalidado em grande parte a estrutura econômica da sociedade indígena, destruindo seus valores de economia coletiva e desarticulando a participação nas atividades comunitárias.

Análise crítica para um projeto de desenvolvimento comunitário a partir do contexto cultural Deni

Fatores de motivação

O principal centro da vida dos Deni são as festas. Eles plantam grandes lavouras para terem abundantes suprimentos de mandioca, macaxeira, batata-doce e cana-de-açúcar para as festas. Caçam grandes animais para contribuir com a carne e ressaltar suas bravuras diante a comunidade. Confeccionam roupas novas e enfeitam o corpo para realçar elegância e beleza. Os homens trabalham durante 2 dias coletando os coquinhos de certas palmáceas e pescando nos rios para conseguir abundância de frutos e pescado. As mulheres trabalham longas horas ratando e torrando mandioca, socando e deixando de molho os coquinhos de patauá, bacaba ou buriti e preparando outros vegetais para a festa.

Os Deni vivem de festa em festa. A alegria é compartilhada nas boas conversas, comidas, brincadeiras, cantos e danças. O conceito Deni para as festas significa literalmente "prolongação da boa conversa- *ina amusinaha*".

Um projeto de desenvolvimento comunitário deve discutir as propostas de inovações no sentido de inclusão da realidade de festas.

Um fator de motivação na cultura Deni é o amor e a paixão pela caça. Entre os homens, a caça é o assunto primordial na conversação e o elemento principal no papel do homem. Se por alguma razão um homem não pode caçar e está confinado à aldeia, ele perde o respeito tanto dos homens quanto das mulheres. Um homem que não sabe caçar iguala-se a uma mulher. Ele permanece constantemente em volta da aldeia, se envolve na conversa e argumentação das mulheres e em breve é fonte de contenda e disputa. Caçar é a maneira do homem escapar ao tumulto da vida doméstica. Na floresta, ele está sozinho na vasta solidão para mostrar sua bravura contra os animais selvagens. Quando os homens estão zangados ou lamentando a morte de um parente ou filho, eles desaparecem na floresta. As mulheres, ao contrário, gritam em voz alta entre si na aldeia e lamentam em coro, expressando sua tristeza.

Os propósitos do Desenvolvimento Comunitário que exigem novos papéis dos homens entrarão em desentendimento com essas diferentes orientações para homens e mulheres. Os homens não estão nem acostumados e nem desejam passar seus dias perto da aldeia, onde as mulheres e crianças são presenças constantes. Eles se aborrecem rapidamente dos mexericos que são rotina da vida feminina e procuram a fuga e solidão da floresta. Novos papéis que faltam para permitir essa necessidade básica dos homens podem ocasionar conflito interno maior e virem a ser mais destrutivos para a estrutura da vida comunitária.

Divisão de trabalho

A divisão básica de trabalho da sociedade Deni sugere a dicotomia homem/mulher, floresta/aldeia. O domínio do homem é a floresta aberta e seu papel econômico é a essência desse domínio. O homem mata a caça na floresta; ele pesca nos lagos e rios; sobe em árvores para colher frutos silvestres. Corta madeira para limpar uma área para construir casas da aldeia, fazer lavouras de mandioca e conseguir madeira para construção de canoas. Antes do uso de espingarda, eles faziam suas flechas na floresta para evitar o mau olhar se as mulheres as vissem.

Homens e mulheres trabalham juntos em alguns serviços, como construção de casas, roçando para fazer lavouras. Obrigações domésticas são do domínio das mulheres. Também a colheita de produtos agrícolas, distribuição de caça e pesca e o preparo da comida e dos alimentos em geral. São elas que consideram as criações de galinhas ou patos como propriedade feminina. Inclusive os cachorros, que podem ser cedidos para o uso na caçada.

O projeto de Desenvolvimento Comunitário que se refere à economia agrícola ou mesmo pecuária (como tinha sido previsto para os Deni da aldeia Marrecão), deve levar em conta essa divisão tradicional de trabalho. Os homens estão acostumados e dispostos a limpar o terreno, construir casas e mesmo plantar; mas alimentar animais, carregar água e cuidar de crianças são serviços femininos. Deve se dar particular atenção à divisão de trabalho e à relação competitiva entre homens e mulheres.

Conceitos de propriedade e posse

Durante a administração do projeto, foram designados alguns objetos, tais como as grandes chapas de torras farinha ou o ralador de mandioca como propriedade da aldeia. Pouco tempo depois, os homens perguntaram a quem pertenciam estes artigos. E aos poucos, os chefes foram levando um por um para suas casas.

Alguma coisa à qual a pessoa dedicou trabalho produtivo pertence a essa pessoa. Se o homem acha uma árvore na floresta, que ele pretende usar para a construção de uma canoa, é sua por causa do trabalho gasto em achá-la. Ele comunica à aldeia de que árvore ele está falando e ninguém tentará usá-la.

Este princípio se confina em relação a toda a propriedade Deni. O homem que começou a limpar uma parte da floresta para a roça, esta lhe pertence. Ele pode decidir e dar partes do terreno às pessoas que o ajudaram, mas ele também pode conservá-lo para si mesmo. Um homem que faz uma flecha ou compra uma cartucheira, a ele pertence o artigo ou qualquer coisa que ele mata. Se outro usa sua flecha ou cartucheira, ele deve dividir a presa. Uma mulher que planta uma lavoura de mandioca ou uma árvore de mamão, a ela pertence a lavoura e a árvore. Não há diferença quanto às ferramentas introduzidas pelo projeto. Por causa da contribuição de trabalho na construção da pista de avião e outras melhorias na comunidade, eles se sentiam como proprietários das ferramentas da comunidade.

As ferramentas que não possuem um dono específico não são adequadamente cuidadas. As serras da "comunidade" foram deixadas na chuva e enferrujaram e outras ferramentas frequentemente estavam perdidas. "Propriedade comunitária" é completamente ineficiente entre os Deni.

O processo costumeiro de fazer decisões na aldeia Marrecão ocorre na praça da aldeia, de madrugada. Enquanto as famílias ainda estão nas redes, o chefe ou outro homem faz a sugestão de uma atividade cooperativa. As opiniões são expressas indo e cruzando a praça da aldeia, até que se tenha achado uma conclusão. Esses que estão interessados e defendem o propósito, o seguem por meio de ações apropriadas durante o dia. Outros que possuem opiniões divergentes seguem o seu próprio caminho.

Muitas vezes esse processo é curto, girando em torno de discussões preliminares informais. Durante o dia anterior, uma atividade pode levantar problemas e as pessoas presentes discutirão o que deve ser feito. Se as pessoas chegam a um acordo, querendo tomar alguma atitude, eles passam a palavra informalmente a outros no seu agrupamento familiar. Na manhã seguinte, cada um já pensou no que ele fará. Entretanto, o chefe anunciará da sua rede o que foi discutido e chama as pessoas para fazer as atividades planejadas para aquele dia. Aqueles que querem acrescentar comentários e opiniões contraditórios podem fazê-lo, mas o planejamento permanece essencialmente o mesmo como decidido anteriormente.

Às vezes, o chefe pode agir sozinho fazendo uma proclamação à aldeia do que deve ou não deve ser feito. Geralmente essas proclamações são admoestações ao povo para seguir os já aceitos ideais para as relações peculiares à comunidade. Só raramente o chefe correrá o risco de anunciar outras atividades a não ser festas, sem primeiro verificar a opinião pública. O papel do chefe Deni é lidar e não impor. As pessoas pedem aos chefes planejamentos positivos e dinâmicos, mas se recusam a segui-los, a não ser que eles apoiem o plano.

O planejamento para o desenvolvimento da comunidade deve ser centralizado numa organização básica da aldeia e aceitar os métodos quanto ao modo de fazer decisões. O tradicional planejamento Deni é para períodos muito curtos e os retornos precisam ser imediatos. Os planejamentos para períodos maiores são feitos para limpar terrenos (roças), uma atividade que dura vários meses. Um homem velho dum agrupamento familiar inicia o processo declarando no fórum pré-matinal que pretende limpar uma determinada parte da floresta para fazer sua lavoura. Ele e sua família iniciam então o longo processo de roçar. De tempos em tempos, ele chamará, para ajudá-lo, pessoas do seu agrupamento e outros da aldeia, mas eles não participam no planejamento do trabalho. O "proprietário" da roça organiza a limpeza. Quando chega a época de coltar as árvores, ele conta o seu plano à aldeia e comunica que qualquer que deseje uma parte da lavoura ou sua ajuda nas lavouras dele, deve vir e ajudá-lo no seu trabalho.

O planejamento do Desenvolvimento Comunitário deve seguir esse modelo básico. Projetos devem ser "propriedades" e também devem ser organizados por um homem idoso dum agrupamento familiar. Esses projetos devem ser de curto prazo e oferecer retornos bem imediatos.

Planejamentos a longo prazo e planejamento total do projeto são alheios à prática Deni. As pessoas planejam suas atividades caseiras, dia a dia, com exceção da limpeza e cultivo. O chefe planeja as atividades festivas dentro de 1 ou 2 dias. Os não índios instituíram um planejamento a longo prazo para a coleta da seringa ou serrando madeira, mas os Deni muitas vezes alteram esses planos quando outras atividades se tornam mais atraentes.

Usando esse método, os planejadores de um projeto contribuirão diversas discussões informais sobre os propósitos, com os homens mais velhos nos seus respectivos agrupamentos familiares. Esses homens continuarão as discussões entre eles durante 1 ou 2 dias e então comunicam aos planejadores o que decidiram fazer. Serão necessárias discussões, mais adiante, sobre os aspectos técnicos do planejamento e o fórum pré-matinal da aldeia deverá se mostrar útil neste aspecto. É importante coltar novamente que os agrupamentos familiares, não a aldeia, são as formas de fazer decisões comunitárias do trabalho e sua distribuição.

Os Deni já se acostumaram a aprender dos de fora. Eles utilizaram numerosas ideias e técnicas do patrão não-indio para quem trabalham. Entretanto, não aprenderam estas coisas em situações de sala de aula. O seu aprendizado se baseia na experiência prática das relações de trabalho do dia-a-dia. Os Deni são receptivos às novas ideias das pessoas, mas não creem nas novas técnicas até que vêem algum motivo prático para aceitá-las. É essencial que conselheiros de fora trabalhem com os Deni na introdução de novas habilidades técnicas e os guiem na aplicação repetida das técnicas até que os Deni as tenham aprendido e possam fazê-las independentemente.

A interligação das relações externas

A interligação das relações comerciais é complexa. Um patrão não-indio dos Deni pode ter diversos padrões próprios com quem está endividado, por isto ele depende do trabalho dos Deni para saldar seu próprio débito, tendo que suprir os Deni com as mercadorias que desejam. Como consequência, o patrão precisa conservar os Deni endividados com ele. Isto não é difícil, pois o Deni deseja distinguir-se na sua habilidade de comprar. Além disso, apesar de muitos levarem os homens para longe das suas casas e lavouras, eles precisam comprar a comida do patrão, enquanto estão trabalhando. Desta maneira, eles consomem em comida boa parte do que recebem como pagamento com o trabalho migratório.

Os Deni usam o sistema de patrão tal e qual o seu patrão o usa. Ultrapassam o crédito mais do que seu patrão permitiria, e depois pagam o mais devagar possível. E muitos trabalham para pagar seus débitos, assim eles podem comprar mais.

A principal desvantagem que os Deni têm neste sistema é a completa falta de compreensão do dinheiro e seu papel na definição do valor relativo às mercadorias e serviços. São vítimas deste sistema.

Portanto uma necessidade básica no desenvolvimento comunitário dos Deni é treinamento matemático simples e o uso no dinheiro. Sem estes conhecimentos, a produção de farinha ou a colheita de outros produtos para vender, por exemplo, não resultará numa maior autonomia.

Alguns regatões faziam viagens regulares Curitiba acima, oferecendo uma alternativa ao sistema de patrão, pois vendiam aos Deni à vista. E os índios pagavam em farinha, sorva ou boracha.

Um outro aspecto da interligação externa dos Deni que merece consideração é a relação dos Deni com outras comunidades Deni. Os Deni do Maracão não são os únicos no seu modo de viver nômade. Atualmente a pista de pouso é uma atração permanente. Entretanto, esta vida nômade dos Deni cria alguns problemas para projetos de Desenvolvimento comunitário por causa da taxa da população sujeita à rápida flutuação quando as pessoas vão e voltam livremente. Assim, a aldeia, sendo meramente uma agregação de agrupamentos familiares, não tem uma unidade inerente em si mesma. Seus chefes são essencialmente líderes dos seus agrupamentos e não da aldeia como um todo.

O nomadismo, portanto, deve ser levado em consideração como fato da vida Deni e incorporar estratégias que estejam à altura da população que permanece. Pois residentes fixos podem partir subitamente e moradores temporários podem tornar-se dentro de breve, permanentes.

V. Proposta de Área

1.) O trabalho sobre a **Situação geográfica e ecológica** do povo Deni vem a evidenciar que os Deni reconhecem seu hábitat tradicional situado nas planícies dos rios Purus (*napi*) e Juruá (*zurumu*), entre os rios Cuniuá (*kuniva*) e Xeruã (*shiruha*).

No lado do rio Cuniuá situam-se as seguintes aldeias:

- Cidadezinha, com a população de 60 pessoas; com 4 casas palafitas; tuxaua é *Ukekeni*

- Marrecão, com a população de 92 pessoas; com 10 casas palafitas, 4 casas dos missionários de NT; tuxaua é *Haku*;

- Visagem, com a população de 52 pessoas; com 4 casas palafitas; tuxaua é *Tapa*

- Kumaru, com a população de 39 pessoas; 7 casas palafitas; tuxaua é *Koaman*

No lado do rio Xeruã situam-se as seguintes aldeias:

- Buturu, com a população de 38 pessoas; tuxaua é *Mavahari*

- Três Bocas, com a população de 29 pessoas; tuxaua é *Biruvi*

- Buzina, com a população de 84 pessoas; tuxaua é *Ramun*

- Porto Novo, com a população de 62 pessoas; tuxaua é *Saravi*

- Madeira, com a população de 42 pessoas; tuxaua é *Eruruvi*

- Mutum, com a população em mudança; tuxaua é *Vapihari*

Os solos desta área apresentam características extremamente ácidas e deficientes em alimentos nutritivos de plantas. A combinação de temperatura quente e alto índice pluviométrico afeta o solo sob aspectos químicos, constituindo, portanto, fatores desfavoráveis a uma agricultura intensiva.

Constatamos também que a vegetação florestal é exuberante, embora as condições de temperatura e chuva apresentem fatores negativos ao clima da planície tropical. Existe, portanto, um equilíbrio ecológico na vegetação, anulando ou ao menos contrabalançando os efeitos negativos de temperatura e chuva. E o aproveitamento máximo dos nutrientes se dá através de justaposição de plantas com diferentes necessidades. A grande proliferação de espécies exemplifica este fato.

Entendemos que os recursos, ou seja, a provisão dos meios de subsistência dos índios Deni vem da floresta tropical em forma de caça, pesca, coleta (estrativismo), e agricultura. Constatamos que o solo da floresta tropical é de baixo teor produtivo e conseqüentemente de potencial agrícola limitado. Por outro lado, vimos que os recursos alimentícios silvestres são abundantes apenas nas áreas extensas, fato que exige movimentação migratória dentro do habitat. A dificuldade de prover os meios de subsistência condiciona a vida dos Deni, favorecendo uma relação íntima com o meio ambiente.

Os Deni se adaptaram a uma vegetação de baixa fertilidade do solo, com deficiência em vitaminas e sais minerais, a um ecossistema, portanto, que apresenta uma vegetação de grande porte, mais limitada de valor protéico.

Portanto, o lugar dos Deni na biosfera é um constante perambular entre as diversas áreas onde se concentram seus recursos renováveis. Desta maneira garantem um máximo de aproveitamento da totalidade de recursos do habitat geográfico. Conseguem a exploração econômica inteligente do potencial ecológico, favorecendo, assim, a recuperação de fauna e flora da floresta tropical, proporcionando um processo de interação biológica e anorgânica de proliferação das espécies.

2.) O **ensaio histórico** apresenta as diversas fases de "catequese e civilização" daquela área: a política indigenista oficial tem relação aos dois respectivos rios, e observações de viajantes e estudiosos.

Convém lembrar a expedição do SPI, em 1930, quando pela primeira vez é trazida a autodenominação *Dení* de um povo que vivia nos rios Coxodoá e Aruá, ambos afluentes do rio Cuniuá.

Destacamos o histórico indígena quando a memória Deni localiza seu antigo habitat:

- os *Bucure-Dení* no rio Aruá, afluente do rio Cuniuá
- os *Kuniva-Dení*, descendentes do rio Cuniuá
- os *Minu-Dení* no igarapé Kurabi, rio Xeruã
- os *Varasa-Dení* no rio Xeruã
- os *Hava-Dení* no rio Xeruã

Portanto, o antigo habitat Deni é toda a extensão do rio Cuniuá, desde o rio Coxodoá, em montante em ambas as margens; e toda a extensão do rio Xeruã, em montante, em ambas as margens.

3.) O trabalho sobre contexto sócio-político e econômico aponta os "pacificadores locais" dos rios Cuniuá e Xeruã; a inserção da mão-de-obra indígena no sistema econômico regional, ou seja, no extrativismo.

Desde o tempo colonial, a política integracionista resume-se nas diversas fases pelas quais passou na área dos rios Purus e Juruá: por "guerras justas", por "reduções", pela exploração da mão-de-obra indígena, pela "catequese e civilização", executadas por entidades civis e religiosas. Em todos os casos, a integração nunca foi realizada como processo social. Muitas sociedades no decurso da história destas áreas foram extintas; outras, porém, continuam sobrevivendo, mantendo sua identidade étnica que as distingue da sociedade regional e nacional.

Métodos e objetivos da política integracionista não mudaram até os dias de hoje. Essa política é colocada sob interesse econômico, a fim de transformar os índios em produtores da economia regional. Termos como integração ou aculturação não passam da tentativa de intensificar a participação sumária nos métodos, normas e valores da sociedade nacional, até o ponto de a sociedade indígena se tornar parte integrante dela, sem distinção. Como a sociedade nacional é definida por valores individualistas e competitivos, tenta-se estimular os índios a adquirirem bens e privatizar o sistema econômico coletivo que mantêm.

Verificamos que a política está voltada também contra os interesses dos ribeirinhos, provocando a decadência do extrativismo e estrangulando a criatividade em torno de alternativas econômicas.

Denunciamos a exploração de madeira jacarandá, pau-rosa e pau-brasil; uso de moto serras para derrubar e fazer planchas de itaúba, massaranduba, biorana, leucó e o roubo de madeira levada em forma de jangadas, principalmente das espécies leves como caucho, copaíba, muiatinga, samauma, ucuuba, etc.

4.) Na análise sobre ocupação da terra apresentamos notificações, levantamentos, e apontamentos do Grupo de Trabalho de 1985 em relação ao povo Deni e os subgrupos.

Em seguida transcrevemos o censo Deni, realizado em 1993. Este censo demonstra a ocupação das terras Deni.

O uso da terra é comprovado pelo sistema econômico Deni que utiliza todo o potencial de sua economia que são caça, pesca, agricultura, coleta de frutos silvestres e de matérias-primas, e apresentar algumas técnicas.

Os Deni são condicionados a praticar uma simbiose entre agricultura, pesca, caça e coleta para melhor obterem seus meios de subsistência. Devem aproveitar o solo deprovido de fertilidade e portanto improdutivo e distribuir a exploração de fauna e flora por várias áreas distantes. A sobrevivência de suas comunidades existe no equilíbrio sócio-econômico ao evitarem a devastação do meio-ambiente. Por isso, os Deni mudam constantemente para áreas novas para estabelecerem novas roças e aldeias, convivendo, desta maneira, equilibradamente com o meio ambiente, garantindo, assim um bom aproveitamento da totalidade de seu habitat, favorecendo a recuperação de fauna e flora, ou seja, a proliferação das espécies.

A prática de cultivar várias áreas em situações geográficas diferentes é um fator importante no processo de adaptação à baixa fertilidade do solo, à deficiência em sais minerais, às altas temperaturas, às chuvas pesadas e contínuas, e aos recursos alimentícios abundantes apenas em áreas extensivas. Assim, as roças podem se recuperar por um ciclo econômico de plantio, colheita e replante. A exploração, de fato, acontece de maneira controlada.

E mesmo a colocação das aldeias apresenta uma situação ecológica notável, pois ali a drenagem do solo é favorecida pela mata virgem ao longo dos igarapés. Ao redor das aldeias encontra-se geralmente um pomar com pupunheiras e bananeiras. Na mata virgem ao redor encontram-se pequenos recursos de matérias-primas, e os igarapés são explorados por pequenos timbós.

Observamos também que não há áreas contínuas derrubadas toda a área é intercalada por mata virgem ou por capoeiras velhas, igualmente importante na restauração da situação ecológica, criando, assim, um novo ambiente de fauna e flora, onde a proliferação de novas espécies vegetais proporciona novos recursos alimentícios.

Mesmo a capoeira traz um enriquecimento muito grande para a alimentação dos Deni, pois constitui um polo de atração para diferentes espécies de animais.

5.) Na análise sobre Aspectos culturais apresentamos a vida social da comunidade; o desenvolvimento da pessoa Deni; sua cosmovisão e sua tecnologia, e desta maneira querendo demonstrar a unidade e relevância das realidades desde a situação ecológica até a tecnologia indígena.

6.) Finalmente elucidamos os trabalhos das equipes de pastoral indigenista de Telé e Lábrea, e o trabalho dos missionários do SII e NT, evidenciando a dramática realidade de contato com o mundo não-indio, com um quadro de saúde alarmante, com o coeficiente de mortalidade de 19% em 1992.

Coeficiente de mortalidade geral entre os anos de 1989 a 1993

1989	4.9%
1990	3.4%
1991	1.5%
1992	19.0%
1993	0.5%

O coeficiente de mortalidade infantil entre 1989 e 1993 ficou em torno de 23%.

Em 1994, a malária voltou a se manifestar, com 36 casos detectados no rio Xeruiá, apresentando 78% de falciparum e 22% de vivax, sendo que a proporção de falciparum representa um fator assustador.

Na viagem de 1994, 19 casos de tuberculose foram diagnosticados; 13 pessoas com alto índice de infectabilidade foram encaminhadas à Manaus; outros ficaram em observação.

A alta taxa de infecção tem como consequência anemias e esplenomegalias; os exames revelaram um diagnóstico de 75 % de esplenomegalia.

30% da população Deni do rio Xerua está com malária resistente.

Face à realidade econômica regional em falência e face à inserção da força indígena na produção regional, ou seja, na exploração dos recursos naturais que são borracha, sorva, madeira, carne de caça e pesca, o povo Deni tem dificuldade em encontrar alternativas econômicas.

Alguns princípios para um projeto de desenvolvimento comunitário a partir do contexto cultural Deni:

O principal centro da vida dos Deni são as festas. Para isso, eles plantam, caçam, pescam e coletam frutos silvestres. Por isso, um projeto de desenvolvimento comunitário deve discutir as propostas de inovações no sentido de inclusão da realidade de festas.

Outro fator de motivação na cultura Deni é o amor e a paixão pela caça. O homem se realiza na floresta, ao passo que a mulher se dá bem na aldeia. Essa dicotomia cultural deve ser respeitada, pois é o fundamento básico da divisão de trabalho da sociedade Deni. Nesta nova conjuntura de exploração de madeira, caça e peixe, os Deni devem ser orientados para que o gosto pela vida na floresta crie condições de reverter os lucros para suas próprias comunidades.

Outro princípio é que "propriedade comunitária" é um conceito não Deni. Alguma coisa à qual a pessoa dedicou trabalho produtivo pertence a essa pessoa.

Também planejamento a longo prazo são alheios aos Deni. O seu aprendizado se baseia na experiência prática das relações de trabalho do dia-a-dia. São receptivos a novas idéias, mas não creem nas novas técnicas até que veem algum motivo prático para aceitá-las.

O planejamento do desenvolvimento comunitário deve seguir o modelo básico: projetos devem ser "propriedades" e também devem ser organizados por um homem idoso de um agrupamento familiar; esses projetos devem ser de curto prazo e oferecer retornos imediatos.

O tráfego de madeira

Depois da queda do preço da borracha, os patrões dos rios Xerua e Cuniú trabalham na extração de madeira: jacarandá, pau rosa, pau Brasil, caucho, sarnauma, jatobá, uacuba, copaíba, cedro, ilaúba, louro, massaranduba, muiratinga, etc. A mão-de-obra indígena é oferecida dentro de situações de debilitação, desnutrição, permitindo o aumento de incidência de malária, agravando os casos de sarampo e gerando novos focos residuais de Tb.

O maior comprador e explorador da força indígena da região do rio Xerua é o atual prefeito de Itamaraty, Sr. Raimundo Lobo.

No rio Cuniú, os maiores compradores de madeira são os Srs. Raimundo e Otivan Batista; Getal, Três Pinheiros e seus intermediários Zena, Tião, Zé Maria e Nena.

Conforme o croqui anexo no início deste trabalho, o Grupo de Trabalho considerou esta a área necessária aos Deni:

a.) pela margem direita do rio Cuniú, da foz do igarapé Matrinxã até o igarapé Galo do mesmo rio, sendo os limites as nascentes deste e as de um braço do igarapé Aruá, junto com as nascentes do rio Mamoriá;

b.) da confluência do igarapé Galo em toda a sua extensão até a nascente do rio Cuniú;

c.) pela margem esquerda do rio Cuniuá da foz do igarapé Sacado, no sentido montante até as cabeceiras deste; deste ponto em linha seca até as cabeceiras do igarapé Canaã; deste ponto em linha seca até as cabeceiras do rio do Sol; deste ponto até a confluência do igarapé Resemã com o rio Xeruã;

d.) das cabeceiras do rio Cuniuá, até a cabeceira do igarapé Belo Horizonte, e no sentido juzante, pelo igarapé Belo Horizonte, em toda a sua extensão, até a confluência com o rio Xeruã.

Concluindo, o trabalho do GT ao eleger a área Dení foi baseado em dados concretos e palpáveis. Os Dení ocupam esta área desde antes da chegada das frentes de expansão, existem vestígios de roças antigas, de capoeiras, de cemitérios. Todo o seu território está cortado por piques de caça, por sinais de acampamentos coletivos e individuais.

À Funai cabe o dever de assegurar ao povo Dení suas terras e a paz que lhes é de direito, contra invasores e predadores, garantindo-lhes o direito constitucional à saúde, à educação e a uma economia sustentável no contato com o mercado, resguardando, assim, seu espaço vital para sua sobrevivência física e cultural.

VI. Indicações bibliográficas

AZEVEDO, J. Lucio de. Os Jesuítas no Grão Pará - Suas Missões e a Colonização. Lisboa, 1901.

BRANCO, José M. B. Castello. "Caminhos do Acre" in RHCGB, CXCV.

CHALLIOLLES, William. Notas sobre o rio Purus, lidas perante a Real Sociedade Geográfica de Londres, em 26 de novembro de 1803. Separata de Associação do Comércio do Amazonas, vol. 9 (ano 3).

LIEFERKILL, Paul M. A. Viagens nos rios Amazonas e Purus. Revista do Museu Paulista, tomo 31, São Paulo, 1929.

JOBIM, Anísio. O Amazonas - Sua História (ensaio antropológico e político). São Paulo, 1957 (Brasiliana, vol. 29,2).

KOCH, Gordon. Desenvolvimento comunitário entre os índios Dení. SIL.

ROEMER, Gunter. O Povo do Veneno - Sociedade e Cultura do Povo Zuruahá. Edições Mensageiro, 1991.

Urutuara. O Purus dos Indígenas - Ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do Médio Purus. Edições Loyola, 1985.

A caminho das Malocas Zuruahá - Reconhecimento e identificação de um povo indígena desconhecido. Edições Loyola, 1989.

LISSIO MALIAUS (M1, M2). Curia Generale dei Francescani Minori. Roma.

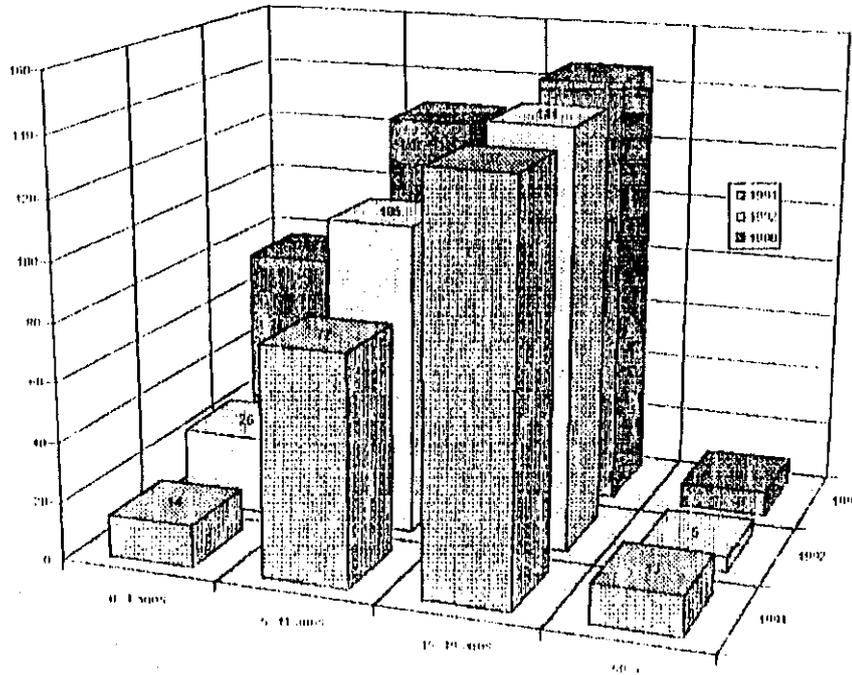
RELATÓRIOS do Serviço de Proteção aos Índios - Museu do Índio, Rio de Janeiro.

RELATÓRIOS das equipes da Pastoral Indigenista de Tefé e Tabrea.

ANEXOS

ANEXO I

Dados demográficos da área Deni do rio Xerué

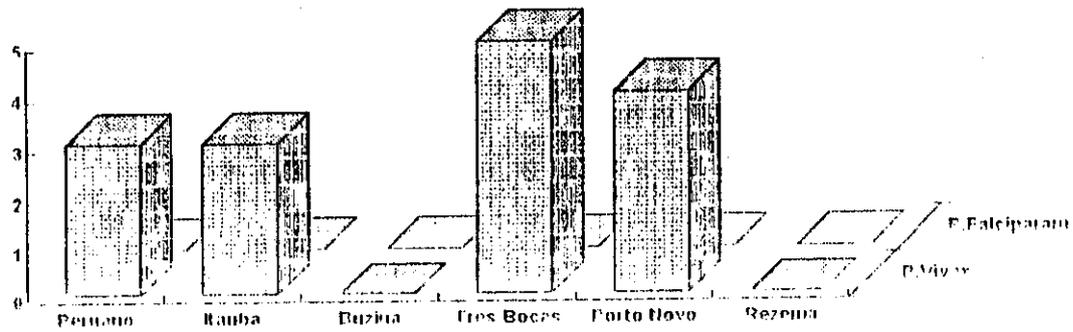


População por faixa etária, 1990, 1992, 1994.

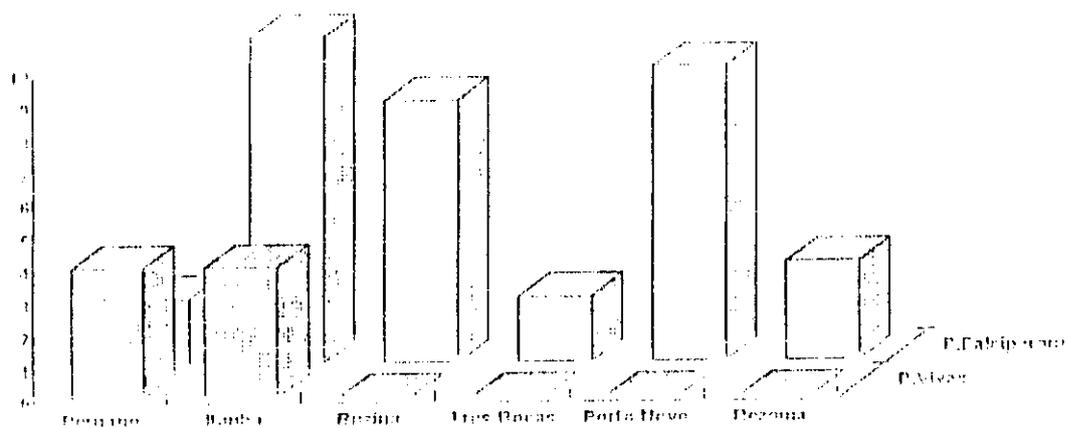
População por Sexo

Ano	Masculino	Feminino	% Feminino	Gestantes da população
1990	186	176	49%	-
1992	152	125	45%	8
1994	142	117	45%	16

ANEXO II



Casos de malária, Novembro 1992



Casos de malária, Outubro 1991

ANEXO III

Incidência e gravidade de esplenomegalia e anemia na população Deni.

Esplenomegalia	Número de casos	Anemia	Número de casos
+	79 (44%)	+	40 (44%)
++	84 (46%)	++	33 (36%)
+++	18 (10%)	+++	18 (20%)
Total	181	Total	91
% da população	75%	% da população	38%

Casos de Anemia Grave

Aldeia Peruano

1. Euruvi 48m
2. Alive 14m
3. Tikirivi 12m
4. Abanani 20f

Aldeia Itauba

1. Hapi 42f
2. Kilha 44f

Aldeia Buzina

1. Kaira 19m
2. Paha 31f
3. Amaharu 10f
4. Putahari 7m
5. Kunani 31f
6. Bezerra 25m
7. Kapumani 22f

Aldeia Tres Bocas

1. Sahitarivi 6m
2. Javavi 14m
3. Saravi 12m

Aldeia Porto Novo

1. Maka 58m

ANEXO IV

Casos de Tuberculose (comprovados e suspeitos) Diagnosticados durante a viagem em Novembro 1994

Aldeia Buzina.	BAAR	AÇÃO
1. Tabaha, 40 anos, Feminino. Tuberculose Pulmonar.	+	Encaminhar
2. Manoel, 28 anos, Masculino. Tuberculose Pulmonar.	+	Encaminhar
3. Zumu, 40 anos, Feminino. Tuberculose ganglionar e pulmonar.	+	Encaminhar
4. Kevenari, 7 anos, Masculino. Tuberculose Pulmonar.	+	Encaminhar
5. Baba, 27 Masculino. Tuberculose Pulmonar.	+	Encaminhar
6. Vanarini, 29 Feminino. Tuberculose Ganglionar. Gestante de 5 meses.	-	Encaminhar
7. Sibiri, 15 anos, Feminino. Tuberculose Pulmonar. Tosse, febre, emagrecimento. Ruidos no pulmão direito. Gestante 3 meses.	-	Encaminhar
8. Ramu, 40 anos, Masculino. Tuberculose Pulmonar. Tosse com sangue. Emagrecimento febre.	-	Encaminhar
9. Alie, 25 anos, Masculino. Suspeito Tuberculose Pulmonar. Tosse com sangue.	-	Observar

- | | | |
|---|---|----------|
| 10. Keri, 27 anos, Masculino.
Suspeito Tuberculose Pulmonar.
Tosse, dor no peito. | - | Observar |
| 11. Nuhari, 10 anos, Masculino.
Suspeito Tuberculose Pulmonar.
Tosse, febre. | - | Observar |

Aldeia Porto Novo.

- | | | |
|--|----|------------|
| 1. Kuvaikini, 53 anos, Feminino.
Tuberculose Pulmonar. | ++ | Encaminhar |
| 2. Kurupanani, 22 anos Masculino.
Tuberculose Pulmonar. | + | Encaminhar |
| 3. Maka, (João), 58 anos, Masculino.
Anemia grave, esplenomegalia.
Suspeita de Tuberculose Pulmonar.
Tosse, emagrecimento, febre. | - | Encaminhar |
| 4. Jaime, 23 anos, Masculino.
Suspeito tuberculose Pulmonar.
Tosse e febre. | - | Observar |

Aldeia Itauba

- | | | |
|--|---|------------|
| 1. Kurupa, 40 anos, Masculino
Tuberculose Pulmonar.
Tosse com sangue.
Emagrecimento, febre. | - | Encaminhar |
| 2. Zavani, 49 anos, feminino.
Suspeita de Tuberculose Pulmonar.
Tosse e emagrecimento. | - | Observar |

Aldeia peruano

- | | | |
|---|---|------------|
| 1. Eruuvi, 48, Masculino
Anemia grave, esplenomegalia.
Suspeita de Tuberculose
Tosse, emagrecimento. | - | Encaminhar |
| 2. Paulo, 30 anos, Masculino
Suspeita de Tuberculose
Tosse com sangue. | - | Observar |

ANEXO V

Pacientes Deni Internados Recentemente na Casa do Índio, Manaus

<i>Nome</i>	<i>Idad/sexo</i>	<i>Data de Internação</i>	<i>Diagnóstico</i>
Barrete	30 m	01 05 92 - 01 06 92 08 06 94 - 20 08 94 17 07 95 -	abcesso cronica
Baba	27m	? 12 94 - 07 02 95	Suspeito TB pulmonar
Kuapana		? 12 94 - 07 02 95	Suspeito TB pulmonar
Eururuvi	40m	? 12 94 - ? 01 95	HS megalia, Anemia
Gazel	20m	09 06 92- 18 08 92 ? 12 94 - 25 01 95 17 07 95 -	Amputação da perna
José Ribeiro		08 06 92 - 10 12 92	TB Pulmonar Início tratamento: 02 08 92
Maça		02 05 95 - 25 05 95	Vermes
Antonio Brasil		17 08 93 - 16 09 93	Diagnostico?
Maria Paciti		09 06 92 - 18 08 92	Tornozelo machucada
Zumu	40f	? 12 94 -	TB gang Iniciou tratamento. 06 01 95
Maria Tabaha	38f	11 03 92 - 06 10 92 ? 12 94 - 07 02 95 17 07 95 -	TB Pulmonar Início tratamento; 27 04 92 Suspeito TB Pulmonar (recaída) Cultura + TB Pulmonar Início tratamento
Mancel		11 03 92 - 14 10 92	TB pulm Início tratamento: 25 04 92
Antonio Moaci		08 06 92 - 16 10 92	Trop HS megalia. Anemia

Peduru	19 m	02 05 95	Tiop HS meg + anem +++
Ramu	40 m	13 01 95	TB pulmonar tratado. Acomp seu filho
Varcy (Filho de Ramu)	2 m	13 01 95	TB Pulm Iniciou tratamento: 03 95
Razizi	15 f	02 05 95	Incontinencia urinário
Zumu	40f	07 01 95	TB gang Iniciou tratamento: 06 01 95
Tikirivi	3m	02 05 95	Malária
Kevenari	6 m	07 01 95	TB Pulm Iniciou tratamento: 13 03 95
Mavarriii	35m	02 05 95	Problema cardiac (digoxin 0.25mg)
Irracuma	40f	02 05 95	Suspeito TB pulm (recaida)
Barravi	40m	17 07 95 -	Acomp-Espouso de Tabahá
Vanassaru	40m	17 07 95 -	Surdez malária
Massavari	55	17 07 95-	TB Ganglionar
Kuiri	45	17 07 95-	malária, HS meg, anemia
Mativi	36	17 07 95-	dianéia com pus dor no urina - DST
Toborá (esposa Mativi)	25m	17 07 95-	suspeito DST
Tudiaravi	16	17 07 95 -	Suspeito TB pulm. Dor no peito, fraqueza, febre.
Arrié (Filho de Tabaha)	5 meses	17 07 95-	Malaria
Cazuriirá	40	17 07 95-	TB gang - pescoso

Tudiavani (Filho de Cazurirri)	3	17 07 95-	malária, diarreia
Hopanahá	35	17 07 95-	Acomp de Cazurirrá esposa TB gang tratada
Poporini	20f	17 07 95-	Suspeito TB pulm
Kamariri (filho de Poporini)	3	17 07 95-	HS meg + malária + malnut
Maria Pacira		17 07 95-	TB gang auxilla
Vanarini	25f	? 12 94 -203 95 17 07 95-	Suspeito TB gang (recaida)
Kaú	17 m	17 07 95-	TB ganglionar, ingua.
Kiirá	45 f	17 05 95	Suspeito TB Pulm

Kumaru, 05 de junho de 1992

Ao sr. Sidney Possuelo

Presidente da Fundação Nacional do Índio

Nós índios Deni, vindo de todas as nossas aldeias, ou seja do lado do Rio Curruá; da Cidadezinha, Correção, Visagem e Kumaru; e do lado do Rio Xeruã; Buturu, Três Bocas, Buzina, Porto Novo, Madeira e Mutum, unidos na aldeia Kumaru. Queremos dizer para vocês:

- estamos jogados no mato sem assistência nenhuma, por isto o nosso povo está morrendo a mínima só este ano morreram 66 pessoas de sarampo porque não fomos vacinados, só na nossa aldeia Buturu morreram 22 pessoas:

- não temos remédios, estamos baqueado sem poder fazer roça e caçar, daí os brancos invadem nossas terras tirando: jacaranda, pau-rosa, madeira de lei (madeireiros), peixe (com barcos pesqueiros), caça e sorva.

- a gente trabalha tanto com branco e não ganha nada, porque eles nos enganam e roubam.

- nós índios trabalhamos (com sorva, borra, madeira de lei e carne) muito e vivemos jogados sofrendo sem nada e sempre devendo aos patrões, pois

DENI

A agonia de um povo no Amazonas

A população dos Deni já foi reduzida em 20% por causa de surtos de malária, sarampo, tuberculose; é preciso medidas urgentes para impedir sua extinção

O povo Deni, com pequenos povoados localizados na área entre a margem esquerda do rio Xeruã e as regiões centrais dos rios Cuniã, Mamoriã, Pauini, Guini, Inauini, Kapana e seus afluentes, no sudoeste do Amazonas, vive um drama: o declínio de sua população nos últimos quatro anos, por causa de surtos repetidos de malária, sarampo e tuberculose. Seis aldeias, situadas no Rio Xeruã, já sofreram um decréscimo populacional de 20%.

Com uma população de aproximadamente 500 pessoas, esse povo vive uma tradição que denuncia o descaso do governo com a saúde dos povos indígenas. O Cimi, através do Regional Norte I, tem alertado as autoridades sobre essa dramática situação e já enviou, no começo do ano, para os órgãos oficiais responsáveis pela saúde indígena um relatório detalhado contendo dados sobre a situação de saúde. Princi-



Fotos: Egon Heck

Desde 1992, já houve redução de 20% da população Deni

Situação de saúde

A equipe do Cimi alerta que falta uma rede de assistência para os Deni na região. Aqueles que adoecem devem fazer uma longa e traumática viagem para Manaus, sem a segurança de receber tratamento certo. É inviável enfrentar a situação sem nenhuma infra-estrutura na área. A criação dessa infra-estrutura é uma prioridade e cabe à Funai montá-la. O Cimi propôs que fosse feita uma Casa do Índio em Carauari com recursos humanos e estrutura física suficientes para fazer um trabalho não apenas de cura, mas também de prevenção. Também defende a instalação de um posto da Funai no rio Xeruã, na localidade de Nogueira, para servir de referência para diagnosticar e tratar os casos de malária e atender os outros problemas de saúde.

Para o Cimi também é fundamental que sejam formados agentes de saúde do pró-

ção e já enviou, no começo do ano, para os órgãos oficiais responsáveis pela saúde indígena um relatório detalhado contendo dados sobre a situação de saúde. Principalmente sobre os surtos e as seqüelas de malária, de tuberculose e de outras doenças e também apresentando o contexto sócio-político e o tipo de assistência e a falta de infra-estrutura existentes na área.

Durante o XIV Encontro Nacional de Saúde do Cimi, realizado no período de 21 a 25 de agosto, a médica Nicole Freris, do Cimi, apresentou os dados do relatório sobre o povo Deni feito sob sua coordenação junto com a equipe do Cimi que acompanha este povo. 40% da população estão com anemia clínica, provocada pelos surtos de malária; 75% estão com o bazo dilatado também por causa de ocorrências repetidas da malária; 15% estão com tuberculose. No momento, 20 índios Deni estão internados em Manaus por causa da malária.

Exploração dos patrões

"Todas as doenças deixam o povo numa situação bastante delicada. O caso da malária: quando não termina em morte, faz com que as pessoas fiquem suscetíveis a outras infecções", alerta Mara Lúcia Oliveira da equipe de saúde do Cimi. Entre as causas desse quadro, Mara Lúcia aponta as invasões por parte de madeireiros, de pescadores e de comerciantes - chamados de regatões por circularem de barco pelos rios explorando comercialmente os índios. Estes tornam-se dependentes deles e obrigados a trocar produtos, como farinha e peixe, por outros produtos que têm um custo inferior. Além da exploração comercial, os índios também têm sido arregimentados por madeireiros, os patrões, para extração de madeira nobre como mão-de-obra barata. Essa relação traz as doenças citadas aci-



Desde 1992, já houve redução de 20% da população Deni

mas e outras como as sexualmente transmissíveis.

"Desde a chegada das frentes extrativista no rio Xerua, os Deni foram usados como mão-de-obra na extração de sorva e seringa, trocando sua produção de forma desigual por bens industrializados como sal, querosene, tecidos, panelas. Isso ocasionou um ciclo vicioso de dívida e dependência, o que muitas vezes impediu o cultivo de suas roças, chegando a gerar períodos de fome. Com a queda precipitada do valor da borracha no mercado internacional, os Deni começaram a trocar por essas novas necessidades a farinha, o peixe, a caça, e a serem envolvidos na extração da madeira. Foi em 1992 que membros das comunidades Deni, no rio Xerua, seguindo a mando de seus patrões, se deslocaram para trabalhar na extração da madeira onde foram acometidos pela epidemia de sarampo...levaram a doença desencadeando o surto", denuncia o relatório da equipe do Cimi. Esse surto de sarampo e malária matou 80 pessoas e desde então a situação de doença só tem piorado.

Todas as aldeias, segundo o relato da equipe de saúde do Cimi, mantêm uma relação de troca com determinados "patrões" que

moram na área e que são intermediários dos empresários da região. O mais influente é o patrão Raimundo Lopes que mora dentro da aldeia, situada na boca do rio Xerua. Através do Cimi, a prefeitura de Carauari vem comprando vassouras produzidas pelas comunidades que determinam o que querem receber em troca. Diminuindo assim a dependência de comerciantes e intermediários.



Doenças atingem mais as crianças

buscar e tratar os casos de malária e atender os outros problemas de saúde.

Para o Cimi também é fundamental que sejam formados agentes de saúde do próprio povo. Já existe índios executando esse tipo de trabalho, mas precisam ser incorporados no treinamento da Fundação Nacional de Saúde. A equipe do Cimi também estabeleceu, em seu relatório, metas específicas para o combate à malária, à tuberculose, ao sarampo e outras graves doenças. Entretanto, os responsáveis pelos órgãos (Funai e FNS) que tratam da questão na região sempre argumentam que faltam recursos para executar as propostas.

O administrador da Funai, em Manaus, Raimundo Catarino Serejo, afirmou ao PORANTIM, na ocasião da entrega do relatório da equipe do Cimi no começo do ano, que não descarta o desaparecimento dos Deni por causa dos surtos. Também reconheceu que falta uma política do governo que olhe com mais clareza essa questão. O trabalho feito pela FNS, por sua vez, é mínimo diante da gravidade dos fatos. Existem apenas 33 profissionais de saúde envolvidos no atendimento aos índios em todo o Estado do Amazonas.

Demarcação da área

A falta de demarcação é também um problema que precisa ser resolvido urgentemente como forma de se impedir as invasões e o desaparecimento do povo. Já foi elaborado um laudo antropológico pelo antropólogo e missionário Gunter Kroemer, do Cimi Norte I. A área foi identificada através da Portaria nº 1813/75, com a extensão de 998 mil e 400 hectares. Na época, sua população foi estimada em 700 pessoas, depois dos surtos de doenças restaram 500. Aguarda-se a homologação da área e as urgentes providências dos órgãos responsáveis pela saúde indígena.

Sarampo e desnutrição batem mais índios Deni

Mais seis índios Deni morreram nos últimos meses, depois de já terem sido registrados cerca de 70 óbitos no início deste ano em consequência de um surto de sarampo que atingiu também a população ribeirinha do rio Xerua, no município de Itamaraty, no sul do Amazonas. Uma equipe integrada por membros do Cimi, Fundação Nacional de Saúde (FNS) e Secretaria Estadual de Saúde (Seas) constatou que os índios morreram de desnutrição e de outros problemas como seqüelas do sarampo.

A equipe voltou ao rio Xerua,

onde esteve pela última vez no mês de maio. A chegada nas aldeias ocorreu no dia 18 do mês passado e lá foram realizados novos testes para detectar incidência de malária, ocasião em que foi constatado que de 70 pessoas pesquisadas 18 encontravam-se contaminadas. O médico Paulo Moraes, do Cimi, revelou que o índice de malária entre os índios diminuiu. Ainda assim a incidência é grande na região.

Além dos levantamentos dos casos de malária, a equipe fez vacinação contra hepatite, tuberculose e

complementação contra o sarampo. Paulo Moraes disse que foram registrados casos de diarreia. Muitas pessoas que foram votar no município de Itamaraty retornaram com diarreia, provavelmente em decorrência da ingestão de água contaminada.

Madeiros — Outra constatação feita pela equipe que atendeu os índios Deni foi de que os madeiros já estão retornando à área indígena para fazer o corte das árvores e retirá-las do local daqui há alguns meses, na época da cheia dos rios. A presença de madeiros nas áreas

indígenas tem causado a transmissão de várias doenças como o sarampo que atingiu as aldeias Deni no final do ano passado.

Na cidade de Itamaraty, o prefeito Raimundo Lobo, "patrão" de vários madeiros da região, diz ser proprietário das terras habitadas pelos Deni. A área habitada tradicionalmente por aquele povo tem uma extensão de 998 mil e 400 hectares, localizada entre os municípios de Itamaraty e Tapauá e encontra-se interditada conforme portaria número 1813/E, de 17 de janeiro de 1985.

Cimi aponta perigo

As autoridades sanitárias do Estado estão em débito com a população do interior, em particular da região do Juruá e Purus, diz o Cimi Norte I, identificando naquela área inúmeras vítimas do sarampo, doença que continua matando: recentemente, mais quatro índios Deni morreram em consequência de epidemia que já matou 49 pessoas desse grupo. As mortes, dessa vez, aconteceram no rio do Sol, afluente do Curiúá, município de Tapauá.

De acordo com informações prestadas ao Cimi por membros da Pastoral Indigenista da Prelazia de Lábrea, três crianças e uma adolescente morreram em meados de março na região do rio do Sol. Elas faziam parte de um grupo de 20 pessoas que retornava para sua aldeia de origem, no rio Xeruã, de onde saíram quando o sarampo começou a fazer as primeiras vítimas nos afluentes daquele rio, no município de Itamaraty.

Na viagem de um mês e meio feita pelos membros da Pastoral Indigenista pelos rios Purus e Tapauá, eles constataram a situação de abandono em que se encontra a população do interior. A situação foi descrita por eles como "uma calamidade", pois as pessoas adoecem sem ter qualquer tipo de assistência. Nem mesmo os regatões passam pelo local para que os ribeirinhos possam comprar remédios.

Os membros da Pastoral Indigenista de Lábrea estão alertando às autoridades para o risco de outros grupos indígenas da região serem atingidos pelo sarampo. Só na região do Juruá e Purus os Apurinã, Kanamari, Palmari, Jarawara e Jamamadi podem ser as novas vítimas da epidemia da doença. Nas áreas indígenas o maior risco de proliferação de doenças e, em particular do sarampo, ocorre pelo contato dos "patrões" que exploram madeira dentro das reservas.

AMAZONAS EM TEMPO, 28/04/92

Doença mata índios Deni

A Pastoral Indigenista da Prelazia de Lábrea denuncia que por falta de vacina contra sarampo, quatro índios da tribo de Tapauá. De acordo com o Conselho Indigenista Missionário uma epidemia da doença já matou 49 índios Deni na região. Ontem o secretário de Saúde, Arnaldo Russo, assegurou que iria apurar o caso junto à Coordenadoria do Interior para constatar se já foi encaminhada vacina para a localidade.

A Secretária de Saúde desenvolve atualmente campanha de vacinação contra sarampo em todo o Estado e está atuando nos 72 Centros de Saúde do Interior, inclusive em locais de difícil acesso como os municípios de Itamarati, Boca do Acre e Envira. Junto com a Secretaria Municipal de Saúde, a Sesau espera vacinar até o dia 22 de maio, aproximadamente 867.763 crianças entre nove meses e 14 anos, na capital e no interior.

De acordo ainda com a Prelazia da Pastoral Indigenista de Lábrea que está percorrendo há um mês e meio os rios Purus e Tapauá, há constatação de que os índios estão abandonados em relação à saúde.

Em seu relato, a comissão revela

que três crianças e uma adolescentes morreram no mês de março, na região do Sol. As vítimas faziam parte de um grupo de 20 índios que retornavam para sua aldeia, no rio Xerua, de onde saíram quando o sarampo começou a fazer as primeiras vítimas nos afluentes do rio, no município de Itamarati.

A equipe da Pastoral Indigenista de Lábrea alerta a Coordenadoria do Interior da Sesau que a epidemia de sarampo se alastra e pode atingir outros grupos indígenas da região. Segundo eles, só na região do Juruá e Purus vivem as nações indígenas Apurinãs, Kanamari, Palmari, Jafawara e Jamandi que podem ser vitimados pela epidemia.

A justificativa dada pelo Cimi é de que as áreas indígenas são de riscos de contaminações por doenças levadas pelo contato de trabalhadores brancos que são levados por fazendeiros que exploram as madeiras dessa região habitada pelos índios.

A situação foi descrita pela equipe como uma "calamidade" devido as pessoas focarem doentes sem que recebam assistência que não passa nem mesmo pelos regatões para venderem remédios para os ribeirinhos.

edem socorro

José Roshá

Dos três grupos indígenas que habitam a região do médio e baixo Juruá, no sul do Amazonas, o povo Deni é o que se encontra em situação mais agonizante no momento. Entre julho e agosto do ano passado, um surto de sarampo deixou em pânico os ribeirinhos e a população das cidades de Carauari e Caetaú. Em dezembro, o surto foi levado para as aldeias situadas em alguns afluentes do rio Xerua, provocando nada menos que a morte de 55 índios entre Deni e Kulina.

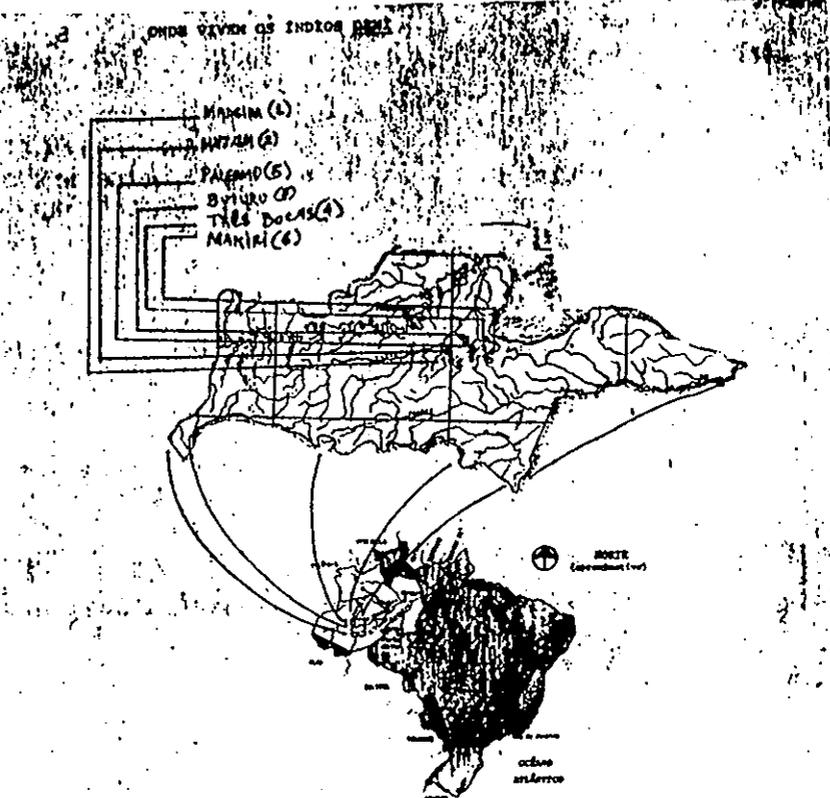
O alarmante número de mortes pelo sarampo coloca em evidência pelo menos dois grandes problemas enfrentados pelos povos indígenas da Amazônia: a violação do direito à terra e o estado de abandono com a falta de assistência à saúde - e, nesse caso, o problema se estende à toda a população das cidades do interior, sobretudo dos municípios mais afastados dos grandes centros urbanos.

O território tradicional habitado pelo povo Deni foi identificado pela Funai através da Portaria 1813/E de 7 de janeiro de 1985, com uma extensão de 998 mil e 400 hectares abrangendo os municípios de Itamarati e Tapauá, no sul do Amazonas. Na área, 359 índios Deni de seis aldeias convivem ao lado de um grupo de Kulina - primeiro povo a ser dizimado pela frente extrativista que alcançou o Juruá no primeiro "boom" da borracha no final do século passado.

Como de resto a maioria das áreas indígenas, a terra dos Deni é alvo de constantes invasões de madeiros, sorveiros e outros exploradores dos recursos naturais da região. O surto de sarampo, segundo constatou um grupo formado por funcionários da Funai, Fundação Nacional da Saúde e membros da equipe de Pastoral Indigenista de Carauari que esteve no local há cerca de 15 dias, foi levado por índios Kulina que, a mando do regatão Raimundo Lopes, retiraram madeira das próprias áreas indígenas. A exploração dos índios como mão-de-obra barata pelos regatões torna-se, assim, atividade lucrativa para os "patrões".

É com a exploração que o "patrão" Manoel de Jesus, na localidade de Nogueira, vendia aos Deni um quilo de açúcar pelo valor de cinco quilos de borracha. Em números: um quilo de açúcar saía para os índios ao preço de Cr\$ 3 mil e o "patrão" embosava nove vezes o valor do produto. Os números revelam ainda que uma lata de óleo custava para os índios Cr\$ 4.200,00; um quilo de sal Cr\$ 2 mil e uma barra de sabão Cr\$ 6 mil, enquanto na cidade o preço era de Cr\$ 600,00.

Saúde abandonada - A utilização da mão-de-obra dos índios pelos regatões, além de causar a destruição da economia das aldeias, tem resultado na transmissão de doenças antes desconhecidas pelos grupos indígenas. Enquanto autoridades e políticos locais se atiram contra a demarcação das terras e dizem defender o caboclo do interior, o estado de abandono das po-



A localização dos grupos atingidos

pulações interioranas revela que esse discurso não passa de uma grande mentira.

Foi em razão do estado de abandono que o socorro chegou tarde aos Deni. Na cidade de Carauari e nos municípios vizinhos, no início do ano, faltaram alimentos, energia elétrica, água e combustível. A presença do Estado naquela região, com a prestação dos serviços mais elementares à população, é praticamente nula: para atender aos índios, por exemplo, a Funai dispõe de um posto em Eirunepé e outro em Caetaú, com um funcionário em cada, para atender 700 pessoas daquela área numa extensão de mais de mil quilômetros.

Segundo informou um funcionário da Funai, a última vez que o órgão esteve presente na região do Juruá, fazendo levantamento dos problemas de saúde, foi em 1987.

"De lá em diante não se tem feito nada: faltam recursos para trabalhar", disse. As equipes da Prelazia de Tefé, em 1979 constataram que 80 pessoas morreram vitimadas por tuberculose e ainda hoje a doença não foi erradicada, apesar do esforço dos missionários.

De acordo com o levantamento feito pela equipe da Pastoral Indigenista, o surto de sarampo que atingiu os Deni e Kulina das aldeias localizadas nos igarapés Mutum, Buturu e Rezemá entre dezembro do ano passado e janeiro deste ano causou a morte de 55 pessoas. A maioria dos óbitos ocorreu entre as pessoas que se encontravam na faixa etária de 15 a 25 anos e, em algumas aldeias, até 37 por cento da população foram completamente exterminados pelo sarampo.

* J.Roshá é jornalista e assessor do Cimi

Urgência no combate

Entre 1989 e 1990 pelo menos 15 por cento da população lanomai foram dizimados por conflitos e pelas doenças levadas pelos garimpeiros. Em apenas dois meses, 15 por cento dos índios Deni sucumbiram diante do surto de sarampo e ainda é grave a situação desse povo devido o estado de desnutrição.

Ainda esta semana a Funai deslucou um médico e um laboratorista para atender os índios. Na área, uma médica que faz pesquisa junto aos Deni auxilia na vacinação dos moradores das aldeias no igarapé Buturu, enquanto um membro da equipe da Pastoral Indigenista de Carauari aguarda a chegada do pessoal da Funai para acompanhar o atendimento nas demais aldeias.

Conforme informações da Pastoral Indigenista, o surto de sarampo

causou a morte de 13 índios (16,7% da população) na aldeia Buturu, dois (2,5%) na aldeia Palermo/Buzina, uma em Três Bocas, seis em Mutum (12,8%), cinco em Mariri (11,1%) e 16 na aldeia Madeira (37,2%). O maior número de mortes (44,4%) ocorreu entre pessoas com idade entre zero e 14 anos.

O Comitê Coordenador das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira criticou a demora no atendimento aos índios do rio Xerua e alertou sobre a urgência do combate ao sarampo se estender a outros grupos indígenas dos municípios vizinhos. Os membros da organização manifestaram preocupação diante das precárias condições de atendimento às populações indígenas e o abandono em que o Estado deixa a população do interior. (J.R.)

Cimi denuncia novos óbitos de índios Deni

Depois dos 55 óbitos registrados entre dezembro e fevereiro entre os índios Deni e Kulina, do rio Xerua, em consequência de um surto de sarampo, mais três pessoas morreram nos últimos dias, de acordo com informe transmitido ontem pelo Conselho Indigenista Missionário - Cimi/Norte 1, com base em informações atribuídas a funcionários da Funai confirmando duas mortes na aldeia Buturu, onde 18 índios já haviam morrido, e uma no Maquiri, no Igarapé Cumaru.

Mesmo tendo conhecimento da gravidade da situação entre os Deni e as dificuldades de transporte e comunicação no rio Xerua - diz o Cimi - os funcionários da Funai que se dirigiram para o local no dia 19 de março passado não se prepararam para prestar a assistência de que os índios necessitavam. Um médico e um laboratorista que deveriam fazer atendimento às aldeias visitaram apenas duas delas, onde atenderam 68 pessoas, sem se dirigirem para as aldeias onde ocorreu o maior número de mortes.

Em seu relato sobre a viagem -

continua o Cimi - o médico Carlos Alberto do Nascimento Ferreira justificou o não atendimento pela falta de um motor tipo "rabeta". "Como as distâncias eram muito grandes, desistimos", relata o médico da Funai. Até mesmo o material de laboratório e medicamentos não foram transportados para a aldeia, pois o médico e o outro funcionário do órgão esperavam que os índios, bastante debilitados pelas doenças, carregassem o material num percurso de três horas numa trilha por dentro da mata.

Ainda segundo o relato do médico da Funai, além da desnutrição provocada pelo sarampo, foram detectados casos de malária "vivax" e "falciparum". Dias antes, a atendente de enfermagem do órgão, que esteve na área indígena, havia constatado também problemas de verminose, anemia, micose e tuberculose ganglionar, confirmados por Carlos Alberto Ferreira.

Agrava ainda mais a situação dos índios Deni - de acordo com o Cimi - a exploração feita pelos "patrões". Um deles, Raimundo Lopes, continua obrigando os índios a reti-

rar madeira, apesar destas se contrarem profundamente debilitados. Os índios denunciaram ao grupo composto por membros da Funai, Cimi e Fundação Nacional da Saúde que o "patrão" Antônio Cunha está cobrando o arrendamento de toda a madeira retirada pelos índios.

Esse tipo de exploração, que força o contato entre exploradores de madeira e os índios, permitiu a rápida disseminação do sarampo entre os índios. Enquanto não for impedida a invasão das áreas indígenas pelos regatões e "patrões", não será possível controlar a entrada de doenças, alerta o Cimi.

O alerta feito pela atendente de enfermagem da Funai, Ana Ruth, também mostra a situação dramática dos índios. Segundo ela, "com tantas epidemias, seguidas de tantos óbitos, a tendência desses grupos (Deni e Kulina) é a dizimação total, pois atualmente a malária e o sarampo vieram juntos para dar sua contribuição". Na área dos Deni, dois membros da Pastoral Indigenista de Caruarí permanecem prestando assistência aos índios.